este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 25 DE FEVEREIRO DE 1971 N.º 17 305 ANO 50.º PREÇO 1$50

TAPETES CARPETES
Carpélio
UM PRODUTO DA CARPELIO MALHAS, S.A.R.L. TROFA
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO
ÉLIO AMORIM & FILHO, LDA.

APÓS CINCO ANOS DE AUSÊNCIA, INGRID BERGMAN voltou a um teatro de Londres, onde está a representar a peça de Bernard Shaw «Captain Bresshound's Conversion». Na foto, vêmo-la com as duas filhas, Isabella (de negro) e Ingrid, no camarim do teatro. As duas raparigas, gémeas, de 18 anos, são filhas do realizador italiano Roberto Rossellini.

A CRIAÇÃO DO BAIRRO DE ALGÉS E DESDOBRAMENTO DA AMADORA EM DUAS NOVAS FREGUESIAS

—SUGESTÃO DO CHEFE DO DISTRITO NA POSSE DA NOVA PRESIDÊNCIA DA CÂMARA DE OEIRAS

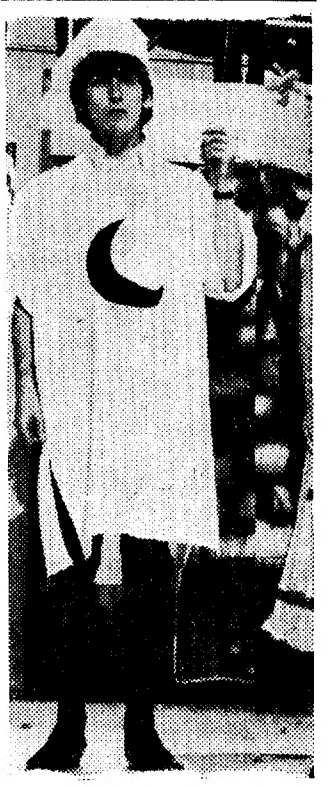
«Muitas situações difíceis se poderão evitar se as Câmaras construirem bairros de renda económica — nalguns casos direi mesmo simbólica — para que os infelizes utentes desses buracos infectos (barracas) possam vir a usufruir de uma habitação condigna de um ser humano — afirmou hoje o dr. Afonso Marchueta, governador civil de Lisboa, no acto de posse dos presidente e vice-presidente do Município de Oeiras, respectivamente eng.º Armando de Brito Subtil e dr. Alfredo Garcia.

À cerimónia, que decorreu nos Paços do Concelho de Oeiras, assistiram individualidades oficiais e representativas da vida social local e muito povo.

Ao usar da palavra, o chefe do distrito chamou a atenção para o caso das construções clandestinas que *«constituem um mal contra o qual se torna necessário reagir, começando por debelá-lo e prosseguindo até á sua extinção»*.

Quanto á Brandoa disse o dr. Afonso Marchueta que *«não se pode colocar o Governo ante factos consumados como aqueles»*. No entanto, é dever do Município *«procurar tornar menos dura a vida aos habitantes dessa zona, até porque a maioria deles, quando para lá foi residir, talvez*

(Continua na 17.ª página)



PELA QUINTA SEMANA CONSECUTIVA, «My sweet lord», do Beatle George Harrison, mantém-se à cabeça dos «top-ten». (Ler na pág. 18)

O Chefe do Governo está hoje na Ilha do Fogo

CIDADE DA PRAIA, 25 — (A. N. I.) — As 11 horas de Lisboa, o Chefe do Governo acompanhado pelo governador de Cabo Verde, desembarcou na ilha do Fogo para onde partira desta cidade, uma hora antes, na moveta «Jacinto Candido».

O desembarque efectuou-se no porto do Vale dos Cavaleiros após o que o prof. Marcello Caetano seguiu a pé para a residência do administrador do concelho, sr. Artur Nobre dos Santos, onde almoçou.

À tarde, o Presidente do Conselho visita a zona norte da ilha. A parte sul será visitada amanhã de manhã seguindo o prof. Marcello Caetano á tarde para a ilha Brava.

A terra tremeu em S. Pedro do Sul

S. PEDRO DO SUL, 25. — Cerca das 10 e 45, foi aqui sentido um ligeiro tremor de terra. Alguns habitantes da vila, nomeadamente os que vivem em habitações mais modestas, fugiram para a rua receando que o abalo fosse mais violento.

N. da R. — Nos competentes observatórios de Lisboa e do Porto não foi, todavia, registado qualquer tremor de terra.

HOJE 32 PÁGS. VISADO PELA CENSURA

OTTO PREMINGER CRITICA O CONGRESSO MUNDIAL JUDAICO

BRUXELAS, 25. — (R.) — O realizador americano Otto Preminger acusou o Congresso Mundial Judaico aqui reunido para discutir a situação dos judeus na União Soviética de ter reagido «da mesma forma que os nazis ou os comunistas» ao impedir de falar o militante rabino Kahane.

Preminger cujo filme «Êxodus» descreve a criação de Israel, falou ontem á noite no Congresso, depois de se terem verificado desordens e violentas discussões entre os 700 delegados, que se encontram divididos entre moderados e militantes.

As palavras de Preminger foram recebidas com alguns aplausos, mas as vaias foram mais fortes, misturadas com insultos, pelo que a conferência parecia estar novamente á beira do colapso.

O orador porém, decidiu pedir desculpa pela compara-

(Continua na 18.ª página)

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

TEM 1 MÊS À SUA FRENTE

FALTA exactamente um mês para expirar o prazo de recepção dos cupões-duplos que habilitam os nossos leitores aos valiosos prémios instituídos para a iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa». O primeiro destes prémios é, como se sabe, um magnífico andar no Parque Residencial e Turístico de Miraflores e um automóvel «Mercedes-Benz 220». Mas, além destes, muitos outros prémios aguardam o «Leitor do Diário de Lisboa». Estes prémios atingem um valor global superior a mil e quinhentos contos. Para se habilitarem a esses prémios os nossos leitores nada mais terão a fazer do que enviar-nos o cupão-duplo que temos vindo a publicar, acompanhado de um selo de escudo, e coleccionar os «cabeçalhos» do jornal no período compreendido entre 2 de Janeiro e 31 de Março.

Após a recepção do cupão-duplo será enviado a cada

(Continua na página seguinte)

LOPEZ BRAVO ILIBADO NO CASO MATESA

MADRID, 25 — (A. P.) — O Supremo Tribunal voltou ontem uma página do caso Matesa ao considerar que não há motivos para processar outras personalidades políticas ou outros funcionários envolvidos no escândalo além daqueles cuja responsabilidade já se encontra definida há meses.

Segundo informações dignas de fé, a mais alta jurisdição espanhola seguiu as recomendações do seu presidente, Francisco Ruiz Jarabo, e ilibou dois ministros do actual governo, Gregorio Lopez Bravo (Negócios Estrangeiros) e José Luís Villar Palasi (Educação Nacional) que tiveram conhecimento das actividades da Matesa, o primeiro como ministro da Indústria e o segundo como conselheiro.

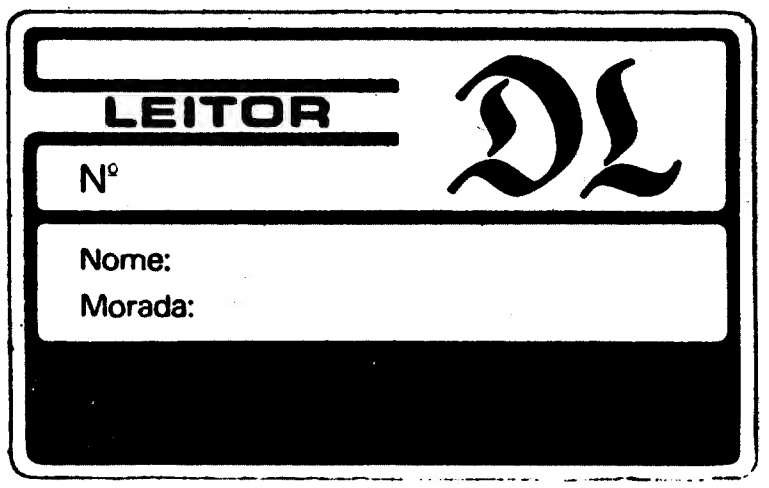
ÚLTIMAS NOTÍCIAS — LER NA PÁG. 17

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

(Continuação da pág. anterior)

participante um cartão numerado que o identifica como «Leitor do Diário de Lisboa», para o sorteio a realizar no final desta iniciativa. Nas colecções a que o Regulamento obriga é permitida a falta de cinco exemplares em cada mês.

Como se vê, o processo de participação nesta iniciativa é muitíssimo simples e nem sequer obriga a dispêndio de tempo. Basta apenas cortar diàriamente o «cabecalho» do jornal, após a sua leitura, e guardá-lo.



A gravura reproduz o cartão de Leitor do «Diário de Lisboa» que está a ser enviado aos participantes na iniciativa, com o número que os habilitará ao sorteio

REGULAMENTO

- a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diario de Lisboa» residentes no continente
- O leitor deverá recortar e preencher o cupão duplo que estamos a publicar e onde deverá inscrever o seu nome e morada a localidade onde reside e facultativamente a profissão e o numero do telefone e ainda a tabacaria ou o vendedor a quem adquire o «Diario de Lisboa»
- preenchido o cupão-duplo este deverá ser remetido para a Rua Castilho 185-1.º Lisboa 1 acompanhado de um selo de 1$00 se pretender que o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja devolvido pelo correio
- se o leitor pretender que lhe seja entregue pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa» o seu cartão de dentificação não juntará ao cupão-duplo o selo de 1$00 que se destina lògicamente a despesas de correio
- recebido o cupão-duplo os leitores ficarão classificados por ordem numerica e alfabetica O cartão de dentidade receberá o mesmo número do cartão-duplo
- o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos premios ja instituidos e ainda a beneficios de outras iniciativas a promover
- o leitor do «Diario de Lisboa» para poder receber o premio que lhe for atribuido em sorteio tera de provar ser leitor habitual demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos» (*) do «Diario de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 2 de Janeiro e 31 de Março de 1971 É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês

(*) Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da 1.ª página do jornal donde consta o nome deste e a data da publicação

O ENVIO DO SELO

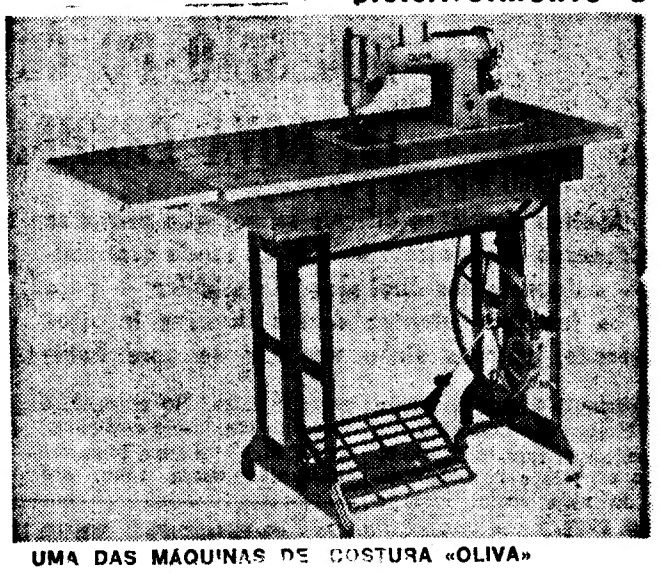
Quem pretenda que lhe enviemos, pelo correio o cartão de identidade de «Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1$00

Se ainda não enviou o seu cupão-duplo não guarde para os últimos dias, pois o prazo de recepção termina impreterivelmente a 25 de Março. Mesmo que não possua os exemplares atrasados de que eventualmente necessite para completar a sua colecção pode na mesma participar nesta iniciativa, bastando pedir esses jornais aos nossos serviços, na Rua Castilho, 185, 1.º. Ainda temos jornais para completar as colecções que faltem.

Lembramos uma vez mais que cada leitor apenas pode participar com um único cupão-duplo, pois trata-se de uma iniciativa para os nossos leitores, em que todos devem participar dispondo de iguais probabilidades.

CORRESPONDÊNCIA

Toda a correspondência (incluindo a que se refere ao envio de cupões) deve ser dirigida a «LEITOR DO «DIARIO DE LISBOA», Rua Castilho, 185, 1.º — Lisboa 1



UMA DAS MÁQUINAS DE COSTURA «OLIVA»

DEZ MÁQUINAS DE COSTURA

10 EXCELENTES MÁQUINAS de costura «Oliva» são, também, prémios da nossa iniciativa. «Oliva» — máquina de costura portuguesa cuja categoria é reconhecida no País e no estrangeiro, só é possível graças à complexa e moderna organização fabril orientada pela técnica mais evoluída e apetrechada com maquinaria de incontestável rigor e eficiência. Os já largos anos de presença em todos os mercados nacionais e estrangeiros e as centenas de milhares de máquinas de costura «Oliva», em plena actividade, nas mais favoráveis condições de trabalho e rendimento, são prova eloquente da sua incontestável classe.

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Aceitam-se desde já assinaturas pelo período da iniciativa Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes

3 meses — 130$00
6 » — 250$00
12 » — 485$00

Pagamento adiantado, em cheque ou vale de correio

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

RECORTE E ENVIE AO «DIARIO DE LISBOA»

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

SÃO ESTES OS DOIS CUPÕES IDENTIFICADORES QUE CADA LEITOR DO NOSSO JORNAL TERÁ DE PREENCHER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS. NO CASO DE PRETENDER RECEBER PELO CORREIO O CARTÃO DE IDENTIDADE DE LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», DEVERÁ JUNTAR UM SELO DE 1$00

ELEIÇÕES MUNICIPAIS EM FRANÇA

AS RELAÇÕES ENTRE A S. F. I. O. E O PARTIDO COMUNISTA

Por MAURICE DUVERGER

Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»

O conflito entre o Partido Comunista e o Partido Socialista sobre a táctica eleitoral de Lille, Marselha e Toulouse prolonga uma velha tradição. Sob a III República, a S. F. I. O. sofreu, por parte dos radicais, as afrontas que tenta hoje infligir ao P. C. F.: utilizar a extrema-esquerda para se fazer eleger e depois prescindir dela para governar ou administrar. No plano parlamentar, as coligações parlamentares depressa se desagregavam: o Partido Radical abandonava os seus aliados socialistas em geral, ao fim de dois anos, para se unir ao centro e ao centro-direita. No plano municipal alguns dos seus «leaders» faziam um jogo análogo aos de Defferre, Manroy e Bazerque. Reencontrar-se-iam nos dirigentes S. F. I. O. de antes da guerra amargos protestos semelhantes aos actuais de Fajon e Marchais a mesma virtuosa denúncia de práticas imorais e ameaças análogas de usar de medidas de retaliação.

RISCO

É certo que a situação não era, nessa altura, idêntica à de hoje; no entanto, é interessante recordá-la porque as analogias (e as diferenças) são instrutivas. Quais são essas diferenças? Primeiro, a S. F. I. O. recusou a participação ministerial até 1936, limitando-se ao apoio parlamentar: isso tornava mais fáceis os volta-faces dos radicais. Sobretudo, porque ela não tinha meios de se lhes opor. O acordo com o Partido Radical nas eleições legislativas não trazia poucos lugares aos socialistas, o que estes muito apreciavam, pois as poucas fases de Governo de esquerda permitiam fazer votar medidas bastante progressistas que não teriam sido votadas de outro modo. Recusar a aliança eleitoral com os radicais teria lançado estes ainda mais para a direita, teria tornado a política francesa mais conservadora e teria privado a S. F. I. O. de meios de influência que não eram de desdenhar. Aliás, os seus eleitores não teriam compreendido uma tal intransigência.

A posição actual dos comunistas face ao partido socialista é, evidentemente, muito diferente. As afrontas que lhes fazem suportar têm menos contrapartidas. Em 1938, os socialistas nem sequer deram ao P. C. F. os dois anos de prazo que os radicais concediam à S. F. I. O., sob a III República, antes de derrubarem a aliança de esquerda. Propunha-se nesse ano aos comunistas que apoiassem Poher, na segunda volta, sem se lhes esconder que seriam afastados do poder logo no dia seguinte à sua vitória comum. Depois das eleições legislativas ganhas pela esquerda, a perspectiva de um Governo com a participação do P. C. F. é bastante inconsistente e muitos socialistas continuam a opor-se-lhe. Hoje, os comunistas arriscam-se muito mais a tirar as castanhas do lume em benefício do Partido Socialista que a S. F. I. O. arriscava em 1940 em benefício dos radicais.

ESTRATÉGIA

A atitude perante as eleições municipais deve ser apreciada nesta perspectiva global.

Sejam quais forem as particularidades desse escrutínio e o seu carácter local e pessoal, o certo é que ele está sempre ligado a uma estratégia política de conjunto. Sob a III República os socialistas podiam aceitar uma situação de complementaridade a título gratuito em relação aos radicais, em certas cidades, porque tinham a garantia de uma aliança nacional nas eleições legislativas, susceptível de chegar, durante algum tempo, a um Governo de esquerda com uma política de esquerda. O P. C. francês não tem hoje as mesmas razões

(Continua na 18.ª página)

NOTA diária

A NOVA PARTIDA

ENCAMINHA-SE PARA O FIM a segunda sessão legislativa da actual legislatura da Assembleia Nacional, que dentro de dias deveria encerrar-se mas cujo funcionamento foi prolongado, como a lei admite, até ao próximo dia 18 de Março. E não se dirá que a actual Assembleia, eleita em Outubro de 1969, não tenha revelado, como ao tempo anunciaram alguns dos arautos da nova política, uma certa capacidade de realizar aquilo a que os italianos chamam o «agiornamento». É inegável que a Assembleia actual se tem mostrado atenta à evolução de alguns problemas fundamentais da vida nacional e de certo modo ousada na crítica a alguns aspectos desses problemas. Em termos, pode dizer-se, diferentes daqueles que se tinham estabelecido como padrão admitido.

Esta evidente transformação, que uns considerarão profunda e outros dirão insignificante, que a alguns parecerá tímida e a outros ousada quando não vergonhosa, parece estar dentro das previsões de quem dirige a política do País e constituir, por consequência, aquilo a que é costume chamar um risco calculado. Que dizer, por um lado, a política «new style» fez questão de não alterar o regime que diz não admitir a existência de partidos políticos, pelo menos no plural, mas, por outro lado, procurou atrair nomes novos de gente nova, politicamente boa na conta de não comprometida, para serem incluídos nas listas de candidatos a apresentar pela então ainda designada «União Nacional». Houve quem aceitasse a experiência.

Que pode apurar-se já agora dessa experiência? Parece perfeitamente de compreender que pessoas de algum modo ligadas ao processo político constituído pelo que têm podido ser, ao longo dos anos, as actividades da oposição chamada tradicional se não se sentissem em condições de aceitar o repto. Em primeiro lugar talvez tivessem perguntado ou pensado perguntar que garantias lhes eram oferecidas, em segundo lugar, que outros até podiam em primeiro, não se sentiriam atraídos para um passo que, aqui ou ali, não deixaria de ser interpretado como uma capitulação, uma negação de si próprios, um gesto de deitar fora, de uma vez só, tudo o que considerassem o seu capital de fidelidade, o seu património de coerência, o seu orgulho de respeito por um ideário. Ficaram.

Mas foi entre os mais novos, portanto menos comprometidos de ligações, que os responsáveis pela nova política de que o prof. Marcello Caetano se fez incontestado arauto, que se procurou essa espécie de sangue novo com que o regime pretendeu revigorar o seu funcionamento. Parece possível, nesta altura, dizer que não foi carta perdida no jogo que está a ser jogado sobre um tabuleiro que não é o mesmo e onde as pedras também são outras. Será que são outras também as regras do jogo? Ai é menos segura uma conclusão que se pretenda paralela, quando, pelo contrário, tudo o que nos foi dito, pelos que assumiam a responsabilidade de dirigir a manobra, e que o jogo que se ia jogar seria o mesmo. Se nisto há quem se tenha por desiludido, a culpa será apenas dos intérpretes e não de quem propôs a partida.

O pequeno grupo constituído dentro da Assembleia Nacional, o pequeno grupo em que não tardou a destacar-se o jovem e malogrado deputado Pinto Leite, desaparecido no desastre da Guiné, não é nem pretende ser, que se veja, uma formação coesa, ligada por algum compromisso, mas algumas pessoas que têm de comum a capacidade de observar os problemas por si próprios, sem estar à espera de amens seja de quem for nem mesmo de entre si os distribuírem. Se esta era uma finalidade táctica do prof. Marcello Caetano, se isto correspondia às suas intenções, bem nos parece legítimo considerar que o lance lhe pertence, isto é, que ele o ganhou. É bem possível que alguém ache isto deplorável e perigoso. É possível também que outros possam perguntar o que é que se ganhou. Pela nossa parte parece-nos justo entender que se ganhou um ponto na clarificação dos costumes políticos do País.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

FIL

RESTAURANTE

REABRE AO PÚBLICO EM
27 DE FEVEREIRO
AGORA SOB A NOVA GERÊNCIA
E O SERVIÇO DAS PASTELARIAS

MARQUES e BENARD

ESTACIONAMENTO ASSEGURADO

«O QUE A BÍBLIA DIZ»

CURSO GRATUITO DA BÍBLIA POR CORRESPONDÊNCIA
PARA FAZÊ-LO ESCREVA À ARLIE SMITH
APARTADO 5103 LISBOA-5

novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril *

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

MARIA DE LOURDES RESENDE

LES CASTORS
ORIGINAIS ANTIPODISTAS

GEORGES REICH

JIRINA'S COMBO • FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

Angie Bubbles
SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H. maiores de 17 anos
NO WONDER BAR Á 1,0H. maiores de 21 anos

MERCEDES

CADILLAC — OPEL — VAUXHALL E FORD
REPARAÇÕES E CORRECÇÕES DE DEFEITOS

Pessoal especializado nesta marca.
Ferramental apropriado.
Correcções de defeitos e reparações gerais.
Secções de MECÂNICA, BATE-CHAPAS, ELECTRICISTA, PINTURA e ESTOFADOR.
Reparações em CAIXAS E DIRECÇÕES AUTOMÁTICAS.
Trabalhos de 1.ª. Serviço rápido e eficiente, executado por oficiais.

ORÇAMENTOS PRÉVIOS

COTAL — R. de Artilharia Um, 105-A — Tel. 68 31 31
R. dos Lusíadas, 113-A — Tels. 63 10 57/8

SERVIÇO INDEPENDENTE

SATÉLITE

UMA NOVA SALA DE CINEMA • MODERNA • FUNCIONAL
PARA INAUGURAÇÃO, UM FILME DE GRANDE IMPACTO HUMANO E ELEVADA CRAVEIRA TÉCNICA E ARTISTICA.

10 ANOS

um excl. RIVUS

coisas da vida
("LES CHOSES DE LA VIE")

MAIORES 17 ANOS

REAL.: CLAUDE SAUTET

EASTMANCOLOR

MICHEL PICCOLI · ROMY SCHNEIDER · GÉRARD LARTIGAU · LEA MASSARI

Filme seleccionado para representar a França no Festival de Cannes de 1970 — Prémio LOUIS DELLUC

SATÉLITE

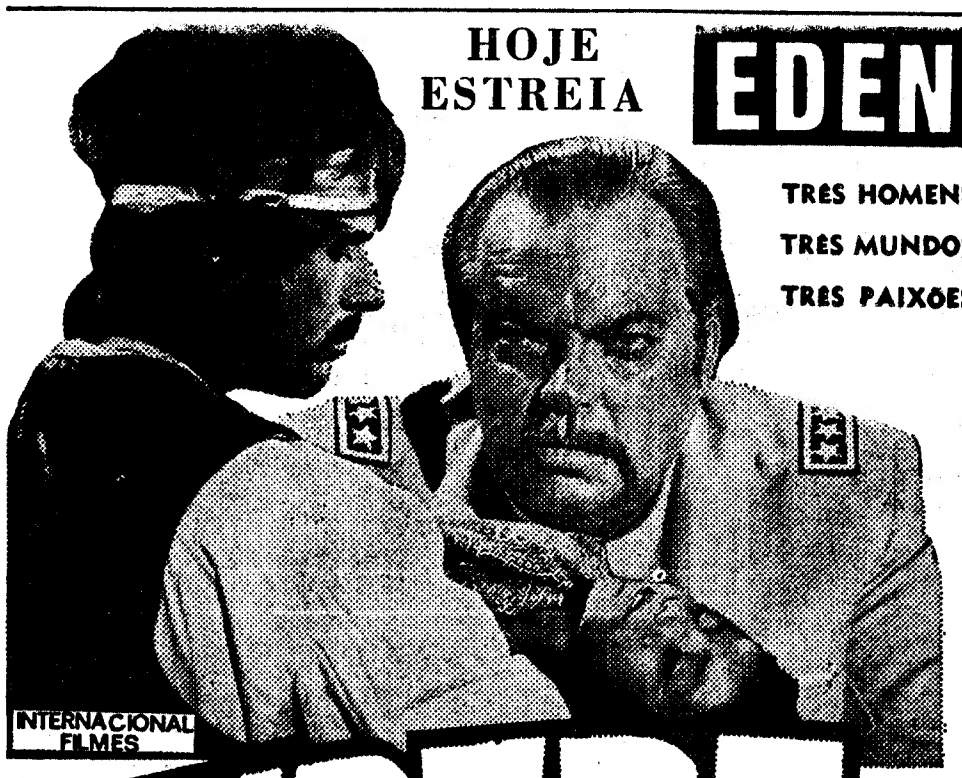
HOJE às 21.45 h. ESTREIA

Receita integral a favor da CRUZ VERMELHA PORTUGUESA
Este cinema encontra-se situado no Cinema Monumental. Lotação esgotada

Em complemento:
«EU QUERO A LUA» — desenhos animados, uma produção da Telecine Moro
«PORTUGAL DE MIL CORES» — Uma produção de Miguel Spiguel

HOJE ESTREIA

EDEN



TRÊS HOMENS!
TRÊS MUNDOS!
TRÊS PAIXÕES!

INTERNACIONAL FILMES

TEPEPA

Com TOMAS MILIAN - ORSON WELLES

ADULTOS JOHN STEINER Technicolor REALIZADOR GIULIO PETRONI

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«NEM SANGUE NEM ARENA»

REALIZAÇÃO — Alejandro Galindo (México).

INTÉRPRETES — Mário Moreno (Cantinflas), Susana Guizar, Pedro Armendariz, Fernando Soto, Elvira Salcedo, Alfredo del Diestro, etc.

DISTRIBUIÇÃO — Columbia Filmes.

REPOSIÇÃO — Cinema Eden (18.2.1971).

Quem não recorda já o Cantinflas de início de carreira tem agora uma excelente oportunidade de rever o seu humor agressivo e a expressividade do seu trabalho. Com os anos, o actor perdeu qualidades e o seu cinema perdeu impacto. Cantinflas é, hoje em dia, um moralista intragável. Mas, veja-se este «Nem Sangue, Nem Arena» e logo se perceberá o que estava por detrás da mediocridade ingénua dos seus filmes: Cantinflas era realmente uma continuação de Charlot em países subdesenvolvidos. Perseguido pelos polícias (que o empurram, o deitam ao chão, o prendem, o maltratam), bem assim como pelas pessoas bem instaladas na vida (que o olham de soslaio, o insultam, o desprezam), Cantinflas nunca deixa de ser o pobre diabo que veste a casaca de outro (aqui «capote de luces» de Manolete) para desencadear um cortejo de *gags* e uma verbosidade intraduzível. Expedientes a que deita mão para sobreviver.

Em «Nem Sangue, Nem Arena», dois momentos merecem particular atenção: uma sequência em que Cantinflas pretende entrar numa praça de touros e não possui dinheiro que lhe permita o ingresso e um almoço de homenagem a Manolete, durante o qual Cantinflas vai comendo pratos de sopa sucessivos enquanto discorre sobre touros (que ele prefere... no prato).

Nesta altura ainda não era Miguel Delgado o funcionário de serviço ao cinema de Cantinflas. Limitava-se a ser assistente de realização de Alejandro Galindo. Mas, nem por isso, cinematográficamente, a película ultrapassa a indigência técnica e narrativa.

Mário Moreno é que dá «show». Para o ver (nos seus bons velhos tempos), vale a pena ver «Ni Sangre, Ni Arena».

LAURO ANTÓNIO

Tauromaquia

Morreu «Palmeño» I

PALMA DEL RIO 25. — (A. N. I.) — Julio Foullerat Garcia, «Palmeño», que foi famoso matador de touros durante os anos trinta, faleceu, ontem á noite, na sua residência de Palma del Rio.

«Palmeño», iniciador de uma dinastia tauromáquica, nasceu em 1900 e apresentou-se como novilheiro em Madrid (1927). Recebeu a alternativa no ano seguinte, na praça de Ecija, para confirmá-la na capital espanhola em 1929

Deixa um filho, também matador de touros: Manuel Garcia, «Palmeño» como o pai.

Novidade no ABC

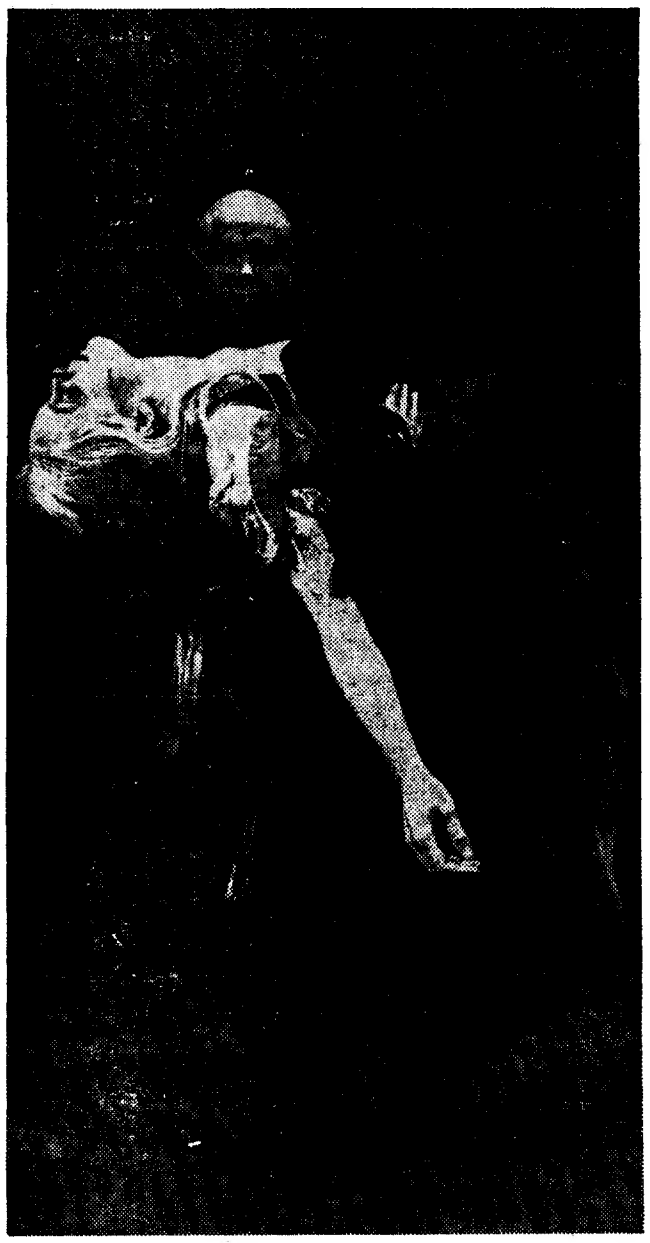
«FRANGAS NA GRELHA» COM CAMILO E IVONE

Camilo de Oliveira, Ivone Silva, Nicolau Breyner, Anita Guerreiro e Tony de Matos, este em participação especial, são as primeiras figuras da nova revista «Frangas na grelha», que se estreia amanhã á noite no ABC.

Original da conhecidíssima parceria Paulo da Fonseca-César de Oliveira-Rogério Bracinha, com musica dos não menos conhecidos João Nobre e João de Vasconcelos, «Frangas na grelha» promete vários quadros de sátira (actualizada), entre eles um que por certo cairá no goto do publico.

O elenco inclui ainda Anabela, Luís Horta, Orlando Fernandes, Maria Tavares, Nina Flores, Lina Morgado, Eduardo Vilaverde, Fernanda Pinto e Leonor Cafum. Um «ballet» internacional sob as vistas do director coreográfico Barry Seray.

Montagem do prof. Manuel de Lima e maquetas do mesmo e de Pinto de Campos, Moniz Ribeiro, Fernando Bento e José Alberto são os principais argumentos plásticos do novo espectáculo.



Irene Cruz («La Señora») e Morais e Castro («Irmã Ângela») numa cena de «As irmãzinhas», de Eduardo Manet, o novo espectáculo do Grupo 4 dirigido por Costa Ferreira. Espectáculos hoje e amanhã, no Tivoli, ás 18 e 30

MAIS DE MEIO MILHÃO DE ESPECTADORES
nas primeiras semanas em Paris !

JEAN-LOUIS TRINTIGNANT
LE VOYOU
O PATIFE
O PRIMEIRO POLICIAL DE CLAUDE LELOUCH

ACONTECIMENTO CINEMATOGRÁFICO
HOJE ÀS 21,30 NO
SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK
United Artists
eastmancolor
ADULTOS
MÚSICA DE FRANCIS LAI GRAVADA EM DISCOS U.A.
DISTRIBUIDOS, EM PORTUGAL, POR RÁDIO TRIUNFO, LDA.

CASACOS DE CABEDAL E CAMURÇA
SALDOS
TEMOS UM GRANDE SORTIDO PARA HOMEM E SENHORA, PRODUÇÃO DA NOSSA FABRICA, QUE SALDAMOS A PREÇOS BASTANTE BAIXOS.
ALFAIATARIA VERÍSSIMOS
AV GUERRA JUNQUEIRO 8-C

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(1.ª Divisão)

FARENSE-SPORTING

28 DE FEVEREIRO

A C. P. organiza, em colaboração com o Sporting Club de Portugal, um comboio especial de Barreiro a Faro e volta, em ligação a carreira especial entre Lisboa (Terreiro do Paço) e Barreiro, por ocasião do desafio de futebol «Farense-Sporting», ao preço de 130$00.

HORÁRIO:

Partida de Lisboa (Terreiro do Paço) 5 horas
Partida de Faro 18 e 25
Chegada a Faro 11 horas
Chegada a Lisboa (Terreiro do Paço) 0 e 25

Bilhetes á venda na Sede do «Sporting Club de Portugal» e nas estações de Lisboa (Rossio) Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Terreiro do Paço).

TEATRO VARIEDADES TEL. 326037

HOJE: 2 sessões 20.45 e 23 h.
(ADULTOS)
GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO
APRESENTAM A COLOSSAL SUPER-REVISTA
● ... E O ZÉ FAZ TUDO!...
com SALVADOR ● FLORBELA ● CARLOS COELHO
Colaboração especial de MARIEMA
À FRENTE DE UM EXCEPCIONAL ELENCO!
DOMINGO À TARDE, ÀS 16 HORAS
ÚLTIMOS DIAS
Dia 11, estreia no Sá da Bandeira, no Porto

TEATRO CAPITÓLIO TEL 327493

HOJE, às 21.45 h. (M/ 17 anos)
Domingo: à tarde às 16 h.

TEATRO MONUMENTAL TEL 555131

Hoje: às 21.45 h.
(Maiores de 17 anos)
EM ÚLTIMOS DIAS!
VASCO MORGADO APRESENTA
EM 3.º MÊS!
A Casa das Cabras
com MILU na protagonista, Armando Cortez, Mário Jacques, Guida Maria, Luís Pinhão, Óscar Caetano, Norberto de Sousa, António Machado, António Semedo
Sábado: 2 sessões 21 e 23 h.

TEATRO MARIA VITÓRIA TEL 361740

Hoje: 2 sessões 20.45 e 23 h.
ADULTOS
GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO APRESENTAM EM TRIUNFAL 5.º MÊS A SENSACIONAL REVISTA
● PIMENTA NA LÍNGUA!...
Prémio da Imprensa como a melhor revista 1970
com JOSÉ VIANA (Prémio de Imprensa 1970) ● AIDA BAPTISTA ● BARROSO LOPES ● DORA LEAL ● e as atracções ANA ROSMANINHO ● RONY VALY
E NO «COMPÈRE»
● OCTÁVIO DE MATOS
À frente de uma grande companhia!
DOMINGO, À TARDE, ÀS 16 HORAS

DORA LEAL

VA CEAR A FURNA VA CEAR A FURNA VA CEAR A FURNA VA CEAR A FURNA VA CE
rua ferreira lapa, 38 d-à duque de loule - rua ferreira lapa, 38 d-a duque de loule - rua ferreira lapa

AMANHÃ, 6.ª FEIRA, ESTREIA
EM 2 SESSÕES: 20.45 e 23 HORAS
no TEATRO ABC (Telef. 36 67 45)
CAMILO e IVONE
NA NOVA REVISTA POPULAR
«FRANGAS NA GRELHA»
ADULTOS
com
NICOLAU BREYNER * ANITA GUERREIRO
e TONY DE MATOS
★ BILHETES À VENDA PARA OS PRIMEIROS ESPECTACULOS

ESTREOU ONTEM
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa
TODAS AS NOITES:
ÀS 21 H. E ÀS 23 HORAS
(Maiores de 17 anos)
O GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL APRESENTA

LURDES NORBERTO / ROGÉRIO PAULO
e por ordem de entrada em cena:
JOSÉ GOMES
CARLOS SANTOS
EDUARDA PIMENTA
LUIZA NETO
LIBANIA FEITEIRA
LAURA SOVERAL
BATISTA FERNANDES
ANTÓNIO MONTEZ
VICTOR DE SOUSA
LUÍS VARELA
VICENTE GALFO
ORLANDO COSTA
FERNANDA BARRETO
DEPOIS DA QUEDA
AFTER THE FALL
Maiores de 17 anos
PEÇA DE Arthur Miller
Encenação de ARTUR RAMOS
Tradução de LUIZ FRANCISCO-REBELLO
e JAIME SALAZAR SAMPAIO
Cenografia e direcção plástica de JOÃO ABEL MANTA
Figurinos de ARTUR CASAIS
SÁBADO, às 16 horas: «Matinée» com 50% de desconto para estudantes
DOMINGO, às 16 horas e às 21.45 horas

Subsídios: Fundação Gulbenkian e Fundo de Teatro

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
ULTIMAS SEMANAS
do grande êxito de gargalhada
o inocente
os dias passam a correr e se não se apressa vai perder a comédia mais divertida do presente temporada teatral
TODAS AS NOITES ÀS 21.45
Hoje, noite popular, com a tabela de preços reduzidos dos fins de semana
Balcão: 10$, 15$ e 30$
Plateia: 30$ e 50$
(Maiores de 17 anos)
14.ª SEMANA

TIVOLI
Às 18 e 30 (M/ 17 anos)
GRUPO 4
HOJE E AMANHÃ
ÚLTIMOS DIAS DE UM EXTRAORDINÁRIO ESPECTÁCULO

as irmãzinhas
DESCONTO DE 50 % A ESTUDANTES

Charlie Bubbles
"UM HOMEM E A SUA HISTÓRIA"
de
Albert Finney
RECONHEÇO, DEFENDO SEM HESITAR O PRIMEIRO FILME DE ALBERT FINNEY.
A CAPITAL
O FILME CAPTA CADA VEZ MAIS A NOSSA ADESÃO À MEDIDA QUE IMPÕE O SEU TOM E AS SUAS INTENSÕES.
POSITIF
OBRA INTELIGENTE E CHEIA DE SENSIBILIDADE.
D. POPULAR
DESEMBARAÇADO DOS SEUS REALIZADORES FINNEY PARECE VALER MAIS DO QUE ELES.
cahiers du CINEMA
DEPOIMENTO IMPRESCINDÍVEL SOBRE UMA REALIDADE HUMANA E SOCIAL.
LISBOA
4.ª SEMANA!
VOX

NO VILLARET

MILLER, MARILYN, MAC CARTHY

«DEPOIS DA QUEDA» («AFTER THE FALL»), de Arthur Miller. Tradução de Jaime Salazar Sampaio e Luís Francisco Rebelo. Encenação de Artur Ramos. Cenografia e direcção plástica de João Abel Manta. Figurinos de Artur Casais. Produção do Grupo de Acção Teatral. Intérpretes: Rogério Paulo, Lurdes Norberto, José Gomes, Carlos Santos, Eduardo Pimenta, Luísa Neto, Libânia Ferreira, Laura Soveral, Baptista Fernandes, António Montez, Vítor de Sousa, Luís Varela, Vicente Galfo, Orlando Costa, Fernanda Barreto, etc.

Miller — um dramaturgo que se confessa a si próprio; Marilyn — uma personagem á procura de autor; Mac Carthy (Joseph) — o senador que quis mudar a História.

Só por artifício publicitário (não exclusivamente português) se poderá definir *«Depois da queda»* como uma peça sobre Marilyn Monroe. Se o fosse, concordaria, talvez, com aqueles que vêem nesta peça uma justificação despudorada, indigna de um escritor responsável. É claro que Marilyn está na peça, foi até, talvez, o seu elemento catalizador — mas é também evidente que Miller visou mais alto e mais fundo. O que está em jogo é um problema fulcral do nosso tempo: a dialéctica da culpa e da inocência. A quem atribuir as culpas pelos fornos crematórios nazis? pelas bombas de Hiroshima e Nagasaki? pela guerra do Vietnam? Hitler deu as ordens (e certo) — mas quem fez os planos dos campos, quem executou os planos, quem empurrou os judeus para a morte? Somos nós culpados ou inocentes? Ao longo da sua peça, Miller tenta responder a esta pergunta; tenta perceber o que essa pergunta capciosamente esconde (se somos todos culpados, não somos todos inocentes? Não houve, de facto, quem fosse contra?); tenta menos justificar-se do que justificar a sua resposta.

O que há de notável em *«Depois da queda»* é a maneira como o dramaturgo passa do particular ao geral, para voltar do geral ao particular sem que por vezes se consiga distinguir onde acaba um e começa o outro (pareceu-me menos feliz a constante referência de ordem psicanalítica que, aliás, marca tão fortemente o teatro americano). A presença constante e obsessiva da torre do campo de concentração marca o circuito que a peça de Miller percorre; e que vai, historicamente, da «depressão» a Hitler e deste a Mac Carthy, e, pessoalmente, da mãe aos amigos que traem ou se recusam a trair, destes a Louise, sua primeira mulher, a Marilyn e a Olga, sua última mulher. Na estrutura da peça, dois tempos se definem: no primeiro tempo Quentin-Miller tenta organizar o caos e é um pouco absorvido por ele: a família (a mãe, em especial); a mulher; os amigos (o amigo que se destrói pela denúncia e o que se destrói pela não-denúncia); os inimigos, encarnados nos inquisidores *maccarthistas*. No segundo tempo, Quentin-Miller encontra Maggie-Marilyn, é momentaneamente, absorvido por ela — a memória quase desapareceu. É aqui que vemos (seria intencional por parte de Miller?) a importância que a actriz assumiu na sua vida — e compreendemos, até, a sua necessidade de libertação.

Mas Marilyn Monroe morreu — e isso não é teatro. Marilyn Monroe... pai incógnito, mãe louca, violada aos 9 anos, casada com um polícia aos 16, e depois com um ídolo do desporto, e depois com um grande escritor Marilyn declarando pouco antes de morrer: *«Não me considerei nunca como uma mercadoria que se vende ou se compra. No entanto, há muita gente que nunca me considerou de outra maneira, incluindo uma certa firma que não nomearei»*. Marilyn lutou e falhou, e assim a assassinámos, na expressão de Bernardo Dort. Todos nós, e não apenas Arthur Miller como quereriam alguns, lavando as mãos. E, assim, voltamos à peça, ao teatro, e ao problema da culpa e da inocência. Culpando os outros, Miller não se inocenta — e é essa, talvez a sua vitória, tão frágil, de resto que custa a crer.

O espectáculo

Artur Ramos desprezou as indicações do autor, que aliás denunciam a marca naturalista de um texto que utiliza técnicas que se pretendem não naturalistas. Deixando o palco vazio, utilizando *slides* para dar pela imagem o *background* da peça, Artur Ramos tornou-a mais coerente. Mas então por que marcar tão fortemente o pseudo-interlocutor de Quentin, quando se sabe que é com ele próprio que aquele fala? (A não ser que o encenador quisesse sublinhar as últimas falas em que Quentin se dirige ao espectador). E porque a marcação final em que o par Quentin-Olga nos aparece banhado por uma luz irreal num «cliché» deslocado porque não é a esperança que aqui conta, mas sim a lucidez de não ter medo?

A interpretação ressente-se muito do carácter esquemático das personagens, ao qual apenas escapam Rogério Paulo, Lurdes Norberto, e, em parte Laura Soveral, e de que são vítimas, especialmente, Eduarda Pimenta (cuja personagem saiu falhada), José Gomes, Luísa Neto (não é possível representar com aquela voz), Baptista Fernandes, António Montez, Libânia Ferreira e Vítor de Sousa. A peça assenta nos ombros de Rogério Paulo, que não sai de cena. Dominando uma certa tendência para o excessivamente exterior, para o barroquismo gestual (houve no entanto dois momentos em que esses tiques que vieram ao cimo), Rogério Paulo foi melhorando ao longo do espectáculo, acabando por me parecer suficientemente convincente. Lurdes Norberto, compondo muito bem a personagem, trouxe uma alegria uma vida que, como personagem, também poderiam definir. Neste momento ninguém, entre nós, faria melhor este papel. Também Laura Soveral, sobretudo no final da sua intervenção, captou os sinais da sua personagem. Falar-se de Stanislavski e de Brecht é que nos parece excessivo. Tanto mais que o encenador não marcou com suficiente clareza os tempos de representação e de dialéctica nem conseguiu dar às cenas com o coro (perseguição de Maggie, em especial) aquele mínimo de autenticidade necessário. Desejar-se-ia que houvesse mais paixão num espectáculo que nem por isso deixa de possuir suficientes motivos de interesse.

CARLOS PORTO

*

A peça **«DEPOIS DA QUEDA»** é uma edição da **PORTUGÁLIA EDITORA**, distribuída pela **DILSAR**.

LIZ E BURTON NUM FILME DE USTINOV

HOLLYWOOD, 25. — (A. N. I.) — Vai ser aqui rodado o filme «Todos à porta», realizado por Peter Ustinov e extraído de uma obra de Standford Whitmore.

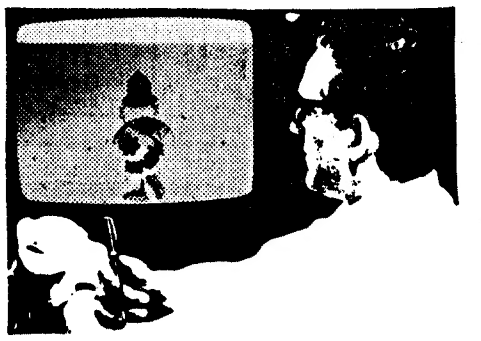
Trata-se de um filme de terror que terá, como protagonistas Richard Burton e Elizabeth Taylor.

VIDA MUSICAL

Árias de óperas no Conservatório

Há hoje, ás 18 e 30, um concerto de canto (patrocinado pela Casa de Itália e pelo Instituto Italiano de Cultura) no salão do Conservatório Nacional, á Rua dos Caetanos.

Os cantores Helena Cláudio (mezzo-soprano), Carlos Jorge (tenor) e Palmira Viegas (soprano), dirigidos pelo maestro Mario Pellegrini, cantarão árias das óperas *«La forza del destino»*, *«Scampolo»*, *«Arlesiana»*, *«La Bohême»*, *«La Favorita»*, *«Un ballo in maschera»*, *«Turandot»*, *«Gianni Schicchi»* e *«Trovatore»*.



CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

8 (OITO) VIOLONCELOS PORTUGUESES. VIVÓ LUXO!

Palavra: não supunha termos em Portugal oito violoncelos capazes de se aventurarem até às «Bachianas» de Villa-Lobos. Pois temos, viu-se ontem. Provado ficou não haver razão para demasiados pessimismos. Destes oito, reunidos para uma festa de música brasileira, esperemos venha em breve algum a interpretar Fernando Lopes-Graça e outros músicos portugueses. Nenhum chauvinismo, atenção A música não tem pátria. Por isso mesmo não será já tempo de darmos pátria à música portuguesa?

Para apresentar autor e intérpretes veio António Victorino de Almeida. Esteve, como se esperava, diferente dos apresentadores nossos conhecidos: nem os olhos baixos de uns, nem a sabedoria enciclopédica (isto é: tirada das enciclopédias) de outros, nem o falabaratismo doutros ainda. O processo do diálogo está correcto. A própria maneira de falar da música sem primeiro se persignar e sem recorrer ao calão dos teclacratas, esteve, igualmente, certa. Não será por aí que o amor da música ganhará impulso para se encontrar com o amor dos telespectadores.

No entanto, algo não esteve bem no trabalho de António Victorino de Almeida. Em primeiro lugar, foi nítida a falta de rodagem, de experiência frente às câmaras. Esperemos que essa experiência venha a garantir-se com maior assiduidade.

Em segundo lugar, as intervenções de António Victorino de Almeida sofreram da improvisação, manifestada nas indecisões com as breves entrevistas dos intérpretes e na apreciação sumária (demasiado sumária, mesmo tendo em conta as dificuldades de comunicação com o grande público) da música de Villa-Lobos.

Por outro lado, permitiu que na entrevista com D. Isaura Pavia de Magalhães se acumulasse uma certa ambiguidade. Passar-se, num curso de violoncelo, de 4 alunos para 29, representa, *mesmo*, um sinal de franco progresso — isto ao fim de não sei quantas dezenas de anos?

Do trabalho do realizador Ruy Ferrao não se pode senão dizer que estava cheio de dificuldades e que o próprio realizador ainda acrescentou algumas. Pois, senhores, não aconteceu um único plano digno de memória. Pelo contrário, alguns pormenores desastrosos chamaram a atenção dos telespectadores: aquele plano de sete violoncelos mais meio arco do restante e a panorâmica das costas e das nucas dos oito em fila, por exemplo...

Para sabermos como se realiza a sério, veio logo a seguir a «Família Forsyte», *made in England*. Quanto ao mais, e apenas a título de curiosidade, recordemos a lentidão gostosa com que tudo decorre na fita. Tudo quanto vimos, até hoje, constitui uma espécie de antevisão, de uma explicação da situação que vamos encontrar no primeiro volume da «Forsyte Saga». Quer dizer: pràticamente, o livro, pròpriamente dito, ainda não principiou — e o adaptador para a televisão tem a razão pelo seu lado: tudo tem de ser contado com a maior calma, para assim restituir à imagem a segurança da leitura. Na leitura, passado e presente confundem-se. O passado é uma invenção da escrita. A imagem só tem presente.

Na programação de ontem sobressaiu a rubrica juvenil «Tempos Livres», dedicada ao cinema amador. Intervieram os pioneiros (António Bernardo, Mateus Júnior, Álvaro Antunes), depois demos um salto até ao Clube dos Cineastas Independentes, cujos trabalhos os júris internacionais premiaram «com as mais honrosas classificações» e sublinharam o auxílio das entidades oficiais, depois ouvimos algumas de Grangelo Crespo, que incitou os jovens a reunirem-se para fazerem cinema amador, mas não com amadorismo, para assim se conseguir uma tradição cinematográfica, e, finalmente, um depoimento do engenheiro Pinto Leite, cineasta amador, de quem também vimos um filme de longos, demorados e dolorosos grandes planos de subgente, para a qual chega a ser ofensivo falar-se de esperança — a não ser de maneira muito concreta.

Para exemplificação e incitamento de aplicação de tempos livres terá sido pouco — e tinha razão aquele jovem quando se referia ao carácter utópico da actividade cinematográfica ao nível individual. Havia que insistir, com mais força, na organização de clubes juvenis e outros. Havia que dar, aos futuros praticantes ou interessados, uma ideia de como correm as coisas nos domínios da organização do cinema amador no nosso País. A ausência de um representante da Federação a haver foi lacuna, e bem grave, da rubrica. Na realidade, não é nada fácil a vida de quem pretenda, entre nós, praticar cinema amador a sério. Esquecer tal pormenor, não o discutir convenientemente, não ajuda em nada ninguém, nem coisa nenhuma. Nem mesmo, claro, o próprio cinema amador.

Ou tudo ou nada, mulher dos diabos! Ou se há-de falar pouco, ou de mais. Imagine-se que na TV Educativa, referente á *Iniciação Desportiva*, se entrou no quinto programa dedicado ao golfe — e só agora vimos algumas (breves) imagens relativas á prática, comentadas pelo dr. Sousa Rego. Tudo o mais foi história, perdão!, foi História. Falaremos disto com mais vagar.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — MF 1 — 95,7 mc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da Juventude; 17 e 30: «Falua», Programa Infantil, por Ana Maria; 18 e 05: O convidado de hoje: Bob Dylan; 18 e 20: Espectáculo — Teatro, por F. Queiredo de Barros; 18 e 40: Musica Popular Portuguesa; 19 e 15: Musica de Opereta: Selecção de «Les Mousquetaires au Convent»; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O conjunto «Blood Sweat and Tears»; 20 e 30: 3.º Episódio do Folhetim «Inocência»; 20 e 52: Melodias; 21: Momento 71; 21 e 20: Interludio; 22: As Grandes Reportagens: O Metropolitano; 22 e 50: Musica e cadência; 23 e 05: Êxitos que o mundo canta; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16: Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão; 18: Musica Portuguesa — Obras de câmara; 19: O Canto e os seus Intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Recital pelo duo de violinos Herbert Lillis-Aníbal Lima, preenchido com obras de: Leclair e Herbert Zillis; 20 e 44: A Orquestra de Câmara de Toulouse dirigida por Louis Auriacombe—O Parnasso ou a Apoteose de Corelli (François Couperin); 21: Trechos de óperas de Ricardo Strauss; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Uma Sinfonia de Mozart; 22: História do Teatro Português, pelo dr. Duarte Ivo Cruz; 22 e 50: Fecho.

Programa Estereofónico — MF 2 — 94,3 mc/s. — Às 21: Retrospectiva; Trechos de album de Donavan «Barabajagal»; 21 e 15 Orquestra Franck Chacksfield; 21 e 30: Melodias do Folclore Português, por Cecília de Melo e Carlos Paredes; 21 e 45: O acordeonista Maurice Larcange; 22: Cançonetas; 22 e 15: Musica portuguesa; 22 e 30: Interpretações de Jacques Brel; 22 e 45: Recordando... Harry James; 23: O ciclo Schubert; 0 h.: Duetos de óperas; 0 e 15: Musica concreta — realizações electrónicas sobre obras de Bach; 0 e 38: Concerto n.º 1, em mi bemol maior (Liszt); 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Piccard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 02: Talismã.

Modulação de frequência — 79,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa ó Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O Arauto da Verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todos as nações; 22 e 30: Tirocínio; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Estrelas de França; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Esquema, 13; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Jazz; 21 e 30: Curso de Língua Alemã; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variado; 23: A 23.ª hora.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Tangos; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Esquema 19; 19 e 30: Página um; 22 e 55: Meditando; 23: Eventual; 21 e 30: Curso de Língua Alemã; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda médio — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30

SOS-TV TEVERÁPIDA
COMUNICADO — GRÁTIS
DESDE O DIA 22
GRATUITAMENTE TODOS OS TELESPECTADORES EM LISBOA, PODEM FAZER REVISÃO E AFINAÇÃO DOS SEUS APARELHOS, INCLUINDO A REVIGORAÇÃO NA AMPOLA DE IMAGEM DO SEU TV.
ESTA OFERTA É VALIDA POR 30 DIAS
Rua António Pedro, 110 — Telefs.: 53 50 24 e 5 06 57

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO ATÉ 31 MARÇO 71

TV dia a dia

HOJE PODE VER..

I PROGRMA — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Conheça o Portugal Desconhecido; 20: Eurovisão—Campeonato do Mundo de Patinagem Artística; 21: Imagens da poesia europeia; 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de teatro «O Aniversário do Banco», de Anton Tchekov; 22 e 30: «Departamento S»: 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 35: Fecho

II PROGRMA—Às 20 e 30: «As Aventuras de Tim-Tim», 20 e 40: O livro á procura do leitor; 21: Eurovisão — Campeonato do Mundo de Patinagem Artística, 21 e 30: Telejornal; 22: Continuação da transmissão do Campeonato do Mundo de Patinagem Artística; 23: TV Clube, com Claude Nogaro 23 e 30: Fecho

SIEMENS ESTORIL
electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — *1.º periodo* — Às 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Viver no Campo»; 13 e 45: Telejornal; 14: Minidecoração; 14 e 10: Logo à noite; 14 e 15: Fecho.

2.º periodo — Às 14 e 40: Ciclo preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série juvenil; 20 e 10: Hóquei em patins, transmissão directa do encontro entre as equipas do Sporting e do Parede; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Série policial «Os Vingadores»; 23: Os anos sessenta na vida internacional; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 45: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: As Aventuras de TimTim; 20 e 40: Minidecoração; 21: Filme de série «Viver no Campo»; 21 e 30: Telejornal; 22: Eurovisão — Campeonato do Mundo de Patinagem Artística; 23: «Hollywood Playhouse», com Ronald Reagen; 23 e 30: Fecho.

TUDOR
pilhas para transistores

Três recursos julgados no Supremo Militar

No Supremo Tribunal Militar foram julgados três recursos. O primeiro processo referia-se ao réu João de Freitas Junior de 25 anos solteiro, natural de S. Roque do Faial, Santana Açores, soldado da Companhia de Caçadores 2419 de Moçambique. Fora julgado e condenado naquela província pelo crime de injúrias á autoridade (administrador da circunscrição de Mueda) na pena de dois meses e 15 dias de incorporação em depósito disciplinar.

O Supremo decidiu aplicar ao réu a amnistia constante do Decreto-Lei n. 518/70, de 4 de Novembro de 1970, subsistindo porém a pena de 60 dias de incorporação em depósito disciplinar mas que considerou expiada pela prisão preventiva.

O segundo processo respeitava ao réu Túlio Ticiano Drumond Vitorino, de 22 anos, solteiro, de S. Sebastião da Pedreira, Lisboa, soldado da Base Aérea n.º 2, julgado no 1.º T. M. T. por, com outro soldado actualmente residente no estrangeiro, ter cometido um crime de roubo qualificado, previsto e punido pelo Código Penal.

Fora condenado em dois anos e seis meses de prisão maior por, com o seu camarada, haver atraído ao Parque do Monsanto o civil Leonel António Jacinto, que tinham conhecido pouco antes num bar do Bairro Alto e a quem agrediram, roubando-lhe 2350$00. O Supremo negou provimento ao recurso (interposto pelo réu) e confirmou a pena.

O último recurso fora interposto pel réu José de Oliveira Vaquinhas, de 23 anos, casado, carpinteiro, de Santa Maria (Alcácer do Sal), soldado do Batalhão de Caçadores 5, que fora julgado no 2.º T. M. T. por deserção e extravio de fardamento no valor de 2124$00 e condenado na pena de dois anos de prisão militar.

O Supremo agravou a pena, alterando-a para dois anos e dois meses de prisão militar, na alternativa de igual tempo de deportação militar substituída por dois anos, oito meses e 15 dias de incorporação em depósito disciplinar.

VIDA SOCIAL

CASAMENTO

ABRANTES, 25—No Sardoal realizou-se o casamento da sr.ª D. Marta João Barreto de Tavares Gomes, filha da sr.ª D. Adelaide Emília Barreto Tavares Gomes e do sr. eng.º João Tavares Gomes, da TAP, com [illegible] dos Santos Ferreira, alferes miliciano, filho do sr. Ricardo Fe[illegible] nesta cidade, e da sr.ª D. Maria Fernanda Nazaré dos Santos Ferreira.

Foram padrinhos, pela noiva, a sr.ª D. Maria Laura Torres de Carvalho e o sr. Francisco José Petronilho de Almada Burguete, e pelo noivo a sr.ª D. Ana Maria Marques dos [illegible] Boavida e o sr. Luís [illegible] Fernández.

Gina

Encontra-se em Paris a sócia-gerente da conhecida casa Portuguesa «Gina Modas», Ex.ma Sr.ª D. Maria Amélia Souto, a qual ali se deslocou a fim de adquirir os modelos e novidades, para a estação Primavera-Verão, nas principais casas de Alta-costura Francesa.

Em três linhas

O novo embaixador da Alemanha, junto do Governo português, faz amanhã ás 11 horas a entrega das suas credenciais ao sr. Presidente da Republica.

///

Esta noite, ás 22 horas, o adido cultural da Embaixada do Brasil, dr. Leandro Tocantins, fará uma conferência, sobre «Brasil e brasileiros», no salão dos Amigos de Lisboa, no Largo Trindade Coelho, 9, 1.º.

///

O inspector adjunto de segurança da Direcção-Geral de Segurança, Abílio Augusto Garção Alcarva, foi provido no cargo de director de serviços do mesmo quadro.

///

O dr. Cristiano Nina foi exonerado, a seu pedido, de director do Dispensário Central de Higiene, por ter tomado posse do cargo de director-geral de Saude.

///

O Banco Comercial de Angola foi autorizado a exercer o comércio de cambios em Moçambique.

///

Foi designado para fazer parte do Conselho Nacional de Estatística, como representante da Corporação de Pescas e Conservas, o sr. Fernando Gonçalves Leitão.

NOVAS CONDIÇÕES DE TRABALHO PARA PROFISSIONAIS DA INDÚSTRIA HOTELEIRA

O secretário de Estado do Trabalho e Previdência assinou uma portaria de regulamentação de trabalho para os profissionais que trabalham em salões de chá, pastelarias, confeitarias e leitarias e sejam representados pelos Sindicatos Nacionais dos Profissionais da Industria Hoteleira e Similares dos Distritos de Lisboa e Coimbra.

A portaria vem preencher uma profunda lacuna na regulamentação privativa das condições de trabalho da industria hoteleira e similares nos distritos de Coimbra, Guarda, Castelo Branco, Portalegre, Santarém, Leiria, Lisboa, Setubal, Évora, Beja e Faro. Com efeito, só os profissionais agora por ela abrangidos ainda não beneficiavam, em nenhum dos referidos distritos, das vantagens de uma regulamentação privativa da sua actividade.

Nos termos da legislação em vigor, a elaboração da portaria foi precedida dos necessários estudos, elaborados por uma comissão técnica presidida pelo dr. Peixoto do Amaral, assistente dos Serviços de Acção Social, e que incluia representantes das secretarias de Estado da Informação e Turismo e do Comércio, da Corporação dos Transportes e Turismo, dos Grémios das Confeitarias e Pastelarias e das Leitarias, da Federação dos Sindicatos dos Profissionais da Industria Hoteleira e Similares do Sul, bem como técnicos das divisões de salários e de contratação colectiva do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra.

Uma das mais relevantes disposições do novo instrumento de regulamentação de relações de trabalho é a instituição de taxa de serviço como forma de remuneração do trabalho, em substituição da chamada gorjeta, esperando-se assim, com a realização desse processo, contribuir para uma mais justa retribuição não só por se assegurarem remunerações mensais mínimas aceitáveis, como por se eliminarem os aspectos anti-sociais de que se reveste a gorjeta. O montante de taxa de serviço adoptado é o que vigora há cerca de ano e meio nos estabelecimentos abrangidos pelo contrato colectivo de trabalho dos restaurantes, cafés e similares do Sul, cujo ambito, alias, foi já alargado a todo o Continente, excepto a cidade do Porto, por ali existir uma convenção especifica. Através desta generalização do mesmo sistema de taxa de serviço, procura-se facilitar as relações entre o publico consumidor e os estabelecimentos que utiliza, constituindo simultaneamente, para uns e outros, a garantia de não haver erros de cobrança de taxa provenientes da diferente classificação dos estabelecimentos.

Por outro lado, são instituídos períodos de férias superiores aos mínimos legais, de acordo com a tradição das convenções colectivas existentes na respectiva industria e um subsídio de férias. Os profissionais remunerados por taxa de serviço têm direito a remunerações mensais mínimas, que as entidades patronais integrarão se o montante da taxa não as atingir.

Na regulamentação agora estabelecida por via de portaria teve-se, no entanto, a preocupação de atender, tanto quanto possivel, á vontade expressa pelos organismos representativos das entidades patronais e dos trabalhadores em anterior projecto de contrato colectivo de trabalho.

A portaria entrará em vigor no primeiro dia do mês seguinte ao da sua publicação no Boletim do I. N. T. P.

novidades

DEZEMBRO 1970 / JANEIRO 1971

☐ MEMÓRIAS DE UM RESISTENTE — Alexandre Cabral
«Narrativo romanceado», chamou o autor a este livro. Janela aberta sobre o nosso passado tão próximo, e afinal tão remoto, estas MEMÓRIAS DE UM RESISTENTE revelam-nos alguns dos seus traços essenciais, algumas das suas figuras mais exemplares, numa linguagem que é unha com carne com os factos que narra
Colecção METAMORFOSES / 308 páginas / 65$00

☐ OS AFLUENTES DO SILÊNCIO — Eugénio de Andrade
A consagração de um livro em que, falando de pintores, de escritores, de cidades e de paisagens, Eugénio de Andrade nos fala, acima de tudo, com a sua arte incomparável, da magnífica aventura de viver.
Colecção O ESPÍRITO DO LUGAR / Ilustrado com desenhos de Garcia Lorca / Ribeiro de Pavia / Angelo de Sousa / Armando Alves / José Rodrigues / Manuel Pinto / Júlio Resende / Manuel Cargaleiro.
196 páginas / 60$00 / 2.ª edição, aumentada

☐ POESIAS COMPLETAS DE ANGELO DE LIMA
No cinquentenário da sua morte, Angelo de Lima, o malogrado poeta de «Orpheu», internado em Rilhafoles por uma loucura que esteve na origem do seu génio, reaparece perante o leitor, numa edição criteriosamente organizada e prefaciada pelo poeta e crítico Fernando Guimarães.
Colecção AS MÃOS E OS FRUTOS
170 páginas / Ilustrado / 85$00

☐ ENSAIOS DE ESCREVIVER — Urbano Tavares Rodrigues
Uma série de estudos sobre escritores nacionais e estrangeiros, onde a arte literária de Urbano Tavares Rodrigues se torna veículo de aproximação aos grandes problemas da literatura e da vida quotidiana.
Colecção AS PALAVRAS E AS COISAS / 280 pág. / 70$00

☐ TEIA — Sá Coimbra
Romance ousado, de profunda análise do conteúdo da alma humana, onde, aqui e além, num jeito que faz lembrar Aquilino, surgem páginas descritivas de rara beleza.
346 páginas / 65$00 / 2.ª edição

☐ PROBLEMAS DA EDUCAÇÃO DOS FILHOS — Benjamin Spock (autor de Meu Filho, Meu Tesouro)
Num mundo em que os pais envelhecem mais num ano do que os nossos avós em cinquenta, em que o conflito de gerações parece ter originado uma confusão que nos ultrapassa a todos, qual o papel dos pais na formação dos filhos? Esta obra é uma utilíssima contribuição prática para a resolução deste problema, orientando os pais para um correcto conhecimento dos filhos nos seus problemas, necessidades e exigências
Colecção O HOMEM ESSE DESCONHECIDO
372 páginas / 65$00

SE NÃO ENCONTRAR NA SUA LIVRARIA OS LIVROS EM QUE ESTIVER INTERESSADO, RECORTE ESTE ANÚNCIO COMPLETO, PREENCHA OS QUADRADOS CORRESPONDENTES AOS TITULOS ESCOLHIDOS E ENVIE A

EDITORIAL INOVA ☐ APARTADO 466 / PORTO

Desejo receber os livros escolhidos, na modalidade de:
☐ CONTRA REEMBOLSO (SEM MAIS ENCARGOS)
☐ CRÉDITO INOVA. A PAGAR _____ (1) POR MES
NOME _____
PROFISSÃO (1) _____
ENDEREÇO _____
LOCAL DE TRABALHO (1) _____
(Nome da firma e endereço)

(1) Estas indicações são necessárias sòmente para os requisições na modalidade de Crédito Inova — No caso de estar inscrito neste sistema, os livros requisitados serão debitados em conta.
Crédito Inova facilita a aquisição dos livros escolhidos (no valor de 200 a 1 000 escudos) mediante uma prestação mensal de 20, 50 ou 100 escudos, conforme o valor dos livros encomendados não ultrapasse 200, 500 ou 1 000 escudos. Não há aumento de preço. Os portes e despesas de cobrança são de conta do cliente. A MODALIDADE DE CRÉDITO INOVA NÃO É EXTENSIVA AO ULTRAMAR — OS ENVIOS SÃO EFECTUADOS CONTRA REEMBOLSO

SAI AMANHÃ

motor

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

RESTAURANTE DIETÉTICO
A COLMEIA
Alimentação vegetariana e MACROBIÓTICA a qual cura doenças em 10 dias
RUA DA EMENDA, 110-2.º (Ao Camões) — T. 370500

CAFÉ «IMPAR»
NO
BAR RIBATEJO
PRAÇA DO AREEIRO, 11-D — ABRE AS 7 HORAS

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144 — Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SABADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I. (Maiores de 15 anos)

ALFREDO (MARCENEIRO)—80 ANOS

O «MAIOR» do fado de Lisboa — Alfredo Duarte (Marceneiro), «Ti» Alfredo para toda a comunidade fadista —, faz hoje oitenta anos. Continua a manter em si qualquer coisa de indefinível, de boémia atrevida e palpitante, a confundir-se com uma ingenuidade quase infantil. O homem que a cantar o fado soube sempre poetizar Lisboa já não pertence apenas ao fado e aos que o admiram: — é património alfacinha. Talvez possa repetir-se o que Norberto de Araújo escreveu uma vez: «O Fado tem tido muitas mulheres, algumas mesmo heroínas da canção dolente e bonita. Homens — só um: Alfredo Marceneiro. Ligou o passado ao presente e, com a sua alma errante, luminosa e ingénua, colocou o Fado num plano de «Auto do Povo» que ficará na história do nosso tempo». Quando, em 1924, Alfredo Marceneiro se apresentou pela primeira vez no palco de um teatro tinha o Fado começado havia pouco a sua carreira no mundo do espectáculo. Saíra dos cafés iluminados a bicos de gás e dos retiros fora de portas e vivera na garganta dos cegantes (actores da rua) nos dias de carnaval. Ouvir o fado já deixara de ser uma perigosa aventura. Na sua forma estilizada começava a conquistar o teatro ligeiro a que havia de suceder-se o cinema. E, mais tarde, galgaria fronteiras ouvindo-se em países distantes, criando o clima de emoção que o faz ocupar papel de relevo no turismo nacional.

Ti Alfredo: aos oitenta ainda canta o fado

Pois Alfredo «Marceneiro» completa hoje oito dezenas de anos. Continua, como sempre com a sua madeixa preta, a testa enrugada, o lenço ao pescoço com um nó mal-humorado. E continua a cantar— como ninguém: com uma voz saturada de sensibilidade, uma voz que como nenhuma outra, tem sabido cantar a pobreza feliz da cidade e a poesia do seu povo. É sempre a noite que o traz e parece envolvê-lo em sombras de mistério. Será a noite a trazê-lo logo ao convívio dos amigos que todos os anos o acarinham mais neste dia. A festa de hoje terá um significado especial, pois oitenta anos são bonita conta.— «É só mais um do que o ano passado» — diz ele com um sorriso. E continua a cantar? — «Enquanto tiver vida e saúde». Sim, claro, ele próprio o diz num dos seus fados: «Alfredo Marceneiro toda a vida, para cantar o fado até à morte».

Armindo Rodrigues na Quadrante

Armindo Rodrigues estará amanhã á tarde (18 e 30) na Livraria Quadrante — Avenida Luís Bívar, 85-C — para uma leitura de poemas insertos nos dois primeiros volumes das suas «Obras Completas», em edição da Sociedade de Expansão Cultural. O poeta é apresentado por Domingos Monteiro.

OS MALEFÍCIOS DO TABACO

A Escola Industrial Machado de Castro promove, por iniciativa da sua secção de Prevenção contra o Tabaco, uma série de sessões culturais com o objectivo de divulgar os malefícios causados pelo tabaco.

As sessões, no salão de festas da escola, realizam-se: hoje, às 21 e 30 (conferência pelo prof. Jaime Araújo Moreira, da Faculdade de Ciências do Porto, seguido de colóquio); no dia 3 de Março (palestra pelo médico escolar dr. Francisco Maria Aires de Abreu, exibição de filmes e noticiário da Imprensa e apresentação e comentário pelo aluno Vasco Tapada) e 4 de Março, às 15 e 45 (palestra pelo médico escolar, dr. Francisco Maria Aires de Abreu, exibição de filmes e noticiário da Imprensa, com apresentação e comentário pelo aluno José Manuel Dias Gomes.

Na relva, á procura do grão das rações diárias, até os pavões de Lisboa se debruçam para comer. Claro que lá há um ou outro (para falar só dos pavões) que se afasta do saco de milho, despejado por medida, e se mantém numa só perna, mas de cabeça levantada

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis ✲ **Consumo mínimo 60$00 ✲ R das Taipas. 14 ✲ Tele 327256**

BALEEIRA

Elenco seleccionado — almoços a 25$00 (á noite) ✲ **.Consumo mínimo 40$00—Av. Marginal, 21-22 (Defundo) — Telef. 213259 ✲ Encerra ás quartas-feiras**

MIL E UM

cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zília Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva, Adriana Franco, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — **Cons. mín. 40$00 ✲ Travessa da Espera. 8. — tel. 35464 ✲ Encerra ás 5 da madrugada.**

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Coelho de Jesus Miguel Silva e João Sobreira Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Rua da Rosa, 219 ✲ Telef. 368579.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Cidália Moreira, Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mín. 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef. 860816.**

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramin. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português ✲ **Cons. mín. 50$00. R. da Barroca, 133 ✲ Telefs. 369760 e 30532 ✲ Encerra ás terças-feiras.**

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra) e Manuel Mestre, Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo [illegible] Regionais, dirigido por António Cunha ✲ **Travessa da Queimada, 10-16 ✲ Telefs.: 362889-328503.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira, Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Arautos Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira ✲ **Cons. mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs. 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira.**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira [illegible] Reis, Luís Braga e Fernando Cruz Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) e Rua Gilberto Rola 24 ✲ Telefones 676655-672431.**

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernando Pinto, Francisco Martinho, Maria Amélia Proença, Alcindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos, António Proença ✲ **Rua Diário de Notícias, 107 ✲ Telefone 328307 ✲ Encerra aos domingos.**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

ADAGGIO

Pop—Soul e Underground ✲ Sempre os ultimos êxitos em discos, recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h ✲ Rua Carlos das Reis 51-A ✲ Telef. 775695.**

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas ✲ Música constante ✲ Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 ✲ Telefone 667264.

SANZALA

Um pouco de Africa em Lisboa — Musica constante ✲ **Av. Marechal Carmona, 2 — Campo Grande — Telef. 790177 ✲ Encerra ás 3.30 horas**

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

BARBARELA

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69—Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.**

ARCHOTE CLUBE-BAR

Cocktail-Bar — Salon — Boite — Clube ✲ Ultimas novidades em disco, recebidos directamente dos E. U. A. e Inglaterra ✲ Rua D. Filipa de Vilhena, 6-D ✲ Telef. 49960.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs. 264521 - -264526-264596-264621-264946.**

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerrada aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.

«CINQUENTA ANOS A TRATAR DE FLORES»

Recebemos do presidente da Camara Municipal de Abrantes, dr. Agostinho Rodrigues Baptista, com pedido de publicação, o ofício a seguir transcrito. A demora na sua publicação foi motivada pela troca de cartas com o nosso correspondente naquela cidade, dr. Isidro Sequeira Estrela, a fim de este nosso prezado colaborador fornecer elementos circunstanciados para completo esclarecimento do assunto versado. O ofício referido é do teor seguinte:

«Com referência á «N. R.» publicada no vosso conceituado jornal de 18 do corrente, subordinada ao título em epígrafe, e para esclarecimento dos numerosos leitores do «Diário de Lisboa», quanto a ilações que, porventura, se pretendam tirar do ofício a que a mesma alude, rogo a V. o obséquio de esclarecer:

1.º — Que as reuniões da Camara são publicas, a elas podendo, portanto, assistir seja quem for, com observancia do disposto no artigo 336.º do Código Administrativo.

Assim, pois, qualquer pessoa pode assistir sem qualquer espécie de convite.

Para os correspondentes dos jornais acresce, ainda, o facto de possuirem um cartão de identidade donde consta o seguinte de uma maneira geral:

«Solicita-se e agradece-se, especialmente a todas as autoridades, o favor de prestarem ao portador deste cartão todas as facilidades concedidas aos representantes da Imprensa».

Mas no caso presente, parece que, além de não se querer dar uso ao cartão (o que para nós é desnecessário), nem assistir ás reuniões, ainda se pretende criar para a Camara uma obrigação que lhes é peculiar.

2.º — Que ao contrário do que naquela «N. R.» se afirma, esta edilidade não comunicou a qualquer órgão local a entrega da medalha (não de ouro, como diz a notícia, mas de cobre), a um funcionário dos Serviços Municipalizados.

Por isso, se o facto chegou ao conhecimento da imprensa local, apenas teremos que concluir que houve diligência, zelo e interesse do respectivo órgão ou de alguém a ele ligado.

Quanto á divulgação de notícias em que a Camara tem interesse, é evidente que não nos esquecemos de recorrer á imprensa, sempre que se nos afigura necessário. Mas isso não impede que quando os correspondentes têm igualmente necessidade de marcar a sua presença enviando notícias para os seus jornais, não procedam da mesma forma, isto é, certificando-se, na origem, da veracidade da notícia a publicar.

De resto só pode considerar-se bom representante da imprensa aquele que procura as notícias e não o que se limita a recebê-las de qualquer maneira e a transmiti-las para o seu jornal, sem, primeiramente, averiguar da sua autenticidade.

3.º — Efectivamente e ao contrário do que se lastima, nunca a qualquer representante de jornais foram negadas informações. O que, de facto, acontece é que, até hoje, que me lembre, nunca qualquer correspondente se me dirigiu a pedir qualquer informação.

Não houve, pois, ao contrário do que se afirma, frustração dos seus esforços.

4.º — Quanto ao comparar-se o caso do presidente da Camara Municipal de Arouca com o do encarregado dos jardins de Abrantes, para, daí se tirarem ilações de insinuação, parece desnecessário perdermos mais tempo. O que não vale é fazer misturas: a citação por nós feita quanto ao caso de Arouca nunca poderia ser, nem foi, tomado como noticiário tendencioso. Era, apenas, um facto que já não surpreende ninguém.

O que quisemos dizer foi, simplesmente, que, talvez, em Arouca se tenha abusado e consequentemente ultrapassado os limites da crítica honesta e construtiva, e que decorridos 6 meses (agora quase 8), não se tenha conseguido quem queira ser criticado daquela forma, como presidente da Câmara, o que, evidentemente, nada tem a ver com o caso do encarregado dos jardins de Abrantes.

5.º — Finalmente não pode deixar de estranhar-se que não tendo havido expressa comunicação camarária, respeitante ao louvor e concessão da medalha, cuja entrega foi feita na própria reunião realizada no dia 3 de Novembro ao referido servidor, nem sonegação de quaisquer informes pela simples razão de não terem sido solicitados, se tivesse concluído, sem prévia averiguação, pela não concessão, na suposição, errada, de que a Câmara teria cometido uma falta de reconhecimento para quem durante tantos anos a serviu.

E se a isto chamámos tendencioso e o não é, então só nos resta que os vossos leitores ajuízem da natureza da notícia e dela tirem as consequentes ilações.

De qualquer forma, sr. director, desejo informar V. que, por nossa parte, consideramos o assunto encerrado.»

N. R. — Os esclarecimentos do sr. dr. Rodrigues Baptista impõem-nos algumas rectificações e a citação de factos e datas. Para isso nos socorremos de informes prestados pelo nosso correspondente em Abrantes e do que veio até agora publicado e se desvirtuou um tanto. Seguiremos a ordem de numeração citada na carta do presidente da edilidade abrantina, para não deixar sem resposta nenhum ponto evocado:

1.º — A insinuação contida no último parágrafo não tem fundamento, como adiante se verá. Quanto ao mais, o nosso correspondente (de resto antigo secretário da Câmara Municipal de Abrantes) afirma não ser novidade para ninguém o que se escreve, pois «é apenas a letra do código e ninguém corre o risco de não poder assistir, tanto mais que só são legais as deliberações aprovadas ou ratificadas na reunião seguinte, depois de devidamente assinada a acta».

2.º — Pelos recortes dos órgãos da Imprensa local, enviados pelo nosso correspondente, verifica-se identidade quase completa na maneira de redigir, pelo que não pode deixar de concluir-se origem idêntica. De resto, o segundo parágrafo deste número admite que alguém dos Serviços Municipalizados teria tido «diligência, etc.» em divulgar a notícia. A este respeito, o dr. Isidro Estrela acrescenta que «a nota foi enviada aos três jornais... idêntica á que me foi enviada também e que, com outra redacção, remeti ao «Diário de Lisboa», com outro noticiário, incluindo o do jardineiro em questão». Provado fica que, como dizíamos no nosso comentário á primeira carta do presidente da Câmara de Abrantes, quando a edilidade ou os seus serviços precisam da Imprensa sabem recorrer a ela. No que respeita aos demais considerandos deste número segundo, todos nós os sabemos e procuramos cumprir, sempre que nos ajudam e sempre que as entidades oficiais não nos sonegam, de qualquer forma, os indispensáveis esclarecimentos.

3.º — Efectivamente, e ao contrário do que afirma o dr. Rodrigues Baptista, o nosso correspondente acentua ser isso menos verdadeiro, «pois pessoalmente, quando se fala ou comenta qualquer assunto de interesse concelhio, tenho pedido informações ou esclarecimentos, que nunca recebi». Mais acrescenta que, geralmente, o mesmo se passa com a Imprensa local. Portanto há, de facto, uma frustração quase geral dos esforços dos jornalistas. Isto é, quaisquer instancias oficiais se furtam a fornecer informes prontos e claros sobre problemas de interesse geral que lhes tocam. E tanto assim que, ultimamente, como tem sido posto em relevo por toda a Imprensa, a Camara Municipal de Lisboa constitui uma honrosa excepção a esta regra, devido a uma radical mudança de directriz, começando a estabelecer diálogo com o publico, muito vantajoso para ambas as partes.

4.º — Nega-se uma insinuação clara contida na carta anterior. Para melhor juízo dos leitores, vamos transcrever, sem interrupções, a parte da missiva em que tal vem expresso:

«Parece, pois, que teria sido muito mais simples ao autor da notícia indagar primeiro o que a Câmara já havia feito e depois incentivar a Imprensa a louvar o carinho e interesse com que aquele funcionário durante tantas dezenas de anos contribuiu para que Abrantes obtivesse o título de «cidade florida». Mas, tinha mais saber acusar a Câmara como se estivesse em falta... Enfim, o costume, para não variar... E, depois, todos se admiram de haver falta de dirigentes e haver Câmaras sem presidente há mais de seis meses como o «Diário de Lisboa» há pouco referia, quanto a Arouca. É que lapsos todos podem ter. Más intenções é que não são de desculpar.»

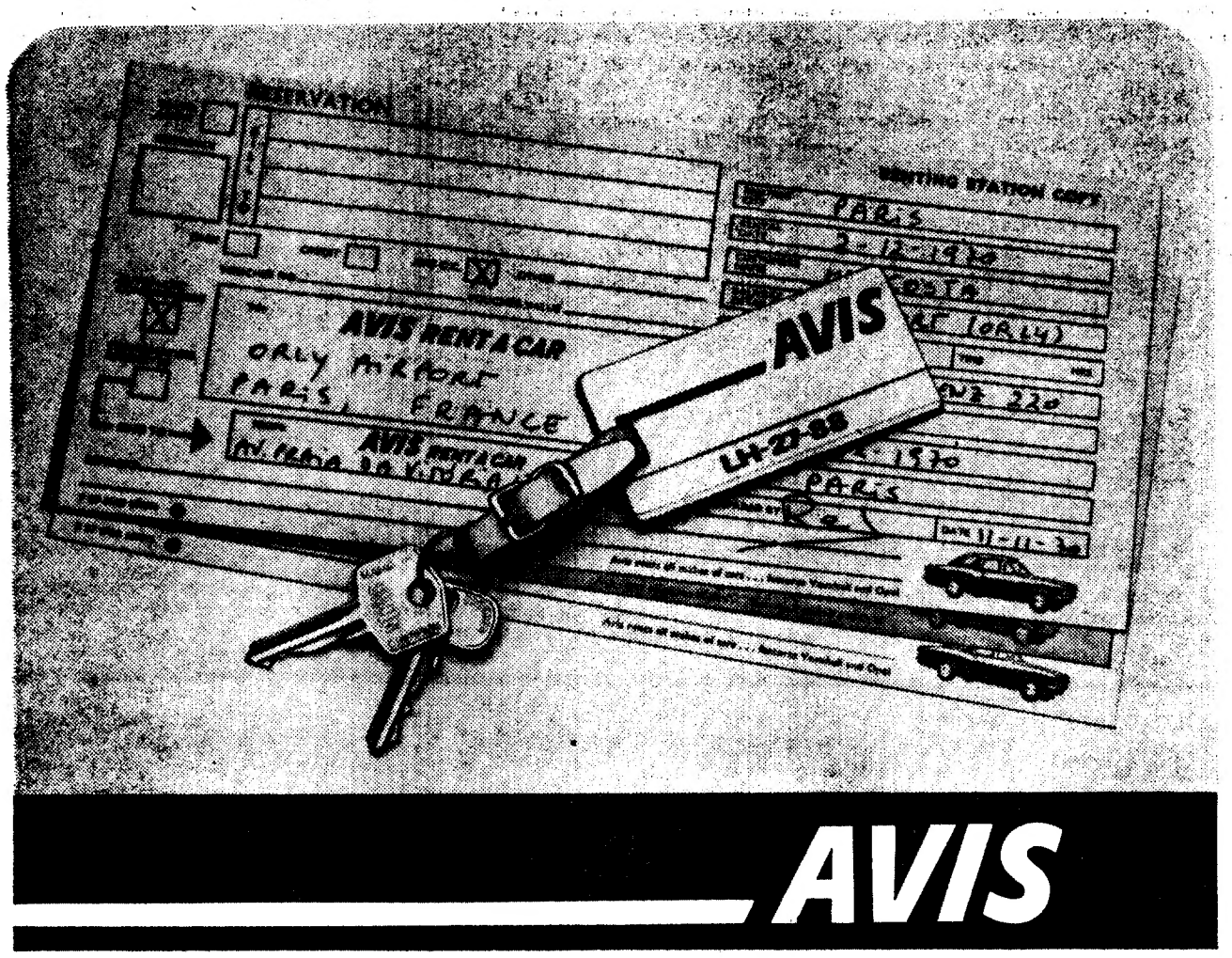
Se o caso «nada tem a ver com o do encarregado dos jardins de Abrantes», não percebemos por que razão o mencionou assim na sua carta o respectivo presidente da Câmara, naquela sequência, com aquelas reticências e insinuações desprimorosas.

5.º — Finalmente vem o melhor, a estranheza do presi-

(Continua na 14.ª página)

Imagem da medalha comemorativa do 50.º aniversário da elevação de Abrantes a cidade, oferecida ao jardineiro Simão António Vieira

Ao descer no aeroporto... um automóvel às suas ordens!



Nada mais triste do que, ao chegarmos a uma terra estranha, encontrarmo-nos sòzinhos num aeroporto. Um aeroporto é frio, impessoal, quase agressivo nos seus enormes espaços e corredores. Por isso é muito agradável ouvir: «Mr. Costa e Sousa? Aqui estão as chaves do seu carro — e boa viagem!» E aí está você já bem disposto, com um carro garantido nas mãos, para se desenvencilhar no trânsito de um país estrangeiro (mas você guia bem e é descontraído)... Mesmo que se trate de uma viagem de negócios a aventura começa. Uma aventura bem encaminhada e agradável que acabará sempre bem, porque uma grande companhia, a AVIS, vela por si. E para isso basta telefonar-nos.

ALUGAMOS AUTOMÓVEIS

C. SANTOS S. A. R. L.
Lisboa - Av. Praia da Vitória, 12-C - Tel. 561177
Porto - R. de Santa Catarina, 160 - Tel. 37971
Faro - R. Horta Machado, 42 - Tel. 24538
Praia da Rocha-Gal. Ext. Hotel Júpiter-Tel. 33258

OFERTA (20 MIL CONTOS) PARA O HOSPITAL DE ABRANTES

ABRANTES, 25 — Quando há tempos noticiámos que ia ser uma realidade a construção do Hospital Regional de Abrantes, estávamos longe de supor que um acontecimento de vulto, inesperado ao tempo, pudesse dar-lhe a arrancada final, e a todas as razões — nomeadamente as de carácter financeiro, sempre de atender, quando na região estavam em construção adiantada os de Portalegre e de Castelo Branco — uma se sobrelevasse em Abrantes.

A ordem de preferência de um lado; os estudos já feitos para outros hospitais por outro, tudo levava a admitir que a notícia da *brevidade*, posta a correr, se havia de transformar em *morosidade*.

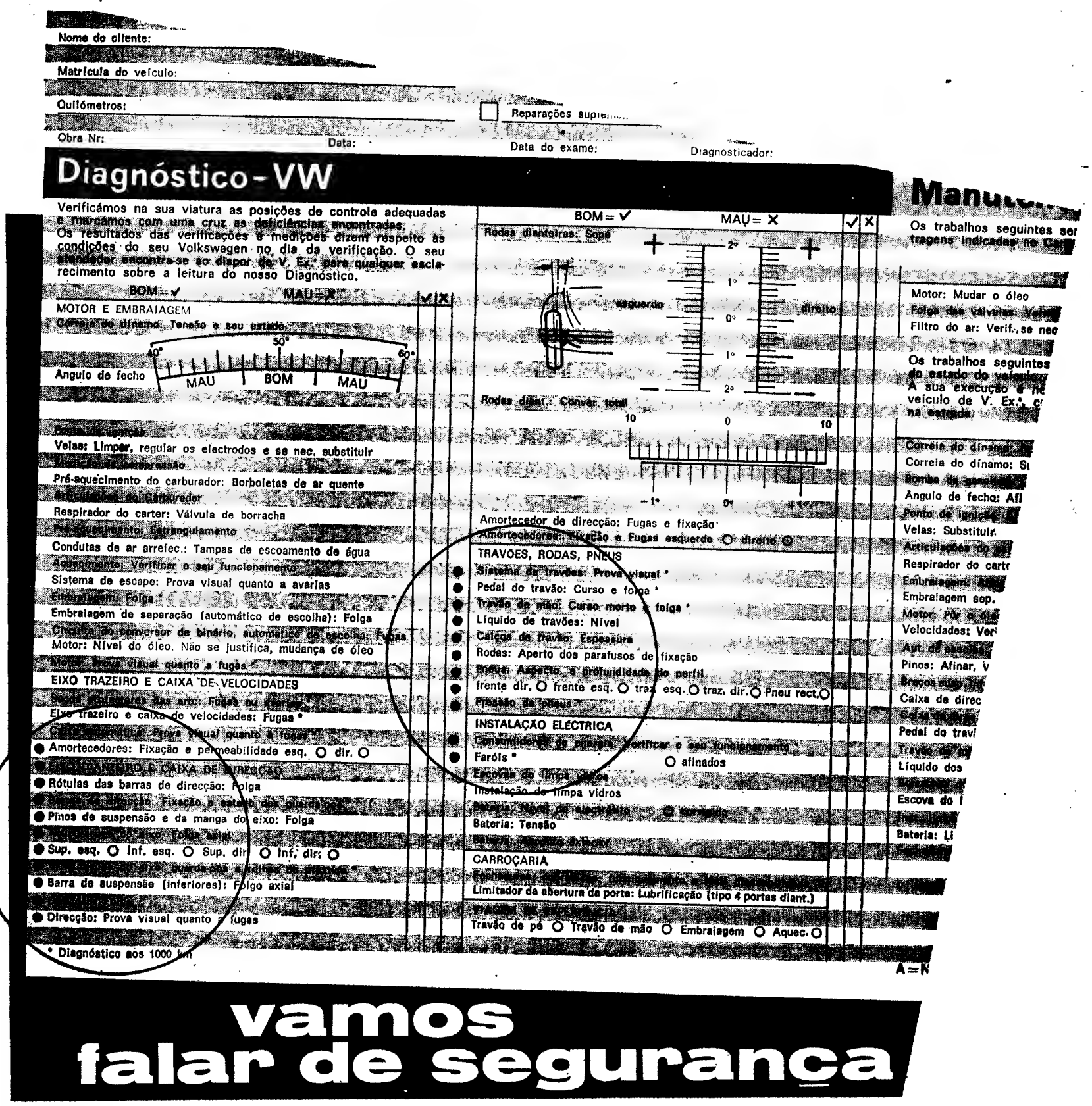
Entretanto, devido a diligências encetadas, desde há muito, pelo presidente da Câmara, dr. Agostinho Baptista, em conversas particulares com o comendador José Lourenço Viegas, que vinha manifestando o desejo de dotar a sua terra adoptiva de Abrantes com um albergue para velhos, sucedeu que este, sem prejuízo da sua resolução primeira, fosse mais longe, deixando na terra que o acolheu, e onde contraíu matrimónio, uma obra mais grandiosa, um melhoramento de maior vulto.

Havia já doado um pequeno hospital á sua terra natal mas nesta região onde se fixara e, pelas suas qualidades de trabalho e de inteligência conseguira desafogo financeiro para novos empreendimentos, aceitou alegremente a ideia de contribuir, ao máximo, sem prejuízo do albergue, ofertando recentemente a importantíssima quantia de 20 mil contos.

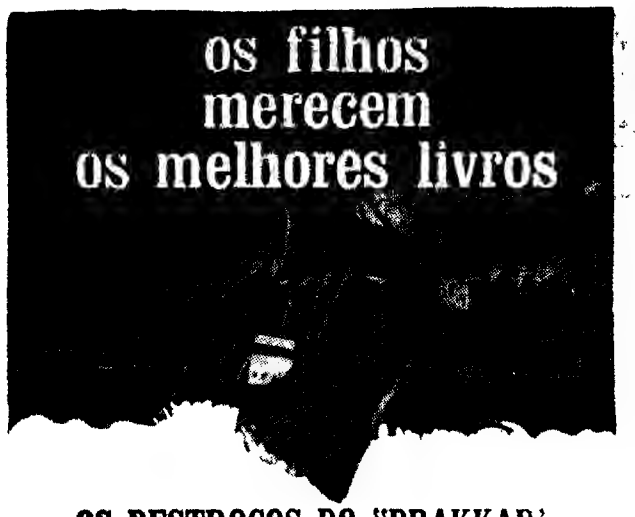
O terreno para o Hospital Regional (cérca de 40 mil metros quadrados) já foi adquirido pela Câmara e está englobado na nova zona de urbanização, lado sul, com frente para o Tejo, zona que vai compreender cerca de 120 mil metros quadrados

RASTREIOS DA TUBERCULOSE

Prosseguem, nos Serviços Médico-Sociais Universitários de Lisboa, os rastreios da tuberculose pulmonar. Os dias de hoje, amanhã e depois são destinados aos alunos do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina.



os filhos merecem os melhores livros



OS DESTROÇOS DO "DRAKKAR"

Através das brumas do Norte,
os marinheiros dinamarqueses
repetem a viagem de Erich, o Vermelho,
e dos seus viquingues.
Vão em busca de um tesouro
— o tesouro dos viquingues —
ciosamente guardado pelos enormes calmares
e as temíveis orcas,
que todos os marinheiros receiam.
Um romance aliciante,
onde, através de 180 páginas,
se dão as mãos a história,
a poesia dos mares gelados e a aventura moderna.

OFEREÇA-LHE
"EUROPA AMÉRICA JUVENIL"
uma edição de
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

A DIFERENÇA ESTÁ NO CINTO — O costureiro parisiense «Pepin» criou para a Primavera que se aproxima um conjunto «unisex» muito prático para andar de tandem. Para distinguir o homem da mulher basta olhar para os cintos...

OS FEIRANTES NÃO TINHAM LIDO O JORNAL...

COIMBRA, 25. — Apesar do terreno onde habitualmente se faz a Feira dos Vinte e Três estar resolvido pelas obras que a Camara Municipal, a quem o terreno pertence, ali tem em curso, não deixou de se armar a feira tradicional.

Assim os feirantes tomaram por sua conta a avenida marginal, ao lado do Estádio Municipal, e ali houve desusada animação e larga concorrência.

É certo que a Camara publicou um aviso suspendendo as feiras (também se faz a dos Sete), mas o aviso saiu na Imprensa local e os feirantes, alguns pelo menos, são de muito longe e... talvez não leiam os jornais.

COM TAKY
NÃO HÁ PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
O DEPILATÓRIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PÊLOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DÔR
SEM IRRITAÇÃO

EMIGRAÇÃO

O SECRETARIADO NACIONAL DA EMIGRAÇÃO chama a atenção dos trabalhadores para os riscos a que nos países de destino se sujeitam, e a que sujeitam as suas famílias, quando emigrem clandestinamente.

O SECRETARIADO NACIONAL DA EMIGRAÇÃO aconselha aqueles que pretendam emigrar a inscreverem-se nos Centros das Divisões Regionais do Serviço Nacional de Emprego, pois as suas pretensões serão consideradas à medida que se disponha de contratos de trabalho para o efeito.

Necessidade da ginástica

É MELHOR PRATIC DO QUE NÃO A FA

«Agora até mesmo a dormir ou em completo «relax», poderá fazer exercícios de cultura física»... «Emagreça dois quilos em cada dez dias através das vibrações electrónicas! «O convite vem nos anúcios dos jornais, está em certas máquinas instaladas nas ruas. É um convite ao que se chama «ginástica a dormir». Vamos ver quem o aceita.

Diz a publicidade relativa a três aparelhos que meia hora de «ginástica electrónica» correspondem a 10 quilómetros em corrida a pé, duas horas pedalando em bicicleta, cinco horas de ginástica aplicada ou 20 sessões de massagem estética. Carrega-se num botão e pronto — já está. **«Após este simples gesto verá e sentirá os seus músculos trabalharem tal como se estivessem a fazer exercícios físicos dos mais violentos e exaustivos»**, informa a propaganda.

Professores de educação física interrogados a propósito das virtudes e defeitos destes «concorrentes» electrónicos dividiram-se entre a aceitação sob reservas e a indiferença.

«Nada sei acerca desses aparelhos. Nunca li nada sobre eles. Bem vê: os princípios da educação física são totalmente opostos aos dessas pretensas «máquinas de ginástica» — declarou o prof. Moura e Sá, do Instituto Nacional de Educação Física.

Ginástica é movimento. Mexe os músculos mas não só: tudo se conjuga para que, harmónicamente, seja activada a circulação e *educada* a respiração. A própria vontade é chamada a intervir. Daí a máxima latina: «Mens sana in corpore sano». Espírito são em corpo são.

Educação física 'de «carregar no botão»

Com os aparelhos electrónicos é muito diferente. A «coisa» passa-se assim: liga-se o aparelho á parte do corpo que se pretende «ginasticar» e carrega-se num botão. Impulsos electrónicos mais ou menos intensos (conforme se desejar) vêm atingir o ponto que *se deseja «e sem qualquer esforço, graças ao fenómeno da corrente faradica, verá os seus musculos trabalharem em contrações sincronizadas por impulsos, tão pronunciadas como se fizesse exercicios de pesos e alteres, ou retezar-se os musculos ao máximo»*. Entre aspas, a propaganda dos vendedores, que acrescentam ser o aparelho *«totalmente inofensivo»*.

Para o prof. Damaso Rodrigues, diplomado pela Escola Federal de Ginástica e Desportos de Macolin (Suíça), tudo quanto contribui para que se faça exercício físico é válido.

«O que interessa fundamentalmente é que se faça exercício físico. Vejo nesses aparelhos a vantagem de poderem criar centros de interesse para fazer exercícios físicos. Todavia, não se pode ignorar que o seu efeito é localizado, não substituindo, portanto, o movimento global que só a ginástica, com a sua feição educativa e formativa, pode provocar» — disse-nos aquele professor de ginástica, do Lisboa Ginásio Clube e da Faculdade de Letras.

A ginástica envolve todo o sexo

Por seu turno, João Baptista de Macedo, diplomado em cultura física, do Ginásio Hércules, afirmou-nos que *«nada substitui o movimento fisiológico provocado pela ginástica»*.

E acrescentou:

— O corpo humano tem leis funcionais que devem ser cumpridas. Ora não me parece que os aparelhos em causa sejam capazes de o fazer. A ginástica não é só muscular: tem repercussões na respiração, na circulação. E isso não é possível só pelo facto de se exercitar um músculo.

«O que interessa, fundamentalmente, é que se faça exercício» — disse-nos o prof. Damaso Rodrigues

Segundo nos afirmou o prof. Mário Begonha, professor de ginástica da Academia Militar, *«o movimento que interessa, em Educação Física, é voluntário e consciente, pois só desta forma é educativo e só desta forma pode beneficiar o organismo, ou, melhor, todo o ser e não só a máquina ou o motor do ser humano»*.

«A verdadeira Educação Física não pensa só em musculos, mas utiliza os musculos como um meio. Se quiser pôr os musculos ao serviço do «pensamento» organico,

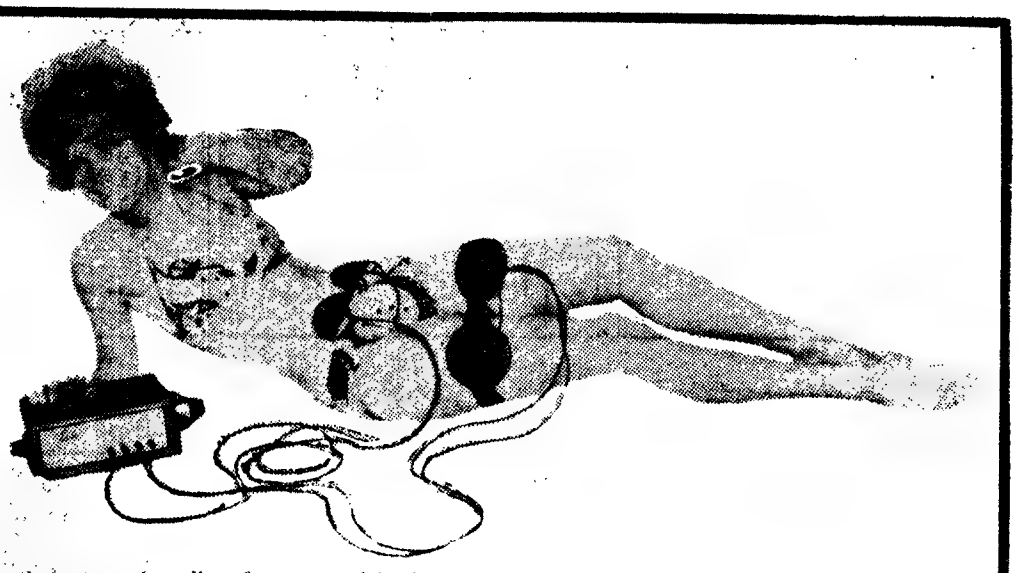
O MACACO LOUCO

amanhã 26 veja neste jornal um assunto que lhe interessa: HOMEM

PARA COMPRAR OU VENDER
AS SUAS JÓIAS
BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LD.ª
293 — Rua da Prata — 295

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos ultimos modelos.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

ICÁ-LA A DORMIR FAZER ACORDADO



Sempre será melhor fazer exercício de modo a acelerar a ventilação pulmonar e o ritmo do fluxo sanguíneo no seu sistema circulatório. Se não tiver tempo ou a saúde não permitir, um aparelho no género (que custa cerca de quatro contos) proporciona-lhe exercícios musculares enquanto descansa, dorme, ou observa a minitela da Televisão

isto é, fisiológico e psicológico. Mas ginástica a dormir pode existir, mas está fora do âmbito da Educação Física. Assim como o estão o «jaquirismo», o hipnotismo e as «lavagens ao cérebro». — precisou o prof. Mário Begonha.

A propósito da afirmação publicitária dos efeitos da «ginástica electrónica» em comparação com outros tipos de exercícios físicos a que já aludimos atrás, disse-nos ainda o prof. Mário Begonha:

— *Para além de fenómenos térmicos, químicos, gasosos, de adaptação, de alerta, de «contrôle», de excitabilidade, de recrutamento nervoso, de percepção, de integração, de interpretação, de elaboração de respostas adequadas, de intencionalidade, de coordenação, de «transfire», etc., etc., diremos que isso já resolvia, em parte, os graves problemas que afligem a Educação Física portuguesa. Pois, no atletismo deixaríamos de ter necessidade de sujeitar atletas ao pseudo treino de 25 voltas ao estádio; resolveríamos o problema do ciclismo, de 2 horas; o da ginástica aplicada, eliminando o risco e poupando quatro horas e meia por dia (o que é notável) e ainda o problema dos «massagistas» de estética, coisa sempre delicada quando se trata de homens...*

E em tom irónico:

— *Em face das ditas declarações somos de opinião que a douta (reservatório de doutores) Direcção-Geral dos Desportos, dado o seu seletismo, e o grande interesse que o assunto revele para o desporto nacional, se devia pronunciar sobre o assunto. De resto, pode ainda o dito processo «revolucionário», quem sabe, resolver também o problema das competições internacionais (a dormir), e sobretudo, da escolha das duas modalidades no atletismo preconizadas pelo sr. director-geral dos Desportos, no Palácio Foz. É que tal treino pode resolver o problema do Fomento Desportivo e para isso basta que tudo fique como até aqui «a dormir».*

Insubstituível para doentes ou outros diminuídos físicos

Os professores e monitores de educação física (ou psicomotricidade, como alguns agora insistem que se chame) puseram, como se viu, o problema dos indivíduos saudáveis, com tempo e sem problemas. Mas, no mundo de hoje os tempos livres diminuem e o ritmo de vida torna-se infernal, por períodos ocupacionais progressivamente mais dilatados. Existem numerosas pessoas que não podem fazer ginástica. Uns por falta de tempo, outros por falta de mentalização que lhes permita praticá-la, nas situações menos comuns para os leigos: enquanto se sobe num elevador, durante o duche, no período de tempo durante o qual se faz a barba, enquanto nos vestimos ou despimos, nos momentos em que nos deslocamos de uma sala para outra, enquanto se vê televisão (ou cinema), etc., etc.

Há ainda, no outro lado, uma grande legião de pessoas que não pode fazer esforços físicos. Trata-se de doentes cardíacos ou das vias respiratórias, de diminuídos por fracturas, de imobilizados nos leitos (temporária ou perpetuamente) por moléstia ou acidente. O campo de acção da Fisioterapia é vasto, se bem que não disponhamos em Portugal de médicos nem de instalações em número suficiente. «*Os aparelhos electrónicos são insubstituíveis no campo da Fisioterapia*», declarou-nos a fisiatra dr.ª D. Alzinda Moreira Matono «*É claro que os vendedores de tais aparelhos devem aconselhar quem compra a utilizá-los de acordo com as indicações do seu médico assistente*», acrescentou ao sublinhar a utilidade de que podem revestir-se para fazer praticar ginástica a quem não aguente esforços físicos, por qualquer deficiência ou por imobilização forçada devido a fracturas.

E o movimento é necessário não só para os músculos mas também para os ossos. Todos queremos evitar de reduzi-lo a níveis inferiores aos normais devem procurar remediar o mal — pois de verdadeiro mal se trata.

A Stuart Mason no seu livro «As Hormonas e a saúde», escreveu:

«*O osso não só modifica a*

(Continua na 16.ª página)

AS JÓIAS, AS PRATAS DA
Ourivesaria da GUIA
SÃO DIFERENTES!
FUNDADA EM 1875
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Um rendimento certo isento de impostos

TAXAS DE JURO

Depósitos à ordem
(pessoas individuais)
Até 50 contos 3% ao ano
Excedente a 50 contos 1,5% ao ano

Depósitos a prazo
(entidades privadas)
6 meses, renovável 4,75% ao ano
1 ano, renovável 5,25% ao ano
5 meses, renovável 5,75% ao ano
Importâncias múltiplas de 1000$00 com o mínimo de 10 000$00

Depósitos Poupança-Habitação
vencem juros à taxa dos depósitos à ordem, mas quando concedidos os empréstimos a que dão direito, é-lhes atribuído um suplemento de forma a beneficiarem da taxa de
5,75% ao ano

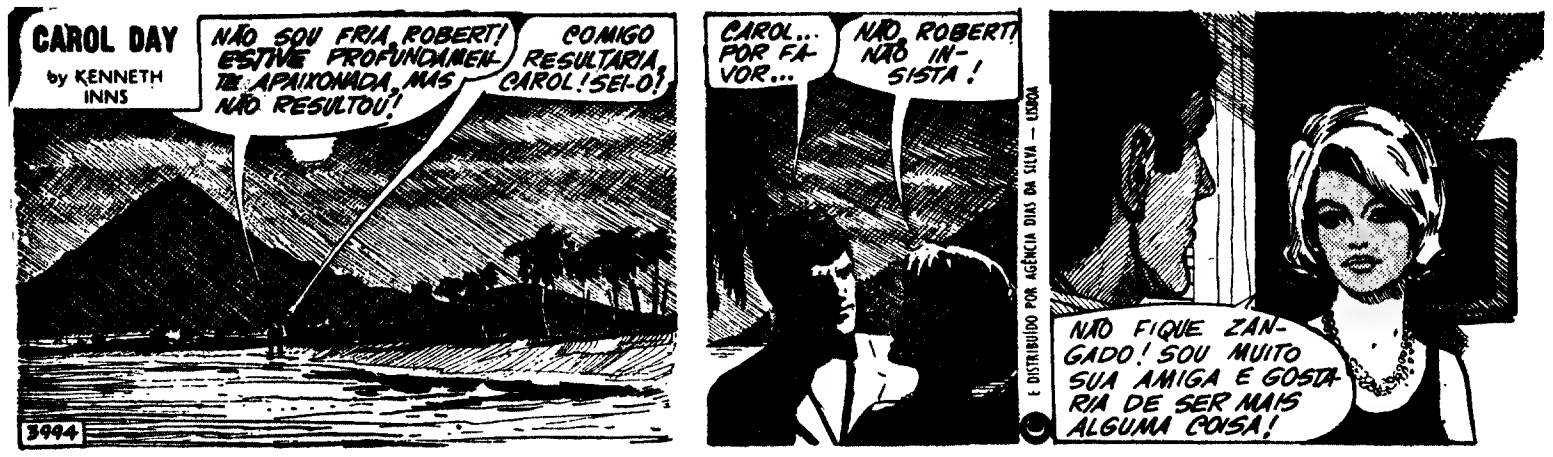
CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

Os juros dos depósitos estão isentos de quaisquer impostos nos termos da lei.
O Estado assegura a restituição de todos os depósitos efectuados na Caixa, mesmo em casos fortuitos ou de força maior.

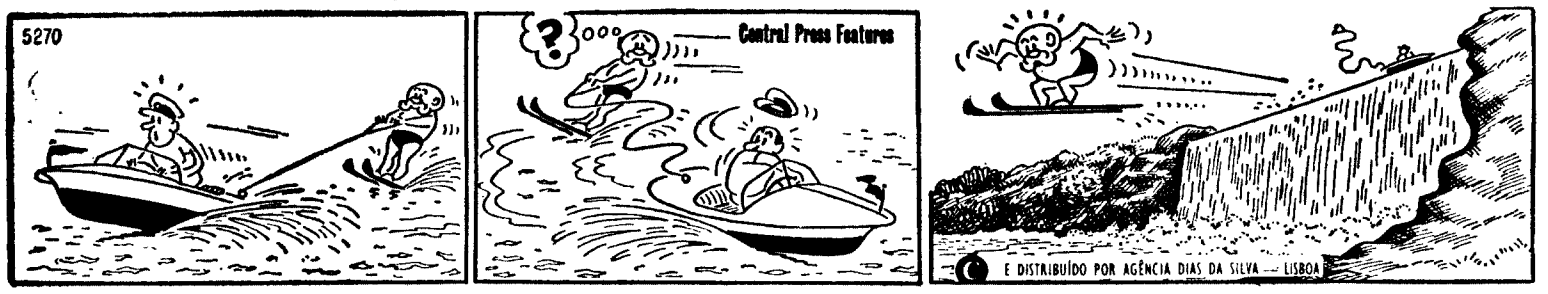
informações em qualquer dependência da Caixa

OS PEANUTS

CAROL DAY



AVENTURAS DO TIO CARLOS



HA 30 ANOS

O «Dia de Carnaval» (Terça-feira de Entrudo) **caiu há trinta anos a 25 de Fevereiro; e por isso não se publicou o «Diário de Lisboa». Nesse tempo, contudo, o Carnaval era uma folgança ruidosa de alegria comunicativa — maneira de afugentar as tristezas do dia-a-dia e a libertação de pesadelos ou a sugestão de cada um se realizar (evadindo-se de si próprio) consoante as suas aspirações mais intimas, por vezes as mais ousadas, desconexas e destrambelhadas.**

REUNIÃO DO ROTARY CLUBE DE LISBOA

Dedicada ao companheirismo efectuou-se ontem a reunião habitual do Rotary Clube de Lisboa, com a comparência de muitos sócios, convidados e visitantes nacionais e estrangeiros.

Presidiu o sr. dr Ruy Pires Branco. Foram abordados vários assuntos inerentes à vida do Clube.

CAMISAS POR MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5815

HORIZONTAIS: 1 — Verão. Dás gume a. 2 — O mesmo que encara. Danço o samba. 3 — Pouco rendoso (fig.). Içara. 4 — Uma das partes do mundo. Lavrar. 5 — Ecoa. Prefixo que designa três. Artigo indefinido. 6 — Acalmei. 7 — Pronome pessoal. Amimam. Cânhamo da Índia. 8 — Sufixo que designa estado. Esmalte de azul. Artigo definido (Ant.). 9 — Ganho rançoso. Freguesia do concelho de Guimarães. 10 — Rio da Suíça. Monarca. 11 — Aromatizo (inv.º). Peixe do género siluro.

VERTICAIS: 1 — Cidade da Síria do Norte, nas margens do Orontes, ao pé do Líbano. Defunto. 2 — Decadência (fig.). Época. 3 — Encantos (fig.). Recusa. 4 — Engana. Reumir em maço. 5 — Extremidade do braço. Gorjeara. 6 — Estremeci. 7 — Pega. Aspirara. 8 — Timbre de voz. Metas em malo. 9 — Cidade do estado de Santa Catarina (Bras.). Distrito da Índia Portuguesa. 10 — Desafem. Mediana. 11 — Ecoara. Vómito (Bras.).

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1						■					
2											
3											
4					■		■				
5				■				■			
6	■	■								■	■
7			■								
8			■								
9						■					
10		■								■	
11											

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

HORIZONTAIS: 1 — Adi. Suã. Era. 2 — Termo. Balas. 3 — Amolgaras. 4 — Ardinas. 5 — UM. Aarão. De. 6 — Mas. Dar. Vim. 7 — Itono. Aviso. 8 — Naco. Alce. 9 — Ada. Nós. Rua. 10 — Ro. Maria. Ta. 11 — Arilo. Alcés.

VERTICAIS: 1 — At. Ruminara. 2 — Deã. Matador. 3 — Irmã. Soco. 4 — Mora. Nó. ML. 5 — SOLDADO. NÃO. 6 — Gira. Por. 7 — Abanara. Sia. 8 — Arão. Vá. Ai. 9 — Elas. Vila. 10 — Ras. DISCUTE. 11 — Ás. Remoeras.

Provérbio: UM SOLDADO NÃO DISCUTE.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9658

HORIZONTAIS: 1 — Cidade da Numídia. Adepta. 2 — Brisas. Saia com muita roda. 3 — Tempo do verbo ser. Antepassado. 4 — Gálio (s. q.). Junta. Solitário. 5 — Alinhamentos ou disposição de ruas. 6 — Plutónio (s. q.). Antes de Cristo. 7 — Encimariam. 8 — Preposição. Pele espessa e dura de alguns animais. Pronome reflexo. 9 — Matemática (abrev.). Um canto. 10 — Velha Guarnição de arames. 11 — Irmã. Mulher de azul.

VERTICAIS: 1 — Fundo. Armadilhas para pássaros. 2 — Ouro (s. q.). Espetem o carpéu em. Laço. 3 — Vencimento diário de um soldado. Alcool de melaço. Maior. 4 — Concerto musical nocturno. Ocidente. 5 — Vasilha com asas. Censurar. 6 — Prefixo de negação. Pronome pessoal. 7 — Arruína. Móvel em forma de arca com gavetões. 8 — Condado da Irlanda. Ratara. 9 — Para barlavento. Rio da Escócia. Oceano. 10 — Basta. Sovas. Mil e cem em romano. 11 — Gorgulhos tropicais. Melão pequeno e mais ou menos esférico.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9657

HORIZONTAIS: 1 — Cristalinos. 2 — Ea. Oliva. 3 — Ao. Agá. Ab. 4 — Anta. Vir. 5 — Adoara. Toró. 6 — Descalartos. 7 — Orão. Alado. 8 — E.s. Abro. 9 — Cá. Aro. Ao. 10 — Oras. De. 11 — Repousariam.

VERTICAIS: 1 — Céu. Adecor. 2 — Ra. Adena. 3 — Anosas. Op. 4 — Ataco. Aro. 5 — Tó. Aro. Arau. 6 — Ala. Ala. Ais. 7 — Liga. Aa. Sá. 8 — Ivã. Tribo. 9 — Na. Valara. 10 — Airado. Dá. 11 — Sabrosa. Tem.

HÁ 50 ANOS A TRATAR DE FLORES

(Continuação da 10.ª página)

dente da Câmara Municipal de Abrantes? O «Correio de Abrantes», no seu numero de 9 de Janeiro, publicou uma notícia em parte semelhante àquela que, embora enviada anteriormente, só foi por nós publicada em 11 do mesmo mês. Ora o dr. Rodrigues Baptista só protestou contra a notícia por nós publicada e não contra aquela. Mas, a respeito da rectificação feita ao publicado no «Diário de Lisboa» há ainda a considerar aquilo que aponta o nosso correspondente: «Ora, realizada a sessão em 3 de Novembro, a não ser que se dispusesse, nos termos do Código Administrativo para efeitos imediatos (o que não é de admitir), o deliberado só tinha efeitos legais depois de aprovada a acta da reunião seguinte. A ser como o presidente diz, praticou-se uma ilegalidade. Mas nada disto se passou. Em 23 de Janeiro, falando com o jardineiro Simão António Vieira, que teria sido louvado e recebido a medalha da cidade, afirmou-me que, se foi louvado, até então ainda não tinha recebido comunicação oficial, transcrevendo-se, como diz o C. A., aquela parte da acta. Quanto á medalha entregue, não foi a da cidade — como se pode confirmar pela foto que remeto —, mas a de um acontecimento municipal, o 50.º aniversário da elevação a cidade. A sua entrega não se fez em sessão publica, como se escreve, mas, como diz o jardineiro «indo á Câmara despedir-me do pessoal e dos funcionários e, estando lá o sr. presidente no seu gabinete, passei por lá a despedir-me e, então, ele disse-me algumas palavras de elogio e fez-me a entrega da medalha do 50.º aniversário

O nosso p[illegible]o correspondente, em carta anterior, relatou uma conversa com presidente da Câmara de Abrantes, remetido nos seguintes termos: «Disse-lhe que a primeira carta havia sido acintosa e que não compreendia a amizade nestes termos, com ferroadas propositadas para me ferir e vexar e rematei que quem escreve o que não deve obriga-se a ler o que não quer». Só nos resta dar o assunto por encerrado, como o dr. Rodrigues Baptista solicita no ultimo parágrafo da sua carta acima transcrita, mas pedimos-lhe que medite nas palavras que escreveu no parágrafo imediatamente anterior áquele, se porventura alguma vez esteve interessado em descobrir qual seria o juizo dos nossos leitores sobre este caso.

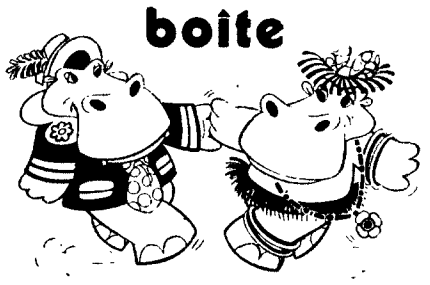
Artes plásticas

A exposição de Arnaldo Ferreira no Rio de Janeiro

Foi inaugurada há dias, no Centro de Turismo de Portugal, no Rio de Janeiro, á Rua de Santa Luzia, 827, a exposição do pintor Arnaldo Ferreira.

Arnaldo Ferreira apresenta muitos quadros sobre a Lisboa antiga, á noite, naquela sua maneira de interpretação dos efeitos de luz sobre a Lisboa nocturna.

À inauguração da exposição presidiu o embaixador de Portugal no Rio de Janeiro, dr. José Manuel Fragoso.



Conjunto privativo e musica de discos
AMBIENTE SELECCIONADO
Aberto das 22 ás 5 horas — M. 17 anos
Av. António Augusto de Aguiar, 3 — Telef. 48384

QUESTÕES DO INQUILINATO — 10

ACABE-SE COM O REGIME DO AUMENTO QUINQUENAL

Entre os muitos e graves problemas criados pela luta que as leis sobre habitação permitem aos senhorios contra os inquilinos, como meio de escamotearem o verdadeiro problema — o do «Direito de Habitar» — e de os manter longe de formularem as suas justas reivindicações sobre esse direito, sobressai o do preço das rendas.

Mas, ao tratar-se do preço das rendas, imperioso e necessario é abordar, prèviamente, quanto respeita às «avaliações fiscais», meio permitido à especulação para a inflação no mercado do arrendamento.

Por M. ROQUE LAIA

Há ainda quem se insurja contra o facto de o mal não ser absoluto e de em duas unicas zonas do País, tais avaliações fiscais não poderem produzir os seus deletérios efeitos. Porém, como já disse e escrevi anteriormente, não merece reparo o facto de se manter a excepção que proíbe — em Lisboa e no Porto — as avaliações para aumento do preço das rendas das habitações. O que merece reparo — e todos os factores económicos, sociais, humanos e morais contra-indicam — é que seja mantida essa possibilidade de aumento do preço da renda, através de meras e abstractas «avaliações fiscais» .. e, por via delas, o preço das habitações aumente nos outros centros populacionais e até nos próprios meios rurais.

O que causa reparos é que elas existam nas restantes localidades do País; que, através delas, se sufoque os que têm de arrendar casa para habitar, o pequeno comércio, a pequena industria, as profissões liberais, os quais não podem — nem devem — ser transformados em máquinas de aumentar — ainda mais — os especulativos e imorais lucros do mais rendoso, do mais seguro, do mais protegido, e defendido negócio — o de alugar casas.

Na actual regulamentação do arrendamento, o problema grave não é o de não se permitir a alguns senhorios ainda maior especulação, maior elevação do preço de algumas das suas rendas. Nessa matéria, o que é grave é que haja «avaliações fiscais» para aumento do preço das rendas; é a instabilidade e a insegurança que no lar do cidadão foram criadas a partir da revogação da lei 1662, de 4 de Setembro de 1924.

GRAVE E ESPANTOSO

Em matéria habitacional há aspectos graves, muitíssimos graves; mas, não o é a proibição de se submeter a habitação em Lisboa e no Porto à possibilidade da especulação agir por intermédio dum serviço do próprio Estado. O que é grave, o que é inverosímil, é a permissão de se «fabricarem» motivos de despejo. O que é grave, o que é inverosímil é que o nascimento de uma criança seja motivo para a expulsão de duas famílias, do seu lar.

O que é grave, absolutamente inverosímil é que se confunda a hospedagem doméstica com a industrial.

O que é grave, e espantoso, é que, para se defender e proteger o senhorio e o seu sempre insaciável desejo de obter «mais rendimento» à custa do arrendatário, se tenha criado uma «especialíssima» acção judicial — a de despejo — única na nossa legislação, única, única nas suas erradas e perigosas consequências, única na sua «rapidez» e «ve-

(Continua na 16.ª página)

McCann

Chegou o "Classe à Parte" da Opel o "1604 S"

Duplamente «classe à parte». Porque é novo, da grelha negra da frente ao pára-choques traseiro, do chassis ao motor de 1,584cc. Estilo novo, linhas puras e harmoniosas, **sem cromados em excesso. Em nada igual a qualquer outro Opel (excepto no cuidado do fabrico). Porque se destina a uma «classe à parte» do mercado. Uma classe em expansão por toda a Europa: a que exige num só automóvel o que há de melhor em muitos.**

Relativamente pequeno — 4,19 m — mas com enorme espaço no habitáculo (1,33 m de largura, à altura dos ombros) e no porta-bagagens (307 dcm³). Cómodo — assentos individuais à frente, ajustáveis (na distância para pernas e encosto dorsal) e 3 lugares no banco traseiro com 1,32 m. **Suspensões inteiramente novas**: à frente, independente, com molas helicoidais, barra estabilizadora de torção e amortecedores telescópicos; atrás, com articulação central, tensor, tirantes longitudinais, molas helicoidais de acção progressiva, estabilizador de torção e amortecedores telescópicos na posição vertical. **Conforto** e **Segurança total** em cima de qualquer piso.

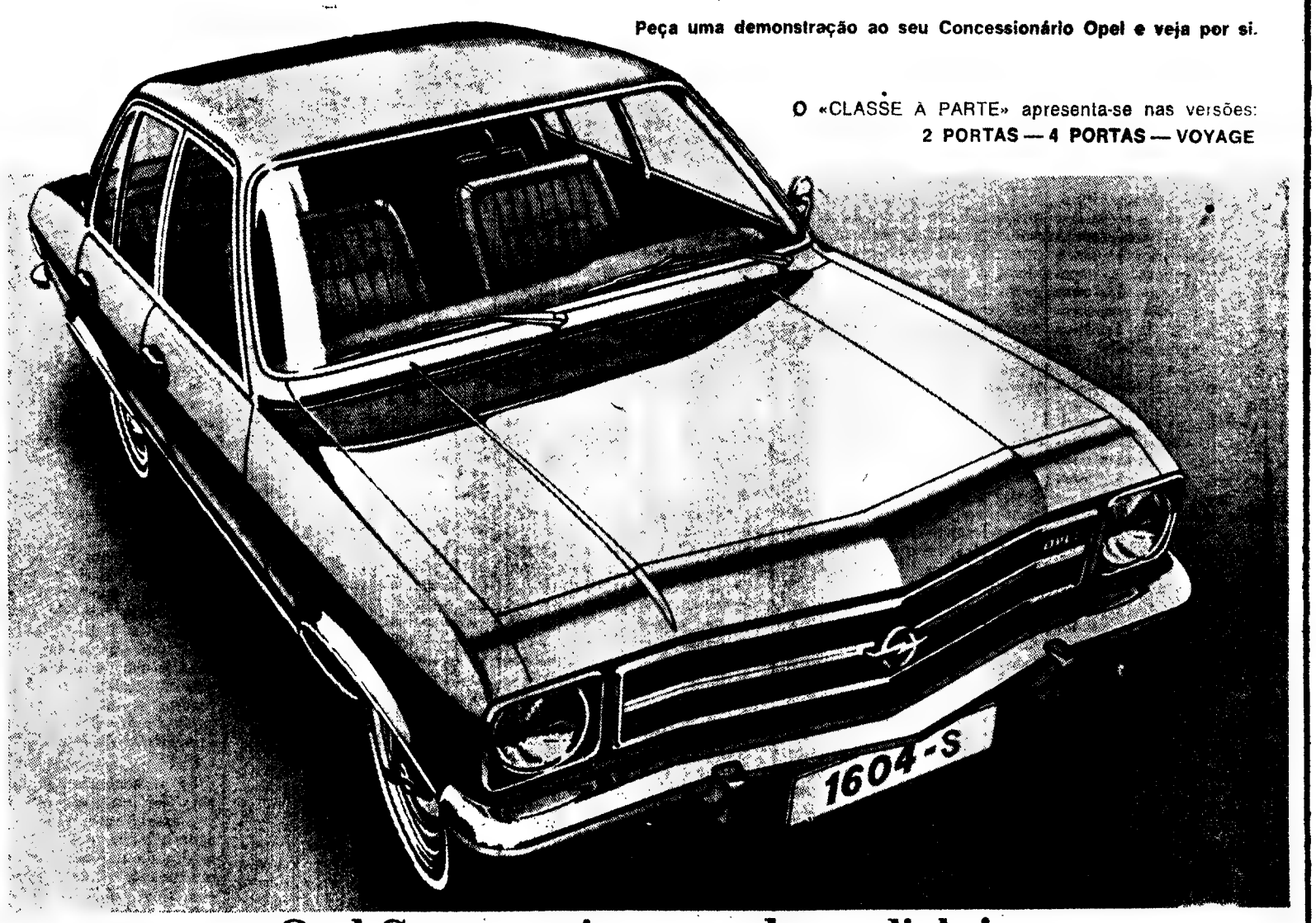
Motor de 92 HP de cambota com 5 apoios e árvore de cames na cabeça; **consumo e manutenção económicos**, mas arranque rápido (14 1/2 segundos de 0 a 100 Km/hora) e velocidade máxima... de 155 Km/hora. O 1604 S tem tudo o que faz dele um «classe à parte», mas tem ainda mais.

OPEL GM

Um produto General Motors montado em Portugal com assistência técnica em todo o país

Peça uma demonstração ao seu Concessionário Opel e veja por si.

O «CLASSE À PARTE» apresenta-se nas versões:
2 PORTAS — 4 PORTAS — VOYAGE



Opel. Sempre mais carro pelo seu dinheiro.

EM CASCAIS

vive-se melhor

NO LOCAL MAIS ALTO DE CASCAIS

- Magníficas panorâmicas de mar e serra.
- A 900 metros da estação de caminho de ferro.
- Andares de 3 a 6 divisões assoalhadas.
- Moradias.
- Zona de excepcional desenvolvimento e valorização.
  O bairro mais luxuoso de Cascais

CONSULTE

J. PIMENTA, SARL

UMA CASA PARA CADA CASO

LOCAIS DE CONSTRUÇÃO

PAÇO DE ARCOS — B.º Comendador Joaquim Matias
CASCAIS — Conjunto Turístico da Pampilheira
REBOLEIRA — Edifício Oeiras

ESCRITÓRIOS

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15-1.º—Tels.: 45843/47845
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones: 95 20 21/22
COIMBRA: Avenida Fernão de Magalhães, 470-1.º, Sala 1
CASTELO BRANCO — Praça do Rei D. José, com entrada pela Rua da Figueira
BRAGA — Av. Marechal Gomes da Costa, 590-3.º, Dt.º
LUANDA — Henrique L. Castendo — Apartado 1224

A PRÁTICA DA GINÁSTICA

(Continuação da pág. central)

sua forma interna para maior vantagem mecânica, mas também as suas células depositam mais fosfato de cálcio em resposta ao movimento diário. A completa imobilização de um osso, de modo a não ficar submetido a nenhuma força mecânica, ocasiona uma rápida perda de fosfato de cálcio e uma consecutiva perda de densidade e resistência. A poliomielite, paralisando um membro, reduz-lhe o esforço mineral. A imobilização prolongada de todo um membro em gesso, para tratamento de uma fractura, produz o mesmo efeito. Por isso, os médicos insistem sempre na necessidade de mobilizar, tão cedo quanto possível, um membro fracturado. Na verdade, não são precisos muitos exercícios para manter o conteúdo de cálcio do osso. Estar deitado num leito que para evitar a deterioração se faz baloiçar suavemente como um berço é suficiente do osso».

Claro está que é preciso um pouco mais para evitar a deterioração de um músculo. Tanto num como noutro caso, os aparelhos electrónicos podem ser a resposta. Sempre é preferível fazer ginástica sem esforço (ou até a dormir) do que não fazer nenhuma, muito embora, para quem tem saúde, nada haja como exercitar o corpo, à custa do próprio esforço físico. Seja em que situação for, devemos lembrar-nos de que a actividade psicomotriz (seja ela autonoma ou provocada por aparelhos) é indispensável ao homem.

Este aparelho, mais potente e capaz de poder ser ligado, ao mesmo tempo, a oito pessoas, transmite impulsos eléctricos que provocam actividade muscular sem esforço para quem o utilize. A sensação, depois de ligado é de um «formigueiro», na parte atingida pelos impulsos eléctricos

ACABE-SE COM O REGIME DO AUMENTO QUINQUENAL

(Con[illegible] pagina)

locidade, [illegible]dade esta que excede todos os limites da velocidade excessiva e perigosa...

O que é grave, inverosímel, é que, para se possibilitar mais e maior rendimento mensal aos senhorios se deixe campear, livremente, a especulação com o preço das rendas, do que resulta empurrarem-se milhares de famílias para a promiscuidade do «quarto alugado».

O que é grave, é que exista a «necessidade» de alugar quarto, alternativa que muitos tentam antes de mergulharem — sem esperança nem remissão — na barraca, pois, muitos são os que lutam e se recusam a aceitar uma renuncia, a curvarem-se perante uma descriminação que lhes é imposta.

A barraca e o quarto alugado, são o grito flagelante, acusação gritante, contra toda a longa e complacente permissão da especulação com o preço das rendas de casa, a falta do estabelecimento das normas respeitantes ao Direito d[illegible].

«ACTUALIZAÇÃO» —UMA METÁFORA

Esses e muitos outros pontos cuja análise é imperiosa e não sofre mais delongas, (é que são «problemas muito graves», e carecem de urgente revisão. Esses é que são «casos absolutamente inverosímeis, resultantes da prática duma lei de excepção».

[illegible] fazer-se cessar a proibição de sujeitar á avaliação quinquenal das mal formadas «comissões de avaliação» a casa de habitação dos cidadãos de Lisboa e Porto; quando os proprietários-senhorios falam em «actualização de rendas» o que querem dizer, o que pretendem, é o aumento indiscriminado do preço da renda dessas habitações. Falar-se em «actualização» é uma metáfora. Com ela pretende-se encobrir aquela realidade, pois, nenhum dos que falam, reclamam, ou pretendem, essa «actualização» fazem acompanhar a sua indefensável e inaceitável exigência de qualquer restrição, do que resulta que seriam sujeitas á tal... «actualização»... tanto as rendas antigas que se pudessem considerar desactualizadas, como as actuais, já de milhares de escudos por mês... ,

Nenhum dos que falam em «avaliações», em «actualização do preço das rendas», propôs, jamais, que «baixassem» os preços das rendas especulativamente elevadas.

O que se pretende, ao falar-se em «avaliações», em «actualização», é aumentar «todas» as rendas, desde as da barraca infecta ás dos prédios de construção a que chamam «de luxo», só por terem um pouco daquela dignidade que deve revestir a habitação dos seres humanos. De resto, isso é o que sucede nas localidades submetidas ao regime de injustiça social e económica que permite tais «avaliações fiscais».

Aí, fatal, inexorávelmente, [illegible] cinco anos, «todas as rendas» — sem excepção alguma — sofrem aumento, pois, tanto as requer o senhorio da «barraca», como o do prédio de... cimento armado...

Tanto as requer — e através delas obtém aumento do preço da renda — o senhorio das casas recém-construídas e cujos arrendamentos atingem o seu primeiro quinquénio, como os das casas que já foram «avaliadas» e aumentadas no quinquénio anterior, no quinquénio antes desse, e nos anteriores. E por quê? Por que o foram? Qual o fundamento desse aumento?

Desactualizou-se a «renda» perante as condições materiais e habitacionais da casa? Não! O que nesse espaço de tempo se desactualizou não foi o preço da renda! O que se desactualizou foi a casa, que não recebeu as necessárias e indispensáveis obras interiores de «conservação» e de «actualização» habitacional; e, não as receberam, nem as casas de habitação em Lisboa e Porto, nem as daquelas localidades em que é permitido esse aumento quinquenal do preço das rendas.

O que se desactualizou, não foi a renda! O que se desactualizou foi a casa, anos e anos sem obras de conservação, com telhados que não vedam as águas das chuvas, com as janelas e portas que, a caírem de podres, não vedam os ventos.

O que se desactualizou foi a casa, em que os tectos e as paredes passaram a estar cobertos de atemorizantes fendas; em [illegible] esburacados dão passagem a ratos, a batalhões de baratas e de outros parasitas; em que os esgotos, apodrecidos, exalam cheiros nauseabundos e extravasam o seu conteudo.

CUMPLICIDADE COMPLACENTE

O que está desactualizado, em relação á época e ás actuais concepções sobre as condições de habitabilidade que deve possuir o lar do ser humano, é a possibilidade de criação dessas situações aflitivas, de incomodidade e de insalubridade; o que está desactualizado é que tais situações se processem perante a passividade e a indiferença das camaras municipais, dos serviços de saude, para quem os inquilinos, em vão e inutilmente, apelam durante meses e anos.

O que está desactualizado é que, — não poucas vezes —, as entidades oficiais, quando acordam do seu inaceitável, incompreensivo e incompreensível letargo — acabem por fazer a declaração de estar o prédio «ameaçando ruína». E, todos sabemos que essa declaração era o objectivo desejado do senhorio, que, sistemática, teimosa, e intencionalmente, durante anos e anos, com a cumplicidade complacente das camaras municipais, recusou a execução das obras e a conservação da propriedade que, voluntáriamente, afectou ao mercado do arrendamento, para a satisfação duma necessidade publica.

Na verdade, [illegible] negativas — de inércia e de desrespeito pela lei — outro fim não tinham—e não têm— senão o de proporcionar o almejado «despejo sumário e imediato» das famílias arrendatárias, que, assim, são expulsas da casa, da qual sempre pagaram a renda, renda cujo preço não raramente foi objecto da avaliação e do consequente aumento quinquenal.

Todo o produto — todo o serviço — tem o seu preço de custo; e só razões resultantes da melhoria do próprio produto, ou de aumento de custo da produção — elevação do preço da matéria-prima, mão-de-obra, investimento fabril — podem justificar uma elevação nos preços de consumo dos produtos e serviços.

Então se em relação ás casas arrendadas o «produto» continua sendo o mesmo — quando não de qualidade inferior e mais ordinário — se o que se desactualiza é a casa e não a renda, que razão de ordem moral ou de justiça social há para que o preço-renda dessa casa seja aumentado de cinco em cinco anos?

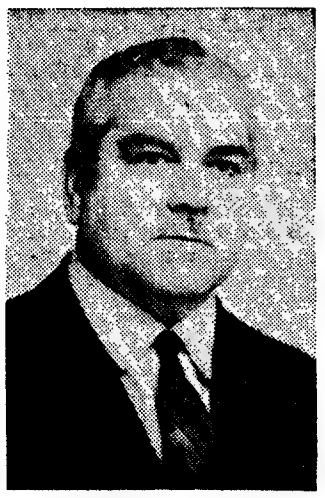
Se o senhorio aluga uma casa por um preço que é, agora, exorbitante, porque razão consentir-lhe que, por intermédio de um serviço publico, meramente fiscal, esse «preço» seja ainda mais aumentado nos cinco anos imediatos, e nos outros cinco anos seguintes, e nos outros, e nos outros?

O que se «desactualiza» não é a [illegible]; o que se desactualiza é a casa e a relação estabelecida entre o preço da renda dela — (embora tal preço possa ser, já, um preço especulativo) — e o desejo de «mais lucro», o querer «mais rendimento», contidos no apetite, sempre insaciável, do comerciante-senhorio.

Pretende-se o aumento do preço da renda porque o senhorio quer ter mais «lucro» mensal, mais rendimento, sem que para obter um e outro tenha de incorporar trabalho pessoal. Mas se essa razão fosse válida, então o padeiro, o merceeiro, o carniceiro, as empresas ferroviárias, as companhias fornecedoras de água, de gás, de electricidade aumentariam ainda mais, e sempre, os preços de venda dos seus já caríssimos produtos e serviços, pois, todos esses «querem» mais «rendimentos».

Fazer depender de sucessivos aumentos do preço-renda a obrigação de manter a casa arrendada no mesmo nível de habitabilidade que ela tinha quando foi fixada a renda inicial, equivaleria a legitimar os pedidos da Carris, da C. P., de todas as outras empresas que entendem que a manutensão do serviço e das despesas deste devem ser obtidas á custa de aumentos do preço das tarifas, através dos sacrifícios do utente, e não da eliminação das suas despesas inuteis, de uma mais baixa taxa dos fabulosos lucros que todos esses prestadores arrecadam á custa do trabalho das famílias consumidoras.

ENG. BRITO SUBTIL



DR. ALFREDO GARCIA

NOVA PRESIDÊNCIA DA CÂMARA DE OEIRAS

(Continuação da 1.ª página)

ignorasse que se tratava de um bairro construído na clandestinidade».

A criação do Bairro de Algés e a possibilidade de se desdobrar a Amadora, já contemplada com um Bairro Administrativo, em novas freguesias como, por exemplo, Damaia e Venda Nova, foram depois sugeridas pelo dr. Marchueta, entre várias considerações sobre desconcentração administrativa.

Finalmente, prestou homenagem ao Chefe do Estado e ao Presidente do Conselho.

O novo presidente do Município de Oeiras, depois de afirmar que servir um concelho como o de Oeiras constitui *«uma honra, uma distinção e uma obrigação»*, agradeceu as palavras do chefe do distrito e a presença dos representantes da Imprensa, da Rádio e da Televisão. *«Tão necessários e tão úteis á boa informação»*.

O eng.º Brito Subtil nasceu em Coimbra em 1913. Em Moçambique, foi secretário provincial de Obras Públicas e Comunicações, nos governos do general Costa Almeida e do dr. Rebello de Sousa. Tomou parte activa nos estudos e trabalhos de Cabora Bassa.

O dr. Alfredo Garcia tem 48 anos e é natural de Silves. É advogado (actividade que suspende agora). Desempenhou cargos directivos na Mocidade Portuguesa e, por mais de uma vez, fez parte dos quadros dirigentes da União Nacional.

Pode prever-se um desfecho rápido da guerra em Moçambique

— afirmou Miguel Artur Murupa numa conferência de Imprensa

«Um desastre» — foi a resposta pronta de Miguel Artur Murupa, ex-dirigente da FRELIMO, á pergunta de uma jornalista italiana sobre o que pensava acerca de uma hipotética independência de Moçambique, por parte dos brancos europeus, como aconteceu no Brasil em 1822. Sempre muito rápido, Miguel Murupa acrescentou: *«Isso convidaria imediatamente os comunistas, que estão a penetrar cada vez mais na África Austral. Não seria o melhor caminho a seguir. Hoje, na época das velocidades supersónicas, um Portugal pluricontinental e plurirracial é muito melhor»*.

Respondendo a perguntas de jornalistas portugueses e estrangeiros, durante uma conferência de Imprensa, esta manhã, no Palácio Foz, Miguel Artur Murupa falou da sua experiência na FRELIMO e fez considerações várias sobre política. A propósito da guerra em Moçambique, e em resposta a uma pergunta, afirmou:

— *Acho que pode prever-se um desfecho rápido .. A guerra vai acabar... Dois, três anos...*

Reconhecendo, embora, que continuará a haver acções isoladas de guerrilha (minas, alguma emboscada, etc.) o ex-dirigente da FRELIMO baseou a sua afirmação em vários argumentos:

— *A FRELIMO tem entre 4 mil e 5 mil guerrilheiros, não mais. Mas na organização interna há um retrocesso e sentem-se dificuldades em recrutar pessoal.*

Além disto Miguel Murupa recordou «o maior potencial dos portugueses» e «a nova estratégia a partir de Junho»: *«A tropa vai para o mato e fica lá um mês, dois meses. Depois, há mais aviões e helicópteros, a arma mais temida pelos guerrilheiros»*.

Continuando na exposição dos seus argumentos Miguel Murupa acentuou depois a abertura de estradas e pistas, a criação de melhores condições a construção de escolas novas oportunidades de emprego etc. Na sua opinião *«a guerra foi provocada por estas insuficiências»*.

Resposta pronta

Miguel Artur Murupa nasceu em Pebane, Moçambique. Estudou no Seminário do Zobue e no Liceu da Beira, trabalhou no «Diário de Moçambique», como revisor e, em 1961, foi para a Tanzania. Em 1962, era locutor da Rádio Ghana (secção portuguesa) e no ano seguinte, partiu para os E. U. A. onde frequentou a Universidade de Lincoln, como bolseiro. De 1964 a 1967 bacharelou-se em Economia e Finanças e em Sociologia pela Universidade de Howard, Washington. Regressado á Tanzania, foi nomeado adjunto do Departamento das Relações Exteriores da FRELIMO e passou a fazer parte do Comité Central e do Comité Executivo da organização. Apresentou-se a uma patrulha militar do Exército Português, no planalto dos Macondes em 6 de Novembro de 1970. Hoje, aos 30 anos de idade Miguel Murupa pretende trabalhar em Moçambique e continuar o curso de Economia.

Apresentado na conferência de Imprensa pelo dr. Feytor Pinto, director dos Serviços de Informação da S. E. I. T., Miguel Murupa respondeu com prontidão a todas as perguntas e demonstrou grande erudição:

— *«Sai de Moçambique como opositor da política portuguesa no Ultramar e agora regressei como um defensor dessa política. O facto de Portugal estar em África não significa que é colonialista, porque Portugal já não é uma potência europeia, mas uma potência plurirracial e pluricontinental.»*

A uma pergunta sobre o auxílio prestado por vários países á FRELIMO, respondeu:

— *«Com o andar dos tempos, o auxílio dos países nórdicos vai diminuir. O dos países comunistas, vai continuar, porque eles têm os seus objectivos, precisam de criar mercados e há uma questão ideológica»*.

Terminou peremptoriamente:

— *«Nas populações que vivem bem, o comunismo não entra»*.

Miguel Murupa referiu-se ainda a Cabora-Bassa. Na sua opinião, a FRELIMO não pode impedir a construção da obra. Mas acrescentou ainda a propósito:

— *«Se a guerra contra a FRELIMO fosse feita só pelos brancos, estes não ganhariam a guerra»*.

FAMÍLIAS DA METRÓPELE SEM HABITAÇÃO APROPRIADA

«Duas centenas e meia de milhares de famílias não disporão, porventura, de habitação apropriada á sua defesa e vida de família» — afirmou, hoje, na Assembleia Nacional, o deputado Alberto Alarcão, falando sobre «Famílias e condições de Habitação» na metró-

Segundo o deputado, que se alongou na citação de números dos censos de 1950 e 1960, «um em cada três fogos não deverão estar servidos de electricidade, um em cada dois de esgotos ligados quer á rede publica, quer a fossa, e três em cada cinco de água canalizada».

«Continuam a faltar, assim, habitações e habitações capazes e, sobretudo, casas económicas ou de renda acessível» — frisou Alberto Alarcão, que se referiu também ao problema da regulamentação da construção civil:

«De facto, não parece excessivo pessimismo admitir que o capital envolvido na construção civil, no País, é próximo do dobro do realmente indispensável para a produção do que se vem obtendo; que os milhões de contos ao serviço daquela actividade poderiam facultar perto do dobro do numero de fogos construídos por ano; com embaratecimento das habitações, com importante indução do crescimento de industrias que abastecem a mesma actividade, com maior progresso no adequado alojamento das populações.»

Além do deputado Alberto Alarcão usaram da palavra, no período antes da ordem do dia, os parlamentares Barreto de Lara («Plano do Cunene»), João Manuel Alves («Problemas de Viseu») e Castelino e Alvim («Federações Municipais»).

Na ordem do dia, prosseguiu o debate da proposta de lei sobre a actividade de seguros e resseguros, tendo falado os deputados Pinto Castelo Branco, Julio Evangelista e Almeida Garrett.

Entretanto, reuniram-se a comissão eventual para o estudo de medidas tendentes a reforçar a comunidade luso-brasileira (para eleição dos respectivos presidente e secretário) e a Comissão de Trabalho, Previdência e Assistência Social (para estudo do projecto de lei Cancela de Abreu sobre reabilitação e integração social dos indivíduos deficientes).

Como se sabe, a Assembleia, que se encontra já a funcionar em período de prorrogação, interrompe amanhã os seus trabalhos, só os devendo retomar em princípios de Abril.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

MAIS DE 500 CASOS DE MENINGITE EM ESPANHA

MADRID, 25 — (R.)—Desde o princípio do ano, registaram-se em Espanha mais de 500 casos de meningite, mas o Governo desmente que o surto tenha atingido proporções epidémicas.

Ontem o Ministério do Interior anunciou que se registaram já 520 casos, dos quais 80 em Madrid e admitiu que este numero era ligeiramente superior ao habitual.

Por sua vez o jornal «Pueblo» de Madrid, anunciou a noite passada que, nos últimos dois meses, tinha havido 12 casos na capital.

A APOLO-15 SERÁ LANÇADA NO DIA 26 DE JULHO

CABO KENNEDY (Florida), 25 — (A. N. I) — A Apolo-15 será lançada no dia 26 de Julho e não no dia 25 como fora anteriormente anunciado — comunicou ontem a agência espacial.

A partida de Cabo Kennedy foi fixada para as 9 e 34 horas (13 e 34 TMG) do dia 26 e a amaragem no Pacífico para o dia 8 de Agosto ás 15 e 30 horas (2 e 30 TMG) pelo que a viagem se prolongará por 12 dias, o que constitui um «record» no programa Apolo.

A alunagem está prevista para o dia 30 e os astronautas passam 67 horas na superfície lunar, com três excursões — duas de sete horas e um de seis.

Os preparativos para a missão dependem especialmente do carro eléctrico, «Lunar Rover» que os astronautes usarão na Lua. Surgiram algumas dificuldades com o veículo, as quais parecem estar resolvidas, pelo que se conta que o carro chegue a Cabo Kennedy no dia 15 de Março — duas semanas antes da data prevista.

Se o lançamento não puder realizar-se no dia 26 de Julho, a partida terá de ser adiada para 24 de Agosto.

Necrologia

SUFRÁGIOS

Madame Jean Demoustier

Celebra-se amanhã, sexta-feira, ás 18 e 30, na igreja do Santo Condestável, missa de sufrágio por alma da sr.ª D. Jean Poisoz Demoustier, falecida há um ano.

UMA OBRA CORAJOSA DE ALEXANDRE CABRAL

MEMÓRIAS DE UM RESISTENTE

Um livro de fascinante leitura o de Alexandre Cabral.
Obra de ficção, «narrativa romanceada» sobre o passado português recente — a define o autor.
Reconhece no entanto Alexandre Cabral que a maioria dos eventos relatados «é genuinamente verdadeira»: a partir deles construiu esta obra, que revela muito sobre uma época, uma geração, um ideal, uma exemplar trajectória humana e literária.

DIARIO POPULAR

MEMÓRIAS DE UM RESISTENTE

Há de tudo nestas memórias romanceadas de Alexandre Cabral: valentia, humor, emoção directa, uma linguagem de múltiplos registos, ora retórica, ora picaresca, ora épica, ora lírica. O julgamento de um intelectual honrado sobre várias décadas de vida já tornada em história, a sensibilidade viril de um coração de oiro, a pureza de quem nunca traiu suas verdades. Alexandre Cabral, com toda a sua musculatura moral, com a sua inquebrantável esperança, a sua profunda e terna humanidade, a sua coragem de rochedo projectada num livro autêntico, simples, comunicativo. Documento subjectivo e documento histórico, onde, por vezes, há que saber ler nas entrelinhas.

JORNAL DO COMÉRCIO

COLECÇÃO METAMORFOSES
300 PÁGINAS | 65$00
EDITORIAL INOVA/PORTO

Actualidade internacional

FOGO ANTIAÉREO NO LAOS IMPEDIU QUE OS HELICÓPTEROS ABASTECESSEM UMA BASE

SAIGÃO, 25 — (A. N. I.) — Os artilheiros comunistas impediram durante todo o dia de ontem os helicópteros americanos de chegarem á base das tropas sul-vietna... tas na «pista Ho Chi Minh» e na retaguarda bombardearam com foguetões de 1... milímetros o quartel-general para a campanha no Laos, em Quang Tri.

Mais para o sul — anuncia o informador do comando militar dos Estados Unidos — sete americanos morreram ontem à noite, quando o helicóptero que tripulavam se despenhou a 96 quilómetros de Saigão. Não se crê que a destruição do aparelho fosse motivada pelo fogo antiaéreo dos comunistas.

O informador militar acrescentou que intenso fogo antiaéreo dos comunistas impediu os helicópteros americanos de reabastecerem a posição sul-vietnamita do monte 31, no Laos, pelo segundo dia consecutivo.

TUNNEY RECEIA A INTERVENÇÃO DA CHINA

WASHINGTON, 25 — (F. P.) — O senador democrático John Tunney (Califórnia), pediu ontem á noite ao presidente Nixon para pôr termo até ao próximo domingo, a todo o auxílio aéreo americano ás operações militares actualmente em curso no Laos.

John Tunney, filho do antigo campeão de pesos pesados Gene Tunney também se pronunciou a favor da retirada de todas as forças americanas da Indochina antes do fim do ano corrente. A propósito da actual ofensiva sul-vietnamita no Laos, declarou que o apoio aéreo americano «não pode conduzir senão ao alastramento da guerra, talvez com a intervenção da China comunista»

GEORGE HARRISON: QUINTA SEMANA À CABEÇA DOS «TOP-TEN»

LONDRES, 25 — (R.) — «My sweet lord», o disco de George Harrison, no topo dos «dez mais» da Grã-Bretanha pela quinta semana consecutiva, transformou-se num manancial de vendas em todo o Mundo.

A canção encontra-se em quase todas as tabelas de classificação em centros mundiais seleccionados e parece provável que permaneça nessa situação ainda por várias semanas.

A seguir a este êxito fantástico, outro Beatle, Paul McCartney, acaba de editar um disco com o título «Another day».

Na tabela de Amsterdão encontra-se o seu antigo colega John Lennon, com uma faixa do seu recente álbum. «Mother» acha-se actualmente em nono lugar nos «top-ten» da Holanda. A canção está, também, a ser lançada nos Estados Unidos.

Contudo, Lennon tem, igualmente, um novo disco que deverá aparecer em breve no mercado, com o título «Power to the people».

Com todo o poder dos Beatles nas ondas do eter, deverá haver em breve algumas erupções no panorama mundial da «pop-music».

Os rapazes-maravilha, The Jackson Five, pularam para o segundo lugar nos E. U. A., com «Mama's pearl», logo a seguir a «One bad apple», dos Osmond Brothers, que continuam no topo da tabela. E o portentoso conjunto Creedence Clearwater Revival luta, também, para atingir a posição cimeira com «Have you seen the rain?».

O Egipto preparado para libertar as terras árabes ocupadas

CAIRO, 25 — (A. N. I.) — O ministro egípcio da Guerra, general Mohammed Fawzi, declarou ontem á noite que as Forças Armadas egípcias se encontravam «completamente preparadas» para libertar as terras árabes ocupadas, se Israel rejeitar a retirada total.

O aviso seguia-se a informações publicadas na Imprensa do Cairo segundo as quais o Egipto ameaçava retirar a sua oferta para a paz no Médio Oriente, se Israel não desse uma resposta positiva ás suas propostas apresentadas ao medianeiro da O.N.U., Gunnar Jarring.

«A República Árabe Unida nunca entregará uma polegada que seja da terra ocupada» — disse Fawzi, que acrescentou:

«As Forças Armadas, e atrás destas o povo egípcio, atingiram o mais alto grau de preparação para a luta pela libertação da sua terra.»

Fawzi falava na cerimónia de graduação de novos oficiais. O discurso foi difundido por Rádio Cairo.

CONGRESSO JUDAICO EM BRUXELAS

Continuação da 1.ª página

ção que fizera e salientou que embora desaprove a apologia da violência feita pelo rabino Kahane, chefe da liga de defesa judaica de Nova York, pensa que ele tinha o direito de ser ouvido. Este comentário foi aplaudido, mas ouviram-se ainda apupos.

A conferência entra hoje no seu terceiro e último dia e os delegados de 38 países deverão aprovar um apelo dirigido ao Governo soviético para que dê aos judeus o direito de emigrarem para Israel e de terem uma cultura própria

O rabi Kahane, antes de ser ontem expulso da Bélgica, como agitador em potência, tinha dito aos jornalistas que os russos não darão ouvidos a «apelos delicados» pelo que pensava que deviam ser tomadas medidas mais concretas. Justificando o seu ponto de vista, o rabino disse que a violência «é um método tradicional do povo judaico.»

A ALTA COSTURA PERDE TERRENO

PARIS, 25 — (F. P.) — A alta costura está a influenciar cada vez menos a moda da rua, reconheceram ontem três costureiros franceses, Marc Bohan, Pierre Cardin e André Courréges, numa troca de impressões com jornalistas franceses e estrangeiros. Em sua opinião, três razões explicam esta situação. Por um lado, a Imprensa deforma o seu pensamento, simplificando em extremo a ideia das colecções, passando deliberadamente por cima da sua intenção profunda. Depois, as clientes já não são as embaixatrizes da alta costura, deixando-se influenciar pela rua. Finalmente, há a considerar a conjuntura económica.

Os três costureiros apresentaram seguidamente as suas concepções pessoais da moda. Extremamente diferentes, essas concepções explicam talvez a anarquia da actual moda. Para Courrèges, a alta costura morreu. A moda é uma mensagem, exigindo, ao ser criada, trabalhar para as mulheres e com as mulheres». Na opinião de Pierre Cardin, a moda é a criação e «a criação é a solidão». O futuro pertence assim ao «laboratório» de onde saem modelos que são depois multiplicados ao infinito. «Sendo a moda uma criação, deve surpreender e deve ser detestada antes de se impor».

COURRÈGES: «A alta costura morreu»

Pierre Cardin, muito falador, tratou Courrèges de «funcionador». Quanto a Marc Bohan, disse que «procurava sòmente tornar as mulheres mais bonitas».

Um anónimo que assistia a esta discussão afirmou a certa altura que as mulheres que usam mini-saia eram mais desejadas que as de «maxi» Pierre Cardin tinha uma opinião a este respeito. As mulheres que se vestem de qualquer maneira — disse — encontram mesmo assim um marido. O homem que só pensa nas mulheres deseja-as nuas. «A moda pouco importa, pois, no caso», concluiu.

União Eléctrica Portuguesa

S. A. R. L.

Capital: 450 000 000$00

Sede: — Rua de Alexandre Herculano, 244 — PORTO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Convido os Senhores Accionistas a reunir em Assembleia Geral Ordinária, na sede da sociedade, Rua de Alexandre Herculano, n.º 244, no Porto, no dia 22 do próximo mês de Março, pelas 10 horas e 30 minutos, a fim de:

a) — deliberarem sobre o Balanço, Contas e Relatório do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao ano findo;
b) — fazerem a eleição dos corpos gerentes.

Para se tomar parte nesta Assembleia Geral, os títulos ao portador deverão ser depositados, pelo menos oito dias antes da Assembleia, no Banco Pinto & Sotto Mayor ou no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa ou no Banco Português do Atlântico, em Lisboa ou Porto.

Porto, 17 de Fevereiro de 1971.

O Presidente da Assembleia Geral
(a) — **Eduardo Furtado**

ELEIÇÕES MUNICIPAIS EM FRANÇA

(Continuação da 3.ª página)

para ser assim tão maleável, visto que não tem assegurada uma aliança em todas as eleições gerais (nomeadamente nas presidenciais) e ainda menos o seu eventual prolongamento governamental.

Além disso, pode mostrar-se intransigente, se quiser, diferentemente do que acontecia com os socialistas da III República. O facto de ligar menos importância aos assentos parlamentares e de os seus eleitores serem mais disciplinados, dá-lhe já maior liberdade de manobra. Mas, sobretudo, as condições políticas privam a esquerda de importantes meios de pressão sobre a extrema-esquerda. Antes de 1940, os radicais podiam fazer esperar a S. F. I. O, porque dispunham de uma aliança de reverso com o centro e o centro-direita, de que eles se utilizavam largamente. Até 1969, os socialistas estavam em posição idêntica, em relação aos comunistas. Praticaram coligações centristas entre 1947 e 1958. É natural que esperassem poder voltar a essa estratégia após a partida do general..

A U. N. R. e os seus aliados formaram, primeiro, uma coligação bastante heteróclita, ùnicamente cimentada por de Gaulle. A U. D. R. e os seus aliados constituem agora um bloco sólido, cuja cisão é pouco provável nos próximos anos, porque os seus membros não têm interesse em tal, uma vez que o seu futuro está mais assegurado pela actual maioria que por uma qualquer terceira força.

COLIGAÇÕES

Nenhuma terceira força pode reunir a maioria nestas condições entre um bloco gaullista que oscila à volta de 45 por cento dos sufrágios, e um bloco comunista e esquerdizante que oscila à volta dos 25 por cento. Na próxima década — e talvez na seguinte — os partidos políticos de oposição já não têm pois outra escolha que não seja entre um sistema de bipolarização e um sistema de partido dominante. O primeiro funciona actualmente na Alemanha Ocidental e na Escandinávia: opõe duas coligações (ou uma coligação e um grande partido), uma, de direita, outra de esquerda, cada uma das quais com dimensões suficientes para pretender ascender ao poder e constituir uma «alternativa». A V República orientou-se nesta direcção entre 1935 e 1969. O segundo sistema funcionou, durante estes últimos 20 anos, na Índia: baseia-se numa forte desigualdade entre um partido muito grande que dispõe da maioria dos assentos e pequenos partidos que enfrentam o combate separadamente, incapazes, por conseguinte, de substituir o partido dominante no poder. A desagregação da esquerda não comunista e o enfraquecimento da sua aliança com o P. C. F. levam-nos para este caminho, de há 2 anos para cá.

Numa situação destas, os socialistas já não têm possibilidade de uma aliança de reverso, como os radicais faziam, sob a III República. Durante muito tempo ainda, sem dúvida, não terão no plano nacional outra escolha que não seja uma coligação de esquerda ou um isolamento que os reduziria à impotência e ameaçaria desagregá-los, pouco a pouco reforçando o P. C. Este encontra-se, pois, em posição de força para exigir uma aliança de esquerda coerente e se opor aos jogos de báscula nacionais ou às divergências locais. Quando o centrismo constituía uma perspectiva possível, o P. C. F. tinha interesse em tratar bem os socialistas para impedir que eles enveredassem muito pelo centrismo, e se desviassem em demasia para a direita. Nessa altura ele teria sido obrigado a engolir a pílula amarga das alianças municipais de Lille, Marselha e Toulouse para conseguir as boas graças dos chefes socialistas. Hoje não arriscaria nada, ou quase, recusando-se a isso. O Partido Socialista não teria meios reais de ripostar: porque, recusando a aliança nacional com os comunistas, ficaria mais prejudicado ele próprio que os comunistas.

CONDIÇÕES

A eventual maleabilidade em tais circunstâncias não é mais que uma oportunidade táctica, revogável a bel-prazer, eventualmente justificada pela sensibilidade epidérmica dos eleitores. No plano estratégico, o argumento de que a intransigência do P. C. F. neste caso favorecia a maioria actual não convence. O verdadeiro problema, para chegar realmente a derrubar a maioria no poder, é o de agregar um conjunto de forças capaz de a substituir. Enquanto o único meio possível para isto foi o de formar uma coligação de esquerda, as combinações contrárias favoreceriam muito mais a manutenção dos gaullistas no Governo, que a perda eventual de certas municipalidades, a troco da manutenção da fidelidade à aliança nacional. A estratégia bipolar exige um jogo claro: é necessário que o bloco oposto à maioria seja preciso, sólido, não tenha falhas para que o seu acesso ao poder seja plausível. A presença do P. C. num tal bloco não torna estas condições muito fáceis de executar. Mas a dispersão perante um partido dominante conduziria a oposição a uma impotência maior e mais duradoura. Não pode fugir-se a esta lógica da situação.

NIXON NA MENSAGEM DO «ESTADO DO MUNDO»

O problema mais perigoso é o do Médio Oriente

WASHINGTON, 25 — (A. N. I. e R.) — O presidente Nixon dirigiu hoje um apelo á União Soviética e á China para que colaborem com os Estados Unidos no abrandamento da tensão internacional, na redução da corrida aos armamentos nucleares e na construção de uma paz duradoura.

Nixon fez este apelo na sua mensagem sobre o «estado do Mundo» que hoje enviou ao Congresso. Sublinha também a sua decisão de se manter firme contra as condições postas por Hanói para uma solução do conflito no Vietnam.

Segundo afirma, os Estados pretendem estabelecer diálogo com Pequim e colaborar com os soviéticos na solução de situações perigosas existentes no Mundo, nomeadamente fazendo a paz no Médio Oriente.

Nixon tomou a iniciativa pouco habitual de dirigir directamente um apelo aos soviéticos para que transformem o próximo Congresso do Partido Comunista em Moscovo numa revisão geral da sua política externa capaz de produzir decisões equiparáveis á sua própria decisão de trabalhar em conjunto com eles pela causa da paz.

Na sua mensagem, o presidente avisa também Moscovo de que «a expansão natural da influência soviética no Mundo n~ deve ser deturpada por ambições de exclusivismo ou predominancia, pois tal política despreza os interesses de outros países, incluindo o nosso, e por isso deve encontrar e encontrará resistência pela frente, conduzindo apenas a uma confrontação»

TERRITÓRIOS PORTUGUESES

Noutros pontos da mensagem que se intitula «a política externa dos Estados Unidos na década de 70 — construindo a paz», o presidente Nixon afirma:

— Os Estados Unidos manterão sem redução a sua presença militar na Europa, apesar das pressões que o Congresso tem feito no sentido de uma diminuição.

— A solução da crise no Médio Oriente exige a devolução aos árabes dos territórios ocupados por Israel na guerra dos seis dias, com pequenos ajustamentos de fronteira se for necessário, bem como um acordo de paz que dê a Israel a garantia de que não será atacado. Embora o Vietnam continue a ser «o problema mais angustiante» dos Estados Unidos, não é, contudo, «o mais perigoso». Esta terrível distinção pertence á situação no Médio Oriente onde, em potência, as probabilidades de a política soviética e a nossa própria entrarem num confronto, o qual se pode revelar incontrolável, são muito maiores.

— A base de um acordo começa a surgir nas conversações com os soviéticos sobre limitação das armas nucleares estratégicas e espera-se que seja possível alcançar ainda mais progressos quando as negociações recomecarem no próximo mês. Subsistem porém divergências em pontos específicos e se a União Soviética continuar a reforçar o seu potencial de mísseis isso provocará reacção adequada dos Estados Unidos.

— Embora os Estados Unidos sejam contra o «apartheid», não concordam com as tentativas para isolar os regimes brancos na África do Sul, na Rodésia e nos territórios portugueses. O presidente rejeita o emprego da violência, sugerindo uma mistura de contactos normais para levar esses países a modificarem a sua política actual.

Referindo-se á retirada americana do Sueste Asiático, o presidente disse que, embora os Estados Unidos estejam interessados em que os seus aliados asiáticos se aguentem pelos seus próprios meios, sem excessiva dependência da força militar americana, a retirada não poderá ser tão rápida que enfraqueça a confiança e a segurança desses países em vez de a fortalecer.

TRANSFORMAMOS DINHEIRO EM PROGRESSO!

FACULTAMOS
crédito a médio ou longo prazo para:
* Investimento * Produção e
venda a prazo de bens de equipamentos nacionais
* Exportação.

COLABORAMOS
com as actividades económicas nacionais na realização de:
* Estudos económicos sobre oportunidades de investimento
* Contactos com empresas nacionais e estrangeiras
para a concretização de iniciativas de interesse mútuo.

REMUNERAMOS
depósitos de prazo superior a um ano,
à taxa de 5,75% com: * Isenção total de impostos
* Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças
* Segurança total.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
METRÓPOLE Sede: LISBOA. Delegações: PORTO, COIMBRA, BRAGA, SANTARÉM, ÉVORA, VISEU, AVEIRO.
ULTRAMAR Direcções-Gerais: LUANDA, LOURENÇO MARQUES.
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O CAMPEÃO PORTUGUÊS CONTRA O 11.º DE FRANÇA

HECTOR YAZALDE: ATÉ À PRÓXIMA!...

Hector Yazalde, o argentino que o Sporting contratou recentemente, foi ontem apresentado, no Estádio de Alvalade, a muitos milhares de espectadores. Frente á equipa do campeão nacional, os franceses do Red Star, que militam na Divisão principal do seu país.

Os «leões» não jogaram bem nem disso precisaram para vencer os gauleses por 3-0. Limitaram-se os portugueses a fazer a sua obrigação, já que os visitantes jamais saíram duma exagerada modéstia, como se procurassem confirmar a conhecida crise que avassala o seu futebol

Constantemente ao ataque, o Sporting deu-se ao luxo de desperdiçar pródigamente as inúmeras ocasiões de marcar construídas durante 40 minutos. Tomé, integrado na frente no momento das conclusões, esteve tão gagaz a infiltrar-se como desastrado a rematar

Seguiu-se do intervalo um cruzamento de Hilário recebeu o fim que merecia, pois Chico desmarcou-se e cabeceou excelentemente. Entretanto, já Hector perdera um ensejo de baliza aberta.

Como é de uso nestas partidas houve substituições com fartura no segundo tempo. Ao contrário do que se esperava, o labor dos «verdes» ganhou clareza, pois Pedras fez questão de variar os serviços á frente, abrindo jogo com magnífica visão e Gonçalves, um caso de aplicação, nunca

Sporting, 3- -Red Star, 0

parou, entregue a louvável actividade.

Os franceses lá foram defendendo e contra-atacando quando lhes era permitido (Pintenat forçou Botelho a uma estirada espectacular), tanto mais que o guarda-redes era de todos o melhor. Veio a ser, no entanto, mal batido no segundo tento «leonino», ao deixar que um pontapé comprido de Laranjeira o desfeiteasse infantilmente.

Uma descida vistosa de tabelas entre Yazalde e Gonçalves terminou em golo, com muito mérito do médio que soube combinar com o companheiro, entrar na área e chutar para as redes antes que o «keeper» o afrontasse.

A quase inexistente resistência do Red Star rouba significado ao relativamente volumoso triunfo «leonino».

Os sportinguistas tiveram em Chico e Gonçalves, com particular relevo do primeiro, os seus homens mais destacados. De Yazalde não ficámos com uma ideia definida. Por isso nos despedimos dele até á próxima para então o conhecermos melhor

Nos visitantes, Landu, mesmo descontando a «fifia» do segundo golo, evitou a «goleada», os laterais pareceram preferíveis aos colegas do meio e, na frente, ninguém a realçar, incluindo o nosso compatriota Valter.

Francisco Lobo arbitrou sem deparar com dificuldades, a não ser num lance ocorrido na segunda parte quando uma falta sobre

Yazalde: uma «finta» em Alvalade

Yazalde, dentro da grande área não foi punida, vindo o Sporting a fazer posteriormente o golo, por intermédio de Lourenço, em posição de fora de jogo.

Equipas:

SPORTING — Botelho; P. Gomes, Caló, A. Baptista e Hilário; Tomé e Gonçalves; Chico, Yazalde, Lourenço e Mário.

No segundo tempo, Celestino, Pedras, Laranjeira, Manau e Armando Luís substituiram P. Gomes, Tomé, Caló, Hilário e Chico, respectivamente.

RED STAR — Landu, Mouthon, Garriques, Ferrie e Monin; Bacquet e Faure; Sinon, Valter, Pintenat e Gueniche.

Na segunda parte, Bernard rendeu Faure que viria a reentrar a fim de substituir Valter.

Golos: Chico (40 m.), Laranjeira (58 m.) e Gonçalves (69 m.).

FRANCISCO CAMILO

YAZALDE apresentou-se mas não ficámos a conhecê-lo...

Hector Yazalde, pelo que vimos ontem, não é um «génio» nem um «nabo». Argentino, não mostrou o malabarismo de outros compatriotas seus, mas, em contrapartida, possui espírito de luta em grau elevado.

Entra na grande área com decisão e remata fácilmente com ambos os pés, embora acusasse falta de concentração no momento final. Domina a bola com facilidade, procurando, por vezes, romper sózinho, em vez de o fazer através de trocas de bola com os companheiros.

Na segunda parte jogou mais para a equipa e o seu rendimento subiu, assinalando vários lances de mérito, como aquele de que saiu o terceiro golo do Sporting.

Algumas oportunidades perdidas colocaram em dúvida a sua eficiência.

Numa síntese: Yazalde não entusiasmou nem decepcionou. Para se estabelecer uma opinião mais segura sobre o seu verdadeiro valor, a estreia não chegou.

VOLTA AO LEVANTE

A Coelima acusa falta de ritmo

Ao segundo dia da Volta ao Levante, a equipa portuguesa da Coelima (com espanhóis) «marcha» já com um atraso de um quarto de hora em relação ás melhores.

Na primeira etapa um «contra-relógio» pró-forma», por equipa, corrido em Castellon, os «coelimas» limitaram-se a andar para não se atrasarem — o que conseguiram.

Mas na segunda 173 quilómetros entre Castellon e Gandia, as coisas «complicaram-se». Denunciando clara falta de ritmo (as outras equipas demonstram já uma preparação muito adiantada) e «desvantagem natural» em relação á categoria de alguns dos adversários, os homens da Coelima «perderam-se» num pelotão (não foram só eles) deixando atrasar-se em relação a um grupo de quinze, que veio a dominar por completo as operações. E, na meta, o atraso de quase um quarto de hora...

Ganhou a etapa, o espanhol da Werner, Lopez Rodriguez (4 horas, 42 minutos e 44 segundos nos 173 quilómetros) que ascendeu ao primeiro lugar da classificação geral.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 25 da 10.ª época (28/2/71)

Jornal «Beira Baixa» — 211 211 111 111X; Cardeal Saraiva — 211 211 1X1 2112; Clube Asas do Atlântico — X11 211 112 11X2; Correio dos Açores — 211 211 112 1XXX; Correio do Douro — 211 211 11X 1X2X; Diário dos Açores — X11 211 122 1122; Ecos do Desporto (EAL) — X11 211 X1X 11X1; Gazeta do Sul — X11 21X 121 1212; João Semana — 211 212 XX2 X2X2; Jornal da Lixa — 211 211 122 1211; Linhas de Elvas — 211 21X 1XX 111X; Peça que não Maça — 211 211 1X1 11XX; Povo Algarvio — X11 X1X 111 1X2X; Renovação — 21X 211 111 1111; Republica — 211 211 X1X 11X1; O Templário — 211 X11 111 X1X2; Diário do Alentejo — 211 211 X1X 111X; Época — 211 211 X22 11X2; Notícias de Évora — 211 21X X11 1X12; Jornal de Viseu — 211 211 1X1 1X11; Jornal do Sul — 111 211 111 111X; Jornal de Santo Tirso — X1X 21X 12X 1X1X; Jornal de Felgueiras — 211 211 11X X121; Jornal do Barreiro — 211 211 XXX 1XX1; Voz de Lamego — 211 21X 111 1112; Açores — 211 X11 1XX X1X1; Folha de Domingo — X11 211 11X 2X2X; Notícias de Guimarães — 21X 211 11X 12XX; A Voz de Domingo — X11 211 12X X11X; Notícias de Felgueiras — 211 211 1XX X1X2; Correio de Coimbra — X11 21X 112 111X; O Concelho de Estarreja — 211 211 X11 1111; Eu Sei Tudo — 211 211 XX2 122X; Maria da Fonte — 211 211 12X XX1X; Correio da Horta — X11 211 11X 2X1X; Brados do Alentejo — 211 111 XX1 X212; A Rabeca — 211 211 11X 1XXX; O Comércio do Porto — 211 211 1X1 111X; Estrela da Manhã — X11 211 121 1211; Diário do Minho — 211 21X X21 1X21; Imagens Pedenses — 211 211 11X 112X; Cavalgada do Ritmo — X11 X11 X12 21X2; Revista de Som — 211 1XX 1X1 XX11; Litoral — X11 211 11X 1X1X; Ideal Rádio — 211 211 1XX 1X1X; Cantinho Ricardo Lemos — 211 211 X2X 1XX2; Comércio de Portimão — 211 211 112 1121; Correio do Vouga — X11 211 111 1111; Ecos de Cacia — 211 211 112 1111; Rádio Altitude — 211 211 111 1111; Reconquista — X11 211 11X 1212; O Telégrafo — X11 211 1XX 11XX; A Ilha — X11 211 XXX 11XX; Bondiazinho — XX2 211 1XX 2122; Brado Africano — 211 211 112 12XX; Cidade 71 — 211 21X 1X2 XX1X; Domingo Alegre — 211 21X 1X2 121X; Jornal Desportivo — 2X1 X11 121 11X2; Passatempo — 212 21X 112 X21X; Roteiro Sonoro — 211 211 1X2 11X2; Terceiro Programa — 211 21X 1X2 X212; Vamos Jogar no Totobola — X11 21X 1X1 1X11; Revista Desportiva — 111 X11 X1X 1XXX; Boletim Desportivo — 111 12X 211 1X1X; Boletim Desportivo (RCP) — X11 211 XX2 1X1X; Comércio de Leixões — 211 211 1XX 1X1X; De Tudo Um Pouco — 211 211 111 1X1X; As 10 Espere Por Nós — 211 2X1 11X 11X1; Dos Fracos Não Reza a História — 211 211 111 1111; A Lição do Menino Quim — X11 X11 1X1 1112; Miscelânia Musical — 111 21X XX2; 11XX; Momento Totobola — (Rádio Porto) — 111 111 111 1111; Montra do Êxito — 211 211 111 1X22; Música e Desporto — 211 X11 1XX 1111; Norte Desportivo — 211 211 1X1 1X1X; Penalti — 111 21X 211 1121; Vamos á Bruxa — 211 211 21X 1X11; Programa Electro Mecânico — 2X1 211 111 1111; Programa da Manhã — 111 211 X11 1X12; Programa Sem Nome — X11 211 1X1 1111; Rádio Clube do Norte — 2X1 211 X11 1XX1; Auto-Rádio — 211 211 1X1 1211; Rádio Placard — 211 211 111 222X; Placard Desportivo — 211 211 122 X2X2; Campião Português — X11 211 121 X211; Rádio Sports — 211 211 211 1112; Repórter do Dia — 211 211 1XX 1122; Repórter do Dia-Angola — 211 211 X2X 1122; Estudio 64 — X11 211 1X1 2X1X; Resenha Desportiva — 211 211 X11 1X21; Programa Só Rádio — 211 21X 1X2 1XX2; O Sorriso da Hora do Almoço — 1XX 222 2X2 XX11; A Voz dos Ridículos — X11 211 X12 1111; Passatempo (ENR) — 111 211 111 1211; Mosaico — X11 211 111 1212; O Apostolado — 2X1 211 1X1 1X2X; O Comércio — X11 211 1X1 1111; Diário (Luanda) — X11 211 11X X1X2; A Nossa Chave — X11 211 1X1 111X; Notícias do Totobola — 211 211 11X 1X11; Defesa de Espinho — 221 211 X11 1211.

CONCURSO N.º 25

10.ª ÉPOCA

	RESUMO 1	X	2	BOLAS(a) 1	X	2
1. Farense-Sporting	8	29	64	1	3	8
2. C. U. F.-Boavista	94	6	1	10	1	1
3. Académica-Guimarães	95	4	2	10	1	1
4. Varzim-Porto	4	8	89	1	1	10
5. Setúbal-Belenenses	97	2	2	10	1	1
6. Leixões-Tirsense	81	18	2	9	2	1
7. Braga-Lamas	73	23	5	8	3	1
8. Vizela-Penafiel	51	36	14	6	4	2
9. Salgueiros-Beira-Mar	46	33	22	5	4	3
10. Espinho-Marinhense	78	16	7	9	2	1
11. Sesimbra-Peniche	48	34	19	6	4	2
12. T. Novas-Olhanense	57	27	17	7	3	2
13. Sintrense-U. Tomar	35	38	28	4	5	3

E a chave lógica será: 211 211 111 111X

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

Sensação no Boxe!

Afinal, é LUÍS SEGURA, um dos maiores nomes do pugilismo de Espanha, que vem aí, para defrontar o português CARLOS ALMEIDA.

E nunca, pelo menos nestes últimos tempos, um combate de boxe despertou no público um tão grande entusiasmo como este, que coloca frente a frente LUÍS SEGURA e CARLOS ALMEIDA.

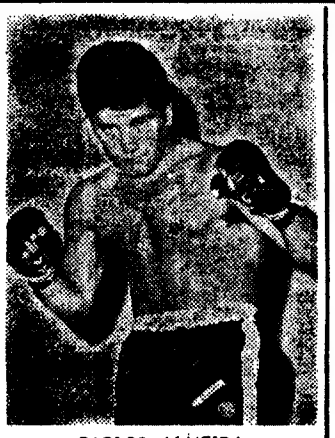
Nova Yorque vibra a 12 dias de um «match», que está apaixonando todo o mundo do desporto — FRAZIER-CLAY.

Lisboa agita-se apenas a 24 horas da realização de um combate,, que está a concitar todas as atenções dos desportistas — ALMEIDA-SEGURA

AVISO — A exemplo do anterior, esta sessão não será televisionada.

Suspensas rigorosamente as entradas de favor.

(M/ 17 anos)



CARLOS ALMEIDA
o «boxeur» das multidões

CORRIDA AOS BILHETES!...

O público afluiu em grande número, logo no 1.º dia em que funcionaram os bilheteiros do COLISEU e da agência A. B. E. P., nos Restauradores.
Todos querem assistir ao combate ALMEIDA-SEGURA

BOXE

AMANHÃ
(às 21.45 h. em ponto)
COLISEU DOS RECREIOS
(Ring ao centro da pista)

CARLOS ALMEIDA (Português) contra LUIS SEGURA (Espanhol)
Em 10 assaltos de 3 minutos
COSTA RODRIGUES (Português) contra CANTILLANA (Espanhol)
Em 8 assaltos de 3 minutos
JUVENAL OLIVEIRA (Português) contra GALLARDO (Espanhol)
Em 6 assaltos de 3 minutos
MANUEL DORES (Português) contra PECELLIN (Espanhol)
Em 6 assaltos de 2 minutos
Mais 1 combate de amadores em 3 assaltos de 3 minutos

organizações LUSOBOX

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

«FOI UM GRANDE SUSTO»

(JAIME GRAÇA, ESTA MANHÃ, AO «DIÁRIO DE LISBOA»)

— *Foi um grande susto* — confessou-nos, esta manhã, o «médio» benfiquista Jaime Graça — *mas felizmente tudo se me afigura ter passado. Esta tarde vou ao departamento clínico do clube, fazer mais umas análises. E depois é trabalhar, trabalhar tanto quanto for necessário para recuperar depressa.*

A pouca sorte impediu que Jaime Graça continuasse «totalista» em jogos, nesta temporada. Não jogou em Santo Tirso; não jogará na Luz, domingo que vem, contra o Barreirense; mas espera — espera ele, esperam todos — actuar na 22.ª jornada, frente ao Farense. Só que a 22.ª jornada sofreu um adiamento de quinze dias e Jaime Graça terá, assim, um regresso também adiado.

Jaime Graça: livre de perigo

Entretanto, Jaime Graça passou um mau bocado. Tão mau que ele tenta, sem o conseguir, esquecê-lo totalmente. Acabará por consegui-lo. Ele vai ter agora um trabalho de recuperação para o qual necessitará de toda a energia. E toda não será demais.

LINO: à frente dos «deões»

ANGELO: no comando dos benfiquistas

A Federação castiga

PERES, FERNANDO E TESTAS: TRÊS JOGOS NA BANCADA

A Federação Portuguesa de Futebol aplicou um punhado de castigos: Peres (Sporting), Fernando (C. U. F.) e Testas (Farense), os três expulsos de domingo, foram suspensos por três jogos. Mas houve mais punições:

Na 2.ª Divisão — Ricardo (Seixal), 3 jogos de suspensão e Nascimento (U. Coimbra), repreensão.

Na 3.ª Divisão — António Sousa (Valdevez), António Silva (Estrela F. C.) e António Costa (Moimenta da Beira), reprensão por escrito; Jose Cruz (Marialvas) e David Gomes (Lusitano), 2 jogos; Valdemar Melo (Cova da Piedade), Manuel Fontes (Feirense) e Rui Alves (M. Beira), 3 jogos, e José Paula (Ala-Arriba), 5 jogos.

Taça de Portugal — Américo Silva, do Salgueiros, 3 jogos de suspensão.

Peres: suspensão por três jogos

DOIS GOLOS DE TORRES NAS REDES «AZUIS»

No Restelo, a reserva do Belenenses foi ontem vencida (1-3) por igual categoria do Benfica, no torneio organizado pela A. F. L. As equipas alinharam:

BELENENSES — Vítor Cabral (Ferro Pais); Gomes, Cagica Rapaz, Cardoso e Amaral; Virgílio Carmo Pais, Canhoto, Arlindo (Teles), Ernesto e Godinho.

BENFICA — Fonseca; Barros, Messias, Marques e Toni; Matine e Calado; Praia, Torres Aguas (Carlos Pereira) e Diamantino.

Golos de Torres (2), Diamantino e Ernesto. Destaque para os marcadores e, ainda, para Marques, Barros, Toni, Matine, Calado, Messias, Cagica Rapaz, Carmo Pais e Godinho. Torres, porém, foi o melhor jogador no terreno.

O LEIXÕES SEM CHEFE

DO DEPARTAMENTO DE FUTEBOL

Efervescência no Leixões. O ultimo lugar, isolado, da tabela classificativa, começa a produzir efeitos. Ontem, elementos da Direcção, reuniram-se com o presidente da Assembleia-Geral, o treinador Medeiros e o chefe do departamento de futebol.

Conversou-se, discutiu-se, buscou-se um acordo que não surgiu.

No final, o chefe do departamento de futebol leixonense — que se manifestara discordante sobre vários aspectos da orientação técnica da equipa — não viu os seus pontos de vista corroborados pelos restantes elementos e escolheu o caminho da saída.

Baixa no departamento de futebol matosinhense. Vaga em aberto. Para preencher.

Acontecimentos DE ONTEM

Prosseguiu o campeonato de Lisboa em ténis de mesa. Resultados:

I Divisão — Sporting-Paço de Arcos, 5-1; Mirantense-Intendente, 5-1.

Classificação: 1.º, Sporting, 30 pontos; 2.º, Benfica, 25; 3.º, Belenenses, 21.

II Divisão — S. L. Águias-Rodrigues Cordeiro, 5-0; Académica da Amadora-Caeém, 5-2; Estrela da Amadora-S. L. Amoreiras, 5-1; e Arroios-Armadorense, 5-3.

III Divisão — Série A: Oeiras-Recordação Apolo, 5-3. Série B: Rio Seco-Cimento Tejo 0-5.

Senhoras — Paço de Arcos Recordação Apolo, 5-4.

A final lisboeta de juniores

SPORTING E BENFICA À PROCURA DE UM TÍTULO

No Estádio de Pina Manique, ás 17 horas, Sporting e Benfica derimem a posse do titulo regional de juniores.

Os «leões», treinados por Mário Lino, devem alinhar assim: Pinhal; Parracho, Augusto, Justiniano e Luz; Alexandre e Dieguez; Sá Pereira, Emídio, Nando e Ruas.

Suplentes — *João Manuel, Azevedo, Moniz e Marques.*

Por seu lado, os «encarnados» (sob o comando de Ângelo) apresentam-se como segue: Fidalgo, Franque, Artur, Casquinha e Baptista; Virgílio e Sheu; Bastos, Queirós, Sarmento e Calado.

Suplentes — *Nogueira, Júlio, Simões e Eurico.*

Se, no final do tempo regulamentar (80 minutos), Benfica e Sporting estiverem empatados, o desempate processa-se do modo seguinte:

Depois de um intervalo de dez minutos, o jogo será prolongado por meia hora, dividida em duas partes de quinze minutos, sem intervalo. Para esta meia hora suplementar haverá prévia escolha de campo.

Se o empate subsistir, marcar-se-á novo encontro, que terá a duração regulamentar. Se, no final dos oitenta minutos, as equipas voltarem a estar empatadas, conceder-se-á um prolongamento de trinta minutos, dividido por duas partes de quinze minutos.

Se a igualdade for mantida, efectuar-se-ão prolongamentos sucessivos de dez minutos, com mudança de campo no início de cada um, até ao preciso momento de se marcar um golo, encontrando-se então o vencedor.

ESTA NOITE HÁ DESPORTO

BASQUETEBOL — Sorteio dos Campeonatos Nacionais de Juniores, I e II Divisões, na sede da Federação, ás 21 e 30.

TÉNIS DE MESA — Campeonatos de Lisboa de Seniores: I Divisão — Paço de Arcos-Ateneu, Mirantense-Sporting, Centro Católico-Belenenses, e Benfica-Intendente.

— II Divisão: Rodrigues Cordeiro-Estrela da Amadora, Académica da Amadora-S. L. Águias, Amoreiras-Desportivo Operário, Arte e Sport Arroios e Armadorense-Cacém.

— III Divisão — Série A: Graça-Oeiras, Económicos-Castelo, e Madre de Deus-Fontainhas. Série B: Cimento Tejo-Laranjeiro, Tercena-Rio Seco e Musical União-Alenquer e Benfica. Todos nos locais e primeiros ás 21 e 30.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa de Seniores: Lisboa Ginásio-C. D. U. L. ás 21 (honra) e ás 22 (reserva), na Escola Nuno Gonçalves; e Técnico-Moscavide ás 21 e 30 (honra) e ás 22 e 30 (reserva) no Técnico.

— Campeonato de Lisboa de Juvenis: Passos Manuel-Lisboa Ginásio, ás 19, na Escola Josefa de Óbidos.

RESTOS DE COLECÇÕES
CAMISAS E MALHAS ALTA QUALIDADE
J. GOMES DOS SANTOS, LDA.
P. RESTAURADORES, 70 (alfaiates)

O NORTE DESPORTIVO
NA EDIÇÃO COMEMORATIVA DO 38.º ANIVERSÁRIO PODE HOJE LER:
★ Laranjeira sua carreira, sonhos e ambições em entrevista
★ Mendes (o «magnífico guedelhudo» do Belenenses): joga Andebol e é bom mesmo.
★ Reportagem completa sobre a estreia de Yazalde
★ O «Cara a Cara» do F. C. do Porto-Setúbal
★ Entrevistas com Lourenço, Manuel de Oliveira, Abel e Acácio
A habitual página de opinião.

Inquérito aos exportadores
Fundo de Fomento de Exportação
Solicita-se às empresas exportadoras o preenchimento e devolução da ficha modelo do inquérito, com a maior brevidade possível.
Salienta-se que os dados referentes a 1970 têm o carácter de estimativas pelo que a sua resposta não exige o prévio encerramento das contas de balanço.

CRISE UNIVERSITÁRIA
NÚCLEO DO PROBLEMA
por
Rafael Gómez Pérez
1 volume com 140 págs. — 40$00
A INDÚSTRIA DO ENSINO
por
Lê Thành Khôi
1 volume com 552 págs. — 90$00
DOIS LIVROS DE FLAGRANTE ACTUALIDADE
Adquira-os no seu livreiro ou na
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
Rua Alberto Aires Gouveia, 27 — PORTO
Av. Almirante Reis, 102, r/c., Dt. — LISBOA

BODAS DE PRATA 1946-1971
COMPLETA HOJE 25 ANOS A CASA
LLORET & XAVIER, LDA.

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

Foi pràticamente preenchida com esclarecimentos do sr. Vasco Jardim a audiência do caso da herança Sommer ontem realizada pelo colectivo do 1.º Juízo Criminal da Boa Hora, sob a presidência do corregedor Bernardino de Sousa.

O depoente foi instado pelo dr. Proença de Carvalho, patrono do industrial António Champalimaud, tendo intervindo no debate os srs. drs. Antero Monteiro Diniz, adjunto do procurador da República, o presidente e os juízes assessores Marques Cordeiro e Saraiva Lima.

Em certo passo da sessão, o juiz presidente ordenou ao declarante que não respondesse a uma pergunta por entender que não tinha qualquer interesse para o esclarecimento dos factos de que os réus além de que aquela pergunta envolveria matéria a que o declarante não era obrigado a responder.

A uma declaração do tribunal de que não voltará a permitir que se formulem perguntas sem directa relacionação com os factos em apreço, o patrono do réu António Champalimaud protestou «contra o facto de a defesa se ver impedida de exercer, com a liberdade que os princípios impõem, o direito de fazer ao declarante perguntas que, manifestamente, poderão contribuir para o esclarecimento da verdade.»

O juiz-presidente considerou o protesto «sem fundamento» e como «um expediente dilatório» pelo que ordenou a continuação do julgamento.

Para a acta foram, depois, ditadas declarações do sr. Vasco Jardim:

«Que seu cunhado António tem em seu poder outros bens para além das acções que estão em causa neste julgamento, mas não pode concretizá-los. Sabe que por volta de fins de 1957, se não está em erro foram depositadas no Crédit acções da Empresa de Cimentos de Leiria, que sua mulher herdou do pai. Que não teve conhecimento de que seu cunhado Carlos fosse considerado o presumível herdeiro de D. Albana Que no início dos «litígios» sua tia Albana manteve com o cunhado Carlos e a esposa do declarante, uma certa solidariedade de actuação. Porteriormente é que progressivamente se foi colocando ao lado de António, e por imposição deste. Que ao assinar a denúncia, que serve de base aos presentes autos certamente leu essa participação Na altura a ideia que tinha era que as acções de sua mulher, herdadas do tio Henrique se encontravam nas mãos de António e que as não entregava, como não entregou. Que a denúncia foi redigida por um advogado.»

A audiência prossegue amanhã.

Sporting e Amendoeiras em flor no Algarve

Aproveite os dois espectáculos. O HOTEL BALTUM oferece-lhe o melhor Fim-de-Semana de:

27/2 — Dormida e Jantar
28/2 — Peq. Almoço e Almoço — 2 pessoas — Esc.: — 330$00 — c/ taxas incluídas.

Consulte a s/ Agência de Viagens, ou pelo Telef. 306 — ALBUFEIRA.

CASAMENTO

Cavalheiro de 38 anos, c/ boa situação deseja corresponder se com menina ou senhora dos 18 aos 35 anos, para fins matrimoniais, assunto sério, enviar foto, caso não interesse devolve-se, agradece-se só responder quem esteja interessada. Resposta para Olímpio Rodrigues Esteves Caixa Postal N.º 36 Quitexe — Angola.

CONCURSO PÚBLICO PARA A ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE FORNECIMENTO E MONTAGEM DAS INSTALAÇÕES ESPECIAIS E DA INSTALAÇÃO ELÉCTRICA DOS SERVIÇOS DO PESSOAL DA ESTAÇÃO FRUTEIRA DE ALCOBAÇA

PRORROGAÇÃO DE PRAZO

Para os devidos efeitos, se declara que o concurso acima indicado, cuja realização estava marcada para as 15,30 horas do dia 5 do próximo mês de Março, é adiado, impreterivelmente, para as 10 horas do dia 15 do mesmo mês de Março, do corrente ano.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1971

Pelo Presidente,

A. CANDIDO FERREIRA

COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE — CEAL

SARL

CAPITAL: 70.000.000$00

LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

São convidados os Srs. Accionistas a reunirem-se em assembleia geral ordinária, na sede social, Rua de D. Francisco Manuel de Melo, n.º 23-A, 6.º andar, Lisboa, no dia 23 de Março, pelas 11 horas, a fim de:

— Deliberar sobre o relatório e contas do Conselho de Administração e o relatório e parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1970.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1971.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL,

José Francisco Corrêa Matoso

JOAQUIM JORGE LEMOS DE AZEVEDO

(Aluno do 6.º ano do Liceu D. João de Castro)

FALECEU

Veríssimo Joaquim Ferreira de Azevedo e mulher, avós, tios, primos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido filho, neto, sobrinho, primo e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 15 horas, da Igreja da Estrela para o cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA GIL

JOAQUIM JORGE LEMOS DE AZEVEDO

(Aluno do 6.º ano do Liceu D. João de Castro)

FALECEU

Joaquim Costa e Silva, e sua mulher, participam o falecimento do seu querido afilhado e sobrinho, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 15 horas, da Basílica da Estrela, para o cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA GIL

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	—	—	500$
Consolidado 3%	—	—	4?5$
Consolidado 3 1/2%	—	—	6?2$
Centenário 4%	—	—	1.400$
Obrig. Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª série	—	580$	—
Externo 1.ª série 6	—	600$	700$
Externo 3% série	—	670$	—
Externo 3% série 6	—	—	800$
Cautelas 3% série	—	—	—

OBRIGAÇÕES	Efec	Compra	Venda
Águas Lisboa 5%	890$	890$	900$
» » 5% 56	—	—	—
» » 5% 58	—	—	—
C. P. 4 1/2% 55	—	—	—
C. P. 4 1/2% 57	940$	935$	—
C. U. P. 6%	—	920$	—
C. U. P. 5% 55	—	845$	847$
Gás Elect. 4% 48	—	850$	87?$
Gás Elect. 4 1/2% 5?	—	850$	—
Gás Elect. 5% 5?	—	—	—
Gás Elect. 5% 5?	—	—	—
Gás Elect. 5% 59	—	945$	—
Gás Elect. 5% 5?	—	940$	—
Gás Elect. 5% 53	—	—	—
Gás Elect. 5% 55	—	930$	955$
Gás Elect. 5% 57	—	790$	8?0$
H. E. Alentejo 5%	—	735$	—
H. E. Cávado 4%	955$	955$	—
H. E. Douro 5%	—	745$	—
H. E. Douro 6%	—	950$	—
H. E. Norte Port. 5%	—	—	—
H. E. Estrela 6%	—	925$	950$
H. E. Zêzere 5% 55	-	760$	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 5%	—	—	9?0$
Metropolitano 4%	8?5$	—	900$
Metropolitano 5 1/4%	945$	940$	945$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac. Elect. 5%	735$	735$	740$
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 50	—	—	—
Petroquímica 5%	860$	850$	850$
Port. Celul. 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	960$	—
Sacor 5% 56	—	880$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	730$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	745$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	780$	780$	800$
[illegible] 4%	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	—	725$	—
U. E. P. 3 1/4%	—	—	—
U. E. P. 4%	—	88$	—
U. E. P. [illegible]%	—	90$	—
U. E. P. [illegible]%	—	70$	—
U. E. P. 5% 50	—	680$	705$
U. E. P. 5% 63	—	—	860$

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	220$	230$
Boror	30$	25$	30$
Buz	72$5	72$	72$
Cotonang	—	220$	228$
Diamantes Angola	2.275$	2.275$	2.285$
H. E. Revué	—	630$	650$
Inc. do Príncipe	—	—	800$
Moçambique	93$	93$	95$
Sonefe A	—	—	—
Sonefe B	438$	436$	439$
Zambezia	74$	73$5	74$

Diversas	Efec	Compra	Venda
Cuf	6 850$	6.860$	6.900$
Cim. Leiria	4 800$	4 700$	4.900$
Cim. Tejo	7 800$	7 800$	7 900$
Co. Navegação	1.550$	1 550$	1 560$
[illegible]	—	—	—
Ind. Aliança	—	600$	850$
Nac. Navegação	—	4. 00$	4.200$
Petroquímica	—	—	1.600$
Port. e Colónias	1 300$	1.300$	1.3 0$
Port. Celulose	4.200$	4. 80$	4.250$
Port. Pesca	—	00$	30$
Port. Tabacos	665$	663$	—
Sacor	—	4 50$	4. 50$
Siderurgia Nac.	2.5 0$	2.580$	2 595$
Sote	3.750$	3 730$	3 770$
Tabacos de Portugal	—	1.540$	1 600$
Tabaqueira	6 450$	6 420$	6.500$
U. F. Azoto	745$	745$	750$

Água, Elect. e Gás	Efec	Compra	Venda
Águas Lisboa P	—	390$	—
Águas Lisboa 54	—	410$	420$
Águas Lisboa 56	—	400$	—
C. R. Electricidade	1.223$	1.222$	223$
C. R. Electricidade nom.	—	1.205$	—
C. R. Electricidade 969	-	—	—
Elect. Beiras	700$	700$	705$
Gás Elect.	450$	449$5	450$5
H. E. Alto Alentejo	86$	85$5	86$5
H. E. Norte Portugal	235$	235$	40$
H. E. Estrela	—	—	—
Nac. Electricidade	—	—	—
U. E. P.	—	201$	202$

FUNDOS DE INVESTIMENTO	Efec	Compra	Venda
F. I. Atlântico	—	206$3	212$5
F. I. D. E. S.	—	27$3	3 $1

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro 52-54 — LISBOA — Tel. 366066/7

Teleg. ALMEIRO —— Telex 41 ALAP P

ACÇÕES

Bancos	Efec	Compra	Venda
Agricultura	2.980$	2.980$	2.990$
Alentejo	1.200$	1.190$	1.2 0$
Angola	3 980$	3 970$	3 980$
Burnay	—	—	—
Esp. Santo Crédito	7 620$	7.6 0$	7 640$
[illegible] Santo	6.750$	6 740$	6.750$
[illegible] Santo n	—	—	—
Fonsecas S. B.	28.000$	27 500$	29 000$
Fomento	2 750$	2.720$	2 750$
C. C. Açores n	—	—	—
C. C. Açores n	—	—	—
Atlântico	6 440$	6 430$	6 450$
Portugal n	—	3 300$	3 320$
Portugal p	—	4 50$	4.300$
Lotta Açores	5 900$	5.900$	5.910$
Ultramarino n	3 870$	3 865$	3.830$
Ultramarino p	4 190$	4 185$	4 195$

Seguros	Efec	Compra	Venda
Alentejo	15 $	51$	5 $5
Douro	—	—	—
Mundial	1.135$	1 130$	1 135$
Sagres	—	2 500$	5.000$
Tranquilidade	—	90 000$	00 000$
Ultramarino	—	—	—

Ultramarinos	Efec	Compra	Venda
Açúcar de Angola	—	781$	78?$
Ag. Cassequel	620$	6 7$	625$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez. 65=100)

	18/2/71		25/2/71
GERAL	157,5	1?7,7	157,6
METROPOL.	152,9	153,1	153,2
ULTRAM.	191,4	191,4	189,9

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	3?$50	38$00
Alemanha — Marco	$7?	8$00
América		
— Dólares de [illegible]	27$?0	?$40
— de 5 a 20	28$30	28$70
— de 50 a 000	28$40	28$80
Argentina — Peso Novo	5$50	7$00
Áustria — Schilling	1$ 0	1$ 6
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	5$80
Canadá — Dólar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$ 0	4$00
Espanha — Peseta	$40	$4 ,9
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$ 0
Inglaterra — Libra	67$70	69$70
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$85	4$ 5
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$58	6$78

Ouro	Compras	Vendas
Inglaterra — Libra Isabel	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	300$00	320$00
Ouro fino — Barra	36$00	38$00

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito

RUA DO OURO. 72 Tel. 231278

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 25 — (L.) — Pelo comando chefe das forças armadas na Guiné, foi distribuído o boletim informativo relativo ao período de 8 a 14 do corrente, cujo teor é o seguinte: «Durante o período, um grupo inimigo que tentava infiltrar-se em território nacional, através da fronteira Norte, na região entre Guidage e Bigene, foi interceptado junto da fronteira, tendo sofrido quatro mortos. Um outro grupo, que se havia infiltrado para a região a sudeste de Farim, foi detectado pela população, perseguido e aniquilado pelas nossas forças, tendo sofrido seis mortos. Como consequência do clima de confiança, que continua a consolidar-se, verificou-se a apresentação de 149 elementos da população, refugiados nos países limítrofes, bem como de três guerrilheiros que se apresentaram com o seu armamento num dos destacamentos militares da fronteira Norte e que, depois de receberem o prémio correspondente á entrega de material inimigo, se juntaram aos seus familiares, retomando a sua vida normal.

«As populações dos países limítrofes continuaram também a beneficiar, em larga escala, dos nossos programas de assistência médico-sanitária tendo sido medicados gratuitamente, durante o período 2774 senegaleses e 66 cidadãos da República da Guiné.

«As populações das áreas mais visadas pela propaganda inimiga no Sul da província pediram, de novo, ao Governo, armas para a defesa do seu chão, estando em vias de conclusão a organização de forças de milícia de autodefesa nas povoações de Cafine, Calaque, Balanta e Caboxanque, que mais insistentemente têm feito chegar até ao Governo da província os seus pedidos neste sentido.

«A actividade inimiga continuou a incidir sobre a faixa fronteiriça, irradiando dos países limítrofes e visando especialmente a população civil. Durante o período foram flageladas, com fogos á distância, as povoações de Susana e Piche. Pequenos grupos inimigos, infiltrados em território nacional, assaltaram também populações, roubando haveres e gado nas regiões de Catió e Cabedu.

«Em consequência da actividade das nossas forças e da reacção das populações, o inimigo sofreu, no período, 13 mortos e a captura do respectivo armamento.

«As nossas forças sofreram um morto em combate, conforme foi oportunamente difundido».

CARTAZ DOS CINEMAS

MONUMENTAL

(Adultos) Tel. 555131
Às 15 e 21 horas
Em continuação de ESTREIA em 10.ª SEMANA do filme
A FILHA DE RYAN
com Robert Mitchum, Trevor Howard e Sarah Miles

QUINZENA REVELAÇÕES
Hoje — Adultos — 18.45 h.
O VELHO E A CRIANÇA
de Claude Berry
c/ Michel Simon e Alain Cohen

* SATÉLITE *

(Adultos) Tel. 555131
Hoje, ás 21.45
INAUGURAÇAO
Espectáculo a favor da Cruz Vermelha Portuguesa com o filme
COISAS DA VIDA
de Claude Sautet
com Michel Piccoli e Romy Schneider

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
CANTINFLAS na sua maior criação!
NEM SANGUE NEM ARENA

ROYAL

(Adultos) Tel. 865937
Às 21 horas
STILETTO
FLINT — PERIGO SUPREMO

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 6103075
Às 21.30
TRÊS DEGRAUS PARA A MORTE
com David Hemmings

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
UMA FARSA DE GRITOS:
com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia
CICCIO PERDOA... ...EU, NÃO!
EASTMANCOLOR

LIDO

(M. 17 anos) Tel. 957575
Às 21.30 h.
O espectáculo mais cativante
c/ Julie Andrews e Rock Hudson
DARLING LILI

SÃO LUIZ

(M. 12 anos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
O maior cómico do cinema francês
O GENDARME EM FÉRIAS
LOUIS DE FUNÈS em
Rir, rir, rir, do princípio ao fim!

ALVALADE

(M. 12 anos) Tel. 717480
Às 15.45 e 21.45
O maior cómico do cinema francês
O GENDARME EM FÉRIAS
LOUIS DE FUNÈS em
Rir, rir, rir, do princípio ao fim!

BERNA

(M. 12 anos) Tel 776098
Às 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Jack Lemmon e Sandy Dennis
Numa desconcertante e oportuníssima aventura!
A SORTE VIAJOU DE BARCO...
Uma hilariante comédia
Fotografada em Technicolor
À Av. Marquês de Tomar

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA TRIUNFAL!
LOUIS DE FUNÈS
o cómico n.º 1 da Europa, no seu melhor, mais espectacular e mais divertido filme
O HOMEM ORQUESTRA
Franscope e Technicolor

Metro: Estação Picoas

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. [illegible]
Às 17.00 e 21.30
O AMERICANO
com Jean-Louis Trintignant, Jean Bouise, Marcel Bozzuffi, Simone Signoret e Rufus

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
OS AMANTES
O CARRASCO DE LONDRES

IMPÉRIO

(Adultos) Tels. 555134/5
15.15 e 21.30
Cedo aprendem os segredos da sobrevivência... ou não sobrevivem!
COLUNA DE CINZAS
(HOA-BINH)
Colorido

ESTÚDIO

(Adultos) Telef. 555134
Às 15.30, 18.30, 21.45
UMA MULHER MEIGA
8. Semana — Segundo a obra de Dostoievsky — Um filme de Robert Bresson

CONDES

(Adultos) Tel. 322523-326710
Às 14, 16.30 19, 21.45
2.ª SEMANA
Clint Eastwood — Telly Saralan — Donald Sutherland
HERÓIS POR CONTA PRÓPRIA
— KELLY'S HEROES —
Metrocolor — 70 m/m

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 3[illegible]
Hoje, ás 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
O vibrante filme de acção explosiva:
DJANGO DESAFIA SARTANA
com GEORGE ARDISSON e TONY KENDALL
A HISTÓRIA DO TRÁGICO CHOQUE DE DUAS FERAS HUMANAS

ROMA

(M. 12 anos) Tel. 72778
Às 15.15 e 21.30
A divertida comédia com LUIS DE FUNÈS
O HOMEM ORQUESTRA
Eastmancolor — Franscope

LUMIAR

(Adultos) Tel. 795296
Às 21 horas
O HOMEM DE KIEV
ONDE ESTAVAS TU QUANDO AS LUZES SE APAGARAM

LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48560
Às 15 e 21 horas
DARLING LILI
com Julie Andrews e Rock Hudson

EDEN

(Adultos) Tel. 320768
ESTREIA, HOJE, ÀS 21.45
Tomas Millian e Orson Welles em
TEPEPA
Scope-Colorido

Às 15.15 e 18.30 — M. 12 anos
Últimas exibições:
NEM SANGUE NEM ARENA

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326305
Às 15.15 (p. red.) e ás 21.30
EM ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
O MORTO... ERA O OUTRO...
com Peter Lawford e Sammy Davis Jr.
ADMIRÁVEIS CANÇÕES AMBIENTES DE LUXO

Hoje, ás 18.30 — Sessão Clássica com o filme «BAMSE» «Paixão Impossível» (12 anos)

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54153
Às 21.30 — ESTREIA
Acontecimento cinematográfico
LE VOYOU — O Patife

Às 15.15 e 18.15 — Últimas exibições — (M. 17 anos):
SELVA, MULHERES E MACACOS

VOX

(M. 12 anos) Tel 720808
Às 15.15 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA DE ÊXITO!
Albert Finney Colin Blakely e Liza Minnelly num dos mais qualificados e apaixonantes filmes da temporada!
UM HOMEM E A SUA HISTÓRIA
(o famoso «Charlie Bubbles»)
em TECHNICOLOR
Junto à Av. de Roma

TIVOLI

Às 3 da tarde (a p. red.) e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
MELINA MERCOURI
no célebre filme de Jules Dassin
A PROMESSA

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30 18.30 e 21.45
8.ª SEMANA
Um filme romântico
O SILENCIO DO AMOR
com Marie Dubois e Matthieu Carrière
EASTMANCOLOR

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 320917
Às 15 e ás 21 horas
A VIDA ÍNTIMA DE SHERLOCK HOLMES
A MORTE DO DRAGÃO

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia de Circo» (6 anos)
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «A Casa das Cabras» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Querida mamã» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «E oZé faz tudo» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Pimento na língua» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «O inocente» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Depois da Queda» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Operação Águias Negras» (12 anos).
JARDIM—Às 21: «Sonho de Reis» (17 anos)
ARCO IRIS — Às 21: «Missão Batango» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «O último fica vivo» (12 anos).
PARIS — Às 21: «O Senhor das Ilhas» (12 anos)
MOSCAVIDE—Às 21: «A Piscina» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «O homem a quem chamaram cavalo» (12 anos).

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE—Às 21: «Aventura na Cidade» e «Joselito e o seu Show» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE—Às 21: «O Mercenário» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «O Americano» (17 anos).
ESTORIL — PALACIO — Às 21 e 30: «Os Assassínios de Karate» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «4 Casos de Amor» (17 anos)

● Linha de Sintra

VENDA NOVA —CINE-PORTUGAL — Às 21: «O 7.º de Cavalaria» e «Champanhe, Mulheres e Música» (12 anos)
DAMAIA — D JOÃO V — Às 21 e 30. «A Vida de Uma Mulher» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS-DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Sabata» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Vá Chamar Por o Outro» e «Mercadores de Escravos» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30. «Balada Para um Homem Só» (17 anos).

● Outra banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Quimera» (12 anos).
TRAFARIA —PAVILHÃO JARDIM —Às 21 e 15: «Quando o Mundo Nasceu» (17 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Doze e Mais Uma» (17 anos).

● PORTO

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «O Preço» (17 anos)
ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «O mais feliz dos três» (17 anos)

CIRCO

COLISEU DO PORTO—Às 21 e 30: (12 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: O homem-orquestra» (12 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «A Filha de Ryan» (17 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «O passageiro da chuva» (17 anos
TRINDADE — Às 21 e 30: Os Boteniks» (12 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «As Aventuras de Gerard» (12 anos)
ESTUDIO — Às 21 e 30: «Popi» (17 anos.
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Viagem para o inferno» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Mal de Africa» e «Carga dos Rebeldes» (17 anos)
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «O Bom Pastor» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Um amor para Carolina» (17

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Monte Walsh» (12 anos).
AVENIDA — Às 21 e 30: «Quatro casos de amor» (17 anos).
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «O segundo fôlego» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «Por um dólar furado» (12 anos).

farmácias de serviço

● LISBOA

AJUDA — Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (tel 636256) * **Tapada**, Calçada da Tapada, 83-A (tel 63472)

ALCÂNTARA — Ester Nogueira, Rua de Alcântara 5-A (tel 637563)

ALFAMA — Cruz de Malta, Largo Chafariz de Dentro, 36 (tel 886126)

ALTO DE S. JOÃO — Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque (á Praça Paiva Couceiro), 7-A (tel. 843571)

ALVALADE —Líbia, Av da Igreja, 4-B (t 71681) * **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (tel 710621).

AMOREIRAS — Amoreiras Praça das Águas Livres, 8-D (tel 68515)

ANJOS — Antolin, Avenida Almirante Reis, 88-B (tel 44 73) * **Magalhães**, Avenida Almirante Reis, 4-D (tel 49479)

ARCO DO CEGO — Providência, Rua D Filipa de Vilhena, 9-C (tel 770324)

AREEIRO — Marbel, Av de Roma, 31-A (telefone 776235) * **Lusitânia**, Avenida de Roma, 8-A (tel 725443) * **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (tel. 71033) * **Celta**, R Moura Girão, 3-B (telefone 710621)

BAIRRO ALTO — Gonçalves, Rua da Rosa 76 (tel 262687)

BAIRRO DA LIBERDADE — Zenel, Rua A, 82 (tel. 65 840)

BAIXA — Formosinho, Praça dos Restauradores, 8 (tel 30927) * **Normal**, Rua da Prata, 220 (tels 321342-325553)

BELÉM — Botânica, R da Junqueira, 38 (telefone 638132)

BENFICA —Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (t 703697) * **Benfiluz**, Estrada de Benfica, 444-A (tel 782606) * **Cento**, Estrada das Laranjeiras, 202-B (telefone 780841)

CAMPOLIDE — Nova, Rua de Campolide, 297-C (tel 687475) * **Renil**, Rua Rodrigo da Fonseca 53 (tel 683438)

CAMPO DE OURIQUE— Findor, Rua Maria Pia, 514 (tel 687949)

CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 17 (tel 553308)

CASTELO — Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (tel 869831)

CONDE BARÃO —Açoriana, Largo do Conde Barão, 2 (tel 661330)

ENCARNAÇÃO — Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Bairro da Encarnação (tel 3 0 72)

ESTEFANIA — Délio, Rua Açores 32 (t 52388)

ESTRADA DA DAMAIA — Progresso, Estrada da Damaia 64-C (t 702226)

ESTRELA — Linalde, R Ferreira Borges, 30 (telefone 660955) * **Neves**, R da Bela Vista, 35 (telefone 66125)

LUMIAR — Pafuleia, R do Lumiar 22 (t 790332) * **Douro**, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (t 99 3)

MADRE DE DEUS —Madre de Deus, Rua da Margem, 5-B (ao Bairro do Grilo (tel 382470)

OLIVAIS — Simão, Rua Cidade de Cabinda, 6-A (junto à piscina) (telefone 31058)

PEDROUÇOS — Higilux, Rua de Pedrouços, 50 (telefone 610280)

PENHA DE FRANÇA — Europa, Avenida General Roçadas, 27-A (t 843880) **Fonseca**, Rua Carvalho Araujo, 46-B (tel 841708) * **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (telefone 844361) * **Zema**, Rua General Justiniano Padrel, 21 (á Calçada dos Barbadinhos) (tel 832580)

PICHELEIRA — Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (t 720703-728395)

SANTA MARTA — Morais Sarmento, R de Santa Marta 5-A-B (telefone 46490)

S. BENTO — Micael, R de S Bento, 380 (telefone 662 62)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Berna, Avenida de Berna, 44-A (telefone 773568 * **Sá da Bandeira** Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (telefones 41961-54672) * **Oliveira Viegas**, Rua do Viriato, 29-A (tels 48966-553601)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes — Aven Combatentes G Guerra, 166 (T 213953).

CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R Costa Pinto 186 (tel 2432034)

OEIRAS — Godinho—R Cândido dos Reis 98 (Tel 2430090)

PAREDE — Macau — R Elias Garcia, 62-B (Tel 2471785.

ESTORIL — Marques dos Santos, R Ferreiro 3-A 5 (Tel 260116)

CASCAIS — Marginal, Av Marginal (Tel 280078 * **A. Costa**, Rua Freitas Reis 24-(Tel 2802 4)

S. PEDRO DO ESTORIL— S. Pedro (Tel 263052)

● Linha de Sintra

AMADORA—Melo, P D João — Lote 46, Bairro Janeiro (Tel 932156 * **Central** Av [illegible] Lopes, 25 (Tel 932210) * [illegible] (Tel 931740) * **Jardim** Av Conde de Oeiras, [illegible] -Reboleira (T 938424)

DAMAIA — D João V — Av Gurgel do Amaral, 2-A (Tel 97046)

QUELUZ — Gil, Av Miguel Bombarda [illegible] (Tel 950) * **Simões Lopes** Av Elias Garcia 9 (Tel 950 23

CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Telefone 2940034).

S. PEDRO DE SINTRA— Valentim (Tel 980456).

SINTRA — Marrazes — L Rainha D Amélia, 20 (T 980155).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100).

ALHOS VEDROS — Portugal — Av da Bela Rosa, 8 (tel 224250)

ALMADA — Galeno, R Capitão Leitão 85-B (Tel 2760561).

BAIXA DA BANHEIRA— Aliança — Est. Nacional, 174 (tel. 224302).

BARREIRO — Normal, Av Alfredo da Silva, 116 (Tel 2273035)

COVA DA PIEDADE — Império — R Cabo da Boa Esperança, 31-A (Tel 274356)

MOITA — União Moitense — Av Dr Teófilo Braga (tel 239025)

MONTIJO — Diogo, R Almirante Reis, 42 (Tel 230032)

SESIMBRA — Lopes — R Cândido dos Reis, 67 (tel. 229028)

SETÚBAL — Marques 4 Arronches Junqueiro (T 22788 * **Bonfim**, Av Rodrigues Manito 4 (Telefone 24558

SEIXAL — Godinho — L da Igreja 5 (Tel. 22 8580)

● PORTO

Aliança de Barros, Rua Costa Cabral 440 (T 40593) * **Boavista** Rua da Boavista 60 (Tel 25443) * **Botelho**, Rua da Alegria, 863 (Tel 40069) * **Central**, Rua de Santo António 203 Tel 21684) * **Contumil**, Rua de Contumil, 540 (Tel 45755) * **Coruleiro**, R. S R da Lameira, 473 (Tel 51928) * **Garantia**, Rua Fernandes Tomás 696 (T 24645) * **Lemos & Filhos, Lda.**, P Carlos Alberto, 31 (Telefone 21309) * **Maia**, R do Campo Alegre, 192 (Telefone 64450) * **Peninsular**, R Chã, 00-02 (Tel 20707) * **Pinheiro Manso**, R S João de Brito 25-29 (Tel, 60692) * **Sá**, Rua Vale Formoso, 81 Tel 40427 * **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645 (Tel 48697) * **Foz**, Rua Senhora da Luz, 382-Foz (Tel 630127)

● COIMBRA

Neves Morgado — Rua da Moeda (tel. 23738) * **Rodrigues da Silva** — Rua Ferreira Borges (t 24348) * **São José** — Arcos do Jardim (tel 24697).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.°
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

AS RAZÕES QUE DETERMINAM OS PORTUGUESES A VIAJAR EM PORTUGAL

documentadas na exposição sobre «Política Nacional de Turismo»

As razões que determinam os portugueses a viajar em Portugal, segundo o Instituto Português de Opinião Pública e de Estudo de Mercado 1970 são, em percentagem, as seguintes: o clima, 78%; a praia, 80%; a riqueza paisagística, 79%; a gastronomia, 45%; a riqueza artística e monumental, 58%; e o folclore, 58%. Estes números constam de um dos painéis da exposição «Política Nacional de Turismo», que, a partir de amanhã, se encontra patente ao público na Galeria de Arte Moderna, em Belém, junto ao Museu de Arte Popular.

O eng.º Álvaro Roquete, director-geral do Turismo, acompanhou, esta manhã, representantes dos órgãos de informação, durante uma visita guiada à exposição, que mostra os trabalhos para a execução das cartas turísticas da região de Entre Douro e Minho e que abrange os seguintes aspectos: «estudos, ordenação, planeamento e divulgação».

A exposição segue a linha de rumo traçada pelo secretário de Estado de Informação, que, ao determinar a efectuação de estudos, pretendeu contribuir *«para um ordenamento do território por forma a fundamentar-se um planeamento e uma política turística adequada às necessidades actuais»*.

A elaboração das Cartas Turísticas visa encontrar respostas que sirvam a *«integração lógica do turismo num esquema coerente de ordenação geral do território»* por forma a *«orientar as políticas de urbanismo e de implantação das diversas actividades económicas»*, em vista a uma política do desenvolvimento.

Assim, apresentam dados que esclarecem a situação do Turismo em Portugal. Referem primeiro que 80% das pessoas que viajam no mundo são turistas e que Portugal registou no ano passado, a entrada de 3 milhões de turistas. Insere, depois as necessidades decorrentes do turismo quanto a estradas, portos e aeroportos, à capacidade hoteleira e colónias de férias. Informa que a nossa capacidade hoteleira é de 74 000 camas, das quais 34 000 em hotéis.

O rendimento do turismo em 1968/69 foi de 30.178 milhões de contos e o III Plano de Fomento prevê o investimento de 12 milhões de contos, dos quais 10 milhões de contos para construção de novos hotéis.

A construção de novos hotéis até 1973 provocará um acréscimo de 7 milhões de contos de novos consumos; de 30 milhões de contos de bens de consumo e o aparecimento de novos empregos na indústria hoteleira.

Em todo o mundo verifica-se uma extraordinária evolução do turismo. Prevê-se que o seu crescimento passará de 350 milhões em 1970 para 970 milhões em 1980, tendo em conta a previsão o aumento de passageiros nas linhas aéreas.

De tarde, a exposição itinerante que ficará aberta das 16 às 24 horas, foi visitada por vários membros do Governo.

Altos cargos no funcionalismo do Banco de Fomento

Na sequência das medidas que tem vindo a adoptar com vista ao constante aperfeiçoamento da sua orgânica interna e à diversificação das suas actividades, acaba o Banco de Fomento Nacional de fixar os objectivos a que deve obedecer a imediata reestruturação dos seus Serviços de Controle e Inspecção, no quadro das novas e mais amplas funções que lhe serão atribuídas. Para dirigir esses Serviços, assegurando a execução do programa estabelecido, foi designado o Sr. Dr. Noel Carlos de Melo Loureiro, que até ao presente ocupava o lugar de Director dos Serviços de Operações Especiais de Crédito.

Simultâneamente, foram nomeados Directores dos Serviços Financeiros e dos aludidos Serviços de Operações Especiais de Crédito, respectivamente os Srs. Drs. Anselmo Barbosa da Costa Freitas e Abel Fernando Machado de Oliveira, até agora Subdirectores dos mesmos departamentos.

A Sr.ª Dr.ª Maria Manuela Matos Morgado Santiago Baptista e o Sr. Dr. Eduardo da Silva Costa foram também nomeados Subdirectores dos Serviços Financeiros e dos Serviços Jurídicos, respectivamente.

A HONEYWELL BULL *ALARGA A GAMA* DE COMPUTADORES

A Companhia Honeywell Bull, cujos equipamentos para o tratamento da informação estão instalados em 43 países, entre os quais Portugal, acaba de anunciar a introdução no mercado de 19 novos produtos, entre os quais 5 novas unidades centrais e 5 novos sistemas a discos. A repercussão deste alargamento da gama, no âmbito do sector da informática, assume especial relevo e é encarada como índice da capacidade e dinamismo da companhia Honeywell Bull recentemente criada pela transacção havida entre a Honeywell, a General Electric e a Bull General Electric.

A Honeywell Bull faz parte do grupo Honeywell Information Systems Inc., hoje, incontestávelmente, o segundo «grande» mundial da informática.

Como foi acentuado, na reunião que a filial portuguesa da Companhia realizou, para anúncio dos novos equipamentos, a gama de computadores e periféricos do grupo é uma das mais vastas do mundo, permitindo responder a todas as necessidades do mercado. Esta gama estende-se desde o pequeno computador de «bureau» da série 50 aos «gigantes» da série 6000.

A LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

46018 — 4 200 000$
39451 — 420 000$
19991 — 240 000$

APROXIMAÇÃO AO 1.º PRÉMIO

46017 — 12 870$
46019 — 12 870$

PRÉMIOS DE 12 CONTOS

1300	2732	5104	6163	7365
8322	8986	1.410	18702	18709
22034	22338	24032	25803	25290
25537	25383	29194	31754	32974
33357	34512	35294	35497	38575
40734	41537	42413	45364	46473
47159	48354			

PRÉMIOS DE 480$00

(Centenas

19901 a 20000, 39401 a 39500 e 45001 a 45100

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 123 e 727 são premiados com 1500$, em cada bilhete; os terminados em 900 são premiados com 1260$00 e os terminados em 121, 221 e 763 são premiados com 960$00. Por sua vez, todos os números cujos dois algarismos finais sejam 23, 27 ou 56, são premiados com 600$00. Todos os restantes números cujo algarismo final — terminação — seja 8, têm direito a 300$00 de prémio, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

De vez em quando

O ex-banqueiro Georges Pompidou, actual presidente da República francesa, preconizou a criação do ensino de português, espanhol e italiano nas Universidades de França. Pela parte que nos toca, não podemos ficar indiferentes, mesmo que se tratasse apenas de uma contrapartida ao aumento crescente de portugueses que, nos últimos anos, no seu linguajar de emigrantes, trocaram a estrada pela «ruta» ou as férias pelas «vacanças». O objectivo da iniciativa é, porém, bem diferente. Pompidou revelou-o: a França interessa aproximar-se cada vez mais da grande potência económica que é a América Latina. Estes banqueiros nunca dão ponto sem nó.

V. D

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental [illegible] em geral limpo e o vento [illegible] fraco ou moderado [illegible]

TEMPERATURAS [illegible] OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: [illegible] mínima: Figueira de Castelo Rodrigo — [illegible]6

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto 13°; Penhas Douradas 3°; Coimbra, 2°; Portalegre 3°; Lisboa, 0°; [illegible] 13°

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No [illegible] 3° [illegible] 13°,6

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo, à excepção do Algarve [illegible] podem ocorrer períodos de céu muito nublado a partir da madrugada de amanhã; vento fraco ou moderado [illegible]

Amanhã
Nasce: às [illegible] 15
Ocaso às 19 e 25

Hoje Dia 4 Dia 12 [illegible]

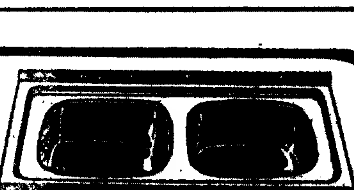
MARÉS

PREIA-MAR: **Hoje** — [illegible] (4,3 m), 6 e 5[illegible] **Dia 26** — [illegible] 7 e 38 (4,2 m). **Dia 27** — 5 e 58 (4,4 m) [illegible]

BAIXA-MAR. **Hoje** — [illegible] (0,5 m) 22 e [illegible] **Dia 26** — 0 e 28 (0,5 m) 22 e 45 (0,6 m). **Dia 27** — 11 e 09 (0,5 m) [illegible] (0,6 m)

CRUZEIRO DA PÁSCOA
— MADEIRA E CANÁRIAS
— MADEIRA E AÇORES
Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
231, Av. da Liberdade, 235
Telef. 53 61 21
LISBOA - 2

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

Teka
LAVA - LOUÇA INDUSTRIAL 18/8

FABRICADO POR — Teka-Hergóm
Representante — ANSELMO SANTOS
AVEIRO - APARTADO 100 / LISBOA - R. COR. BENTO, ROMA, 12-A
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

cial
CENTRO DE LÍNGUAS

PRÓXIMA LOTARIA:
4.800 CONTOS POR 360$00
400 CONTOS POR 30$00
HABILITE-SE NO
CAMPIÃO
A casa de lotarias mais antiga do Mundo
OU NOS SEUS REVENDEDORES

MAIS DOIS PRÉMIOS GRANDES
2.º PRÉMIO — 39 451 — 420 CONTOS
3.º PRÉMIO — 19 991 — 240 CONTOS
Foram vendidos aos balcões da
CASA DA SORTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO MUNDO EM LOTARIAS E TOTOBOLA

SUPLEMENTO LITERÁRIO

651 ■ 25 DE FEVEREIRO ■ 1971

«OF A FIRE ON THE MOON», ÚLTIMA OBRA DE NORMAN MAILER, NÃO É APENAS A COBERTURA JORNALÍSTICA DO VOO «APOLO 11»: É TAMBÉM O RELATO DE UMA VIAGEM AO «EGO» DO AUTOR... E DA DIFICULDADE DE ESCREVER O LIVRO.

AS "VIAGENS" DE MAILER

LEMBRAM-SE de Stephen Rojack, o protagonista de «Um Sonho Americano» («An American Dream»)? Rojack é um herói da guerra que tem maus sonhos, um ex-político cuja personalidade «foi construída sobre o vazio» e que, tornado professor de psicologia, se enreda numa complexa trama existencial, acaba por matar a mulher (alienada) e prossegue «um terrível romance secreto com as fases da Lua», romance que o aproxima da loucura e do suicídio.

Em Julho de 1969, quatro anos após esta excursão alucinatória aos domínios da magia e do irracional, Norman Mailer teve a oportunidade de um novo regresso ao que ele chamou «os abrigos da Lua»: depois de uma série de êxitos jornalísticos e da campanha (falhada) para o cargo de «mayor» de Nova York, foi enviado pelo «Life Magazine» a Houston e Cape Kennedy para a cobertura do voo «Apolo 11».

Dominando o truculento **ego** e fazendo reviver a memória de quatro anos de estudante de engenharia, transformou-se, conforme ele próprio diz, num «modesto observador que viajou por dentro do Centro Espacial, fez entrevistas e leu umas literaturas relacionadas com o assunto».

«Of a Fire on the Moon» («Sobre um Disparo para a Lua» — uma das traduções possíveis) é um longo e deslumbrante relato não só sobre o que Mailer observou — o lançamento, os astronautas, todo o universo da NASA e da tecnologia do espaço — mas também sobre si próprio, homem de um mundo completamente diferente, e sobre a dificuldade da sua missão — incluindo a de escrever o livro.

Em resumo, o livro trata simultâneamente de uma viagem à Lua e da viagem de Norman Mailer à sua própria interioridade. Tarefa difícil: só a metáfora liga o espaço interior e exterior — e a imaginação de Mailer sempre se desenvolveu numa confrontação com o imediato de carne-e-osso. Neste caso (palavras suas), «o acontecimento era tão longínquo... tão irreal que não havia nenhuma correlação objectiva que provasse não ter ele sido um evento encenado num estúdio de televisão — a maior aldrabice do século... tão grande como a verdadeira ascensão o foi em disciplina e tecnologia».

Norman Mailer: novo regresso aos «abrigos» da lua»

«Disciplina e tecnologia»: aqui não há lugar para jogos do **ego**. Contudo, no livro Mailer atingiu o seu melhor quando soube ser auto-indulgente, quando pôde tornar-se o seu próprio herói. **«Of a Fire on the Moon»** aspira a uma confrontação com o admirável mundo novo da tecnologia, mas Mailer sente-se frustrado: o acontecimento parece (-lhe) embrulhado, distante, inatingível, e a primeira parte do relato («Aquarius» — signo astrológico do próprio Mailer) mais não é que uma descrição pessoal bastante deprimida da tentativa do autor em aproximar-se da missão, especialmente dos astronautas e das suas máquinas. A famosa **persona** de **«Os Exércitos da Noite»** e de **«Miami e o Cerco de Chicago»** nada «pesa» em Cape Kennedy ou no Centro de Aeronaves Espaciais Tripuladas fora de Houston.

Aqui, tudo cheira a um mundo desconhecido — o complexo e absorvente sistema tecnológico e a impessoalidade, o exército de homens «cujo modesto murmúrio de eficiência parece ter derivado do facto de serem peças de uma máquina», a banalidade provinciana dos astronautas, «a sua decisiva evasão de uma atitude heróica». Mailer sente-se traído pela distância entre as suas românticas expectativas e as cinzentas mas imensas realidades. Procurando compreender, transforma o livro numa descrição da **outra** América, a América do WASP Airforce Service Pilots) que mandou alguns dos seus filhos para os degraus do Pentágono ou para as ruas de Chicago. Combatendo o seu desapontamento, procura transformar o acontecimento numa experiência de auto-educação. Mailer é um velho dinossauro, tentando adaptar-se e aprender, mesmo arriscando trair-se a si próprio. A sua atitude em relação á NASA e á tecnologia é mais confusa e ambivalente que hostil. Nem a série oficial de celebrações nem o ódio total dos radicais de Luditte o convencem, mas o pragmatismo colectivo da NASA enche-o de medo: parece a face do nosso futuro. Tem então sentimentos complicados acerca das mais obscuras e mais irracionais profundezas da natureza humana que a lua acabou por simbolizar para ele, e que a missão implicitamente nega. Mailer pensa se esta não será um perigoso acto faustiano de violação, «como se, tal um animal ávido de devorar a natureza, nós pensássemos

Cont. na pág. 6

UM MUSIL URUGUAIANO

A PROPÓSITO de um dos seus romances, *Tierra de nadie*, publicado em 1940, o escritor uruguaiano Juan Carlos Onetti, que nasceu em Montevideu em 1910, mas passou a maior parte da sua vida na Argentina, declarava: «No país mais importante da América do Sul, a Argentina, assiste-se actualmente ao aparecimento da personagem amoral, o homem sem fé, sem interesse pelo seu destino». Esta frase anuncia nem mais nem menos que o princípio de uma certa tendência «existencialista», ou muito simplesmente europeia, no romance da América Latina, tendência que se confirma, um pouco mais tarde, com escritores como Ernesto Sabato na Argentina, Edumundo Desnoes em Cuba ou Clarice Lispector no Brasil.

No entanto, esta tendência europeia não anula os elementos originais de uma literatura que se procura constantemente, ela ultrapassa os limites estreitos do romance de tese, permitindo assim a harmonia entre a meditação propriamente filosófica, evidente sobretudo nos romances de Clarice Lispector, a invenção verbal e uma crítica social e histórica rigorosas, como é o caso de Edmundo Desnoes.

ABSTRACÇÃO

Juntacadeveres, romance de Juan Carlos Onetti recentemente traduzido em França (1), permite-nos traçar uma perspectiva nova da literatura sul-americana. Publicado no Uruguai em 1964, *Juntacadeveres* é o ponto culminante da obra de Onetti. A vila (imaginária) de Santa Maria e a personagem principal do romance anterior, *El astillero*, reaparecem em *Juntacadeveres*. Larsen, que em *El astillero* era subdirector de uma empresa de construção civil que de facto não existia, nada a não ser terrenos de construção desertos e máquinas roídas pela

Cont. na pág. 7

Álvaro Manuel Machado

Onetti: um mundo de «fantasmas respeituosos»

À Lupa

O QUE É UM ESCRITOR MALDITO: À GUISA DE RESPOSTA A LUIZ PACHECO

O que é um escritor maldito? Entre outras coisas é aquele a quem os outros escritores **querem fora do circuito.**

Olha, meu velho, de facto tu não és um escritor maldito. Quem o disse tem as retinas embotadas. Tu até és bastante comercializável. A um escritor maldito começam a devorá-lo só quando está com as tripas de fora, fumegando, ou na agonia, de toutiço rachado e mioleira a transbordar. Ora quanto a ti, isso não acontece. Querem assimilar-te vivinho, que digas assim seja enquanto é tempo, desculpando-te os pecados por mor da grandeza do espírito.

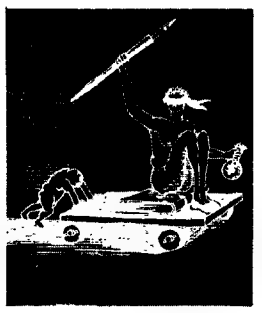
Perdoa o facto de não escrever tão pular como tu, mas fiquei desde a infancia com uma retórica pegajosa que não me larga nem á bala.

Quanto a ti, não te enganes. Já se vende Pacheco á tabela. Qualquer dia puxam-te pelo gasganete, ornamentam-te com uma grinalda de flores e dão-te um pontapé no traseiro em direcção ao Tejo para te afogares mais depressa e te poderem levantar uma estátua, mesmo ali na Praça do Comércio (que passará a chamar-se Praça da Comunidade); uma estátua em que tu, montado num burro (tremei, ó criticos!) substituirás o cansado D. José I. Terás também uma comenda pendurada á volta dos gargomilos, por causa da ênfase e dos doutores.

Não, não és escritor maldito. A um escritor maldito esfolam-no moribundo ou vão desenterrá-lo pázada aqui pázada ali depois de esfrangalhado, morto e atirado aos pedaços para sítios onde nem os gatos miam. Tu estás vivo e é assim que te querem, suficientemente pitoresco para engalanar a cidade, suficientemente pobre para dar azo a gestos de generosidade mecenática, suficientemente malcriado para te chamarem maldito, para haver um escritor maldito á mão, imediatamente utilizável, como o Sabão Lava Tudo Branquíssimo.

Desde o Mito Rimbaud que a Febre Malditivista não atacara com tanta furia essa «élite» de uma burguesia que diz renegar-se e que é a subclasse dos escribas. Aqui, então, com a teoria de suicídios e tuberculoses mortais, a tentação é grande. Mas passemos á pergunta «o que é um escritor maldito?».

É aquele que sem apadrinhamentos, conubios, concessões, promessas de compra e venda, vai buscar o manuscrito simplesmente entregue para apreciação a um editor fatigado que lhe diz, após vários meses de jazida: É bom. É até muito bom. Mas não tencionamos publicar originais



neste tempos mais próximos. Temos já uma quantidade excessiva de manuscritos. Porque não tenta a ... (aqui o nome de uma editora de moldes iguais)?

Maldito é o escritor que está fora do circuito, que não sabe o preço que pode valer o que faz, que não aceita vénias, compromissos e sabujidades adstritas; cuja obra vai para a gaveta á espera de uma posteridade incerta e aleatória. Quantos livros publicou Cesário em vida? E Pessoa? E António Maria Lisboa? Deu-lhes sequer pró pitróil o que escreveram? Qual o convívio que tiveram com os mentores da intelectualidade do seu tempo? Nenhum instalado quer que se façam ondas no charco onde coaxa com a aprovação geral. E os verdadeiros malditos, por não estarem presos a nada, criam sempre o perigo de fazer reflectir acerca dos valores do tempo. Modernamente fabricou-se já um processo de dissolução desses marginais: é dar-lhes uma profissão que os integre na bela sociedade do atavio e consumição. Há computadores para avaliar as possibilidades de tais subversivos e para os levar ao bom caminho. O pior é que frequentemente não resulta. Os caturras não se deixam levar senão depois de bem esbordoados, prontos para a distribuição de pedaços das suas sempre anedóticas (e «combien» pitorescas também) vidas. Defuntos, servem óptimamente para classificar, explorar, antologiar, obras completas, fotografias quando eram estudantes (sonsos), quando eram crianças (olhar inerte e todavia já meditativo), quando estavam a dar o badagaio se possível.

Muito haveria a dizer sobre a Maldição suas aderências, seu aproveitamento. Esperemos no entanto uma época propícia ao palavrear feroz que se torna necessário pôr em circulação. Se for preciso, direi algo ainda. Por agora só esta nota um tanto descosida, anárquica, desordenada e confiante em «meia palavra basta».

MANUEL DE CASTRO

Poesia & Não

FERNANDO MADUREIRA
Poemas em 3 Andamentos
Edições ITAU
Lisboa, 1971

MANUEL ALBERTO VALENTE
Viola Interdita
Colecção AGORA N.º 1
Edição do autor distribuida por Ed. Inova
Porto, 1970

CONSIDERA-SE USUALMENTE que a qualidade da produção poética em determinado período em grande parte depende da qualidade do discurso crítico que sobre ela se exerça — o que quer dizer, por outras palavras, que à *prática* deverá sempre corresponder uma actividade teórica, que não só a oriente ou ponha em causa, como principalmente vá reflectindo sobre os fundamentos e os *sentidos* dessa prática. É assim justificável que a um período a que tenha correspondido uma ineficaz actividade teórica (portanto não fundamentada e improdutiva) corresponda, por sua vez, uma prática deficiente e de muito baixa qualidade. Este é talvez, encarado embora com tamanha simplificação, o caso da nossa actual produção poética.

Parece, por outro lado, que se começa hoje a reconhecer o progressivo crescimento de uma actividade reflexica sobre os fenómenos literários, algo constante, bastante mais informada e fundamentada, assente, enfim, numa nova concepção dos fenómenos da cultura e no modo como esses fenómenos afinal se inscrevem num tempo.

É talvez por isso, por se começar a reconhecer a existência de uma tal actividade, por serem já hoje de algum modo verificáveis as alterações por ela introduzidas no espaço de um saber que vivia e se alimentava da sua própria dissolução, que cada vez nos causa

M. Alberto Valente

maior espanto o aparecimento de livros como os de que hoje tentaremos falar.

Mais, no entanto Fernando Madureira do que Manuel Alberto Valente— este, datando os seus poemas de 1966 e 1968 (altura em que colaborou na terceira série de *Poemas Livres)* de algum modo nos ajuda a caracterizar a sua produção poética. Ele próprio aliás nos explica deste modo a sua participação nessa antologia e numa outra designada por *Vietname* (Colecção Nova Realidade): *por razões de tomada de posição cívica, que não por enfeudamento sem limites a determinado tipo de poesia realista (...).* Não se trata isto de uma justificação, cremos, mas talvez um modo de reconhecimento da baixa qualidade de um trabalho que o próprio autor não tenta já defender.

nem sempre um homem re-
[siste
aos labirintos do tempo
nem sempre um homem re-
[siste
tendência que em nós existe
nas horas de rosto triste
entre o vento e o desencanto
nem sempre um homem re-
[siste
di-lo bem alto meu canto
... ...

É evidente a linearidade da construção, a facilidade na utilização da rima, repetitiva, sem autonomia, o lugar-comum que resulta de uma fácil adjectivação, etc. É evidente também a *intenção* a qual o poema se subordina em vez de em si próprio a tentar produzir e explicitar.

Mas se Manuel Alberto Valente, com uma objectividade sem duvida de realcar, reconhece a fragilidade de que se reveste ainda a sua actual produção poética, se ele a si próprio se ironiza, o mesmo se não passa já com Fernando Madureira. Vejamos como começa o seu livro:

... ...

e cresci
meus olhos encheram-se de
cruzes gamadas tanques
aviões grandes barcos boca-
dos de luta batalhas aéreas
bombas cortando as águas
— e fui piloto marinheiro
roubei a bandeira ao inimi-
go morri não sei quantas
vezes herói e os actos de
maior bravura eram come-
tidos na própria rua manhã
muito cedo na bicha do pão
pés frios mãos sem dono e
tudo para que em casa os
olhos da Mãe sorrissem
e cresci

... ...

Começa pois falando-nos ostensivamente de uma infância (um crescimento) e de uma guerra — guerra sem dúvida vista em filmes de aventuras, de écran panorâmico e com muitas cores em *tecnicolor*. Guerra sonhada em tons de maravilhoso, como aliás o é tudo neste livro:

Desapareci de mim!
Em lugar do meu corpo
há agora um ponto geográ-
[fico;
e em vez de coração
tenho povo
a alimentar-me as veias.

Um livro de um grande desequilíbrio, às vezes ostensivamente petulante, repleto daquelas boas intenções de que o inferno do discurso poético tem já o papo cheio.

N. M.

OUTROS LIVROS RECEBIDOS

Luis Moreno: *Levitação;* ed. autor, Lisboa, 1970.

João Remo: *Onde as ilhas se encontram;* ed. Estudos Psíquicos, Lisboa, 1970.

Eleutério Sanches: *Tuque-Tuque de batuque;* ed. autor, Lisboa, 1970.

Cacilda Celso: *Sede consentida;* ed. Pax, Braga 1970

Ernesto A. Silva Pereira: *Goivos, Lírios e Ais;* ed. filho do autor, Lisboa, 1970

Mario Cristino da Silva: *Corpo em flor;* ed. autor, Lisboa, 1970.

Luz Videira: *Maré Cheia;* ed. autor, Coimbra, 1970.

Cesar Teixeira: *Poemas da via láctea;* Liv. Cruz, Braga, 1970.

João Pedro Grabato Dias: *Sonetos de amor e circunstancias;* ed. autor, L. Marques, 1970.

José Manuel Pyrrait: *Rimas dispersas;* ed. autor, Lisboa, 1970.

Vimala Devi: *Telepoemas;* Atlântida Editora, 1970.

Alvaro Pacheco: *O sonho dos cavalos selvagens;* ed. Artenova, Brasil, 1967

Alvaro Pacheco: *A força humana;* ed. Artenova, Brasil, 1970.

Irineu Cortes: *Poemas localizados;* ed. autor, Lisboa, 1970.

Fernando Grade: *A+2=Raiva;* ed. Difusão Dilsar, Lisboa, 1970.

António Bellini Jara: *Vitral do tempo;* ed. autor, Lisboa, 1970.

Maria Lucília Moita: *Apertado mundo de dentro;* Torres Novas, 1971.

Carlos Camposa: *Presença incómoda;* Editora Pax, Braga, 1970.

Domingos Carvalho: *Joio sem trigo;* 2.ª edição, Ed. Inquérito, Lisboa, 1970

J. [illegible] Stockler: *Jardim Outono;* Vila Real St. António, 1971.

RESPOSTAS A IGREJAS CAEIRO

por Carlos Porto

IGREJAS CAEIRO, do Teatro Maria Matos, concedeu uma entrevista ao «Diário Popular», de 16 do corrente, na qual faz um ataque à crítica de teatro tal como é actualmente exercida nos nossos jornais. Proponho-me responder aqui àquele actor-empresário por duas razões: 1.ª — porque sendo eu (bem ou mal) um dos responsáveis por essa crítica, sinto-me do dever de não deixar sem resposta as declarações de Igrejas Caeiro, embora o faça a título meramente individual; 2.ª — porque a crítica de Igrejas Caeiro alinha em comentários vindos de vários quadrantes e de sectores diferenciados, desde o «Diário da Manhã»/«Novidades»/«Diário de Notícias»/«Actualidades» até à Radiotelevisão, desde o empresário Vasco Morgado ao dr. Luís Francisco Rebello (1), comentários que, de certo modo, resume e metodiza.

Ora, parece-me que chegou a altura de responder a esses ataques velados ou directos, tentando clarificar o que está a ser propositada e intencionalmente deturpado por aqueles (excepto o último citado) que vêem nos críticos inimigos pessoais de bens e fazendas.

Para tornar as minhas respostas inteligíveis, transcreverei (em itálico), sempre que necessário, as declarações de Igrejas Caeiro.

Igrejas Caeiro começa por referir a dificuldade que tem encontrado em representar autores portugueses, explicando que tem seis peças portuguesas retidas na Censura. É lamentável. No entanto, chama a atenção para dois factos: a impossibilidade de representar autores portugueses não implica a necessidade de representar mais autores estrangeiros (Calvo Sotelo); além dos originais citados (de Costa Ferreira, Santareno, Fiama, J. França, Abelaira), há na moderna dramaturgia portuguesa outros textos dignos de consideração daquele empresário. O segundo problema, para Igrejas Caeiro, chama-se «crítica» (aspas do entrevistado). Começo por ter uma certa dificuldade em responder ao actor, porque não sei o que quer quando afirma *que há uma crítica que devora um certo tipo de teatro e acaba tornando-se contraproducente*. Que tipo de teatro? Onde a mesa onde esse teatro é servido para a crítica (ôfrega!) o devorar? Será o teatro universitário? Teatro estrangeirado? Teatro lido? Certamente Igrejas Caeiro quereria dizer que não ignorando a existência de um outro teatro, para além daquele que normalmente se faz nos nossos palcos, a crítica exige que o teatro português se aproxime daquele, se actualize, se vá tornando, mais exigente para consigo próprio. *Pela sua exigência provoca a retenção de ideias, a retenção de um certo teatro*. Mais vale, é certo, provocar a retenção de ideias do que de outras coisas, mas, creio, a exigência da crítica resume-se a muito pouco, ao óbvio: que os nossos actores saibam representar, que os nossos encenadores saibam encenar, que os nossos empresários tenham mais respeito pelo teatro, olhando menos para a bilheteira (caso contrário, mudem de ofício porque o teatro tem exigências que outros ofícios mais rendosos naturalmente não têm. Os responsáveis pela nossa actividade teatral que o não compreendam nunca poderão entender a posição da crítica. E, sobretudo, se recorrem a subsídios com os quais se esbanjam bens da comunidade que a outros melhor poderiam aproveitar). E além disso, há um problema de elementar deontologia: não se pode classificar o medíocre de «assim-assim», o «assim-a-sim» de bom, o bom de genial. Em nome de que leis, de que interesses, de que pretextos, poderão os críticos deixar de assinalar o que é evidente e que é excessivo?

Se os autores forem vincadamente intelectuais, essa crítica está com eles. Mas se fizeram um trabalho corrente, como por exemplo, a comédia, podem contar de antemão com uma crítica destrutiva. Vou repetir uma declaração recente de Luzia Martins: «no nosso País tudo o que é inteletual, merece desprezo» (cito de cor). Acontece, no entanto, que todo o grande teatro é vincadamente intelectual, desde os gregos a Ariano Suassuna ou a Wesker — nem poderia deixar de ser. Aqui, aliás, Igrejas Caeiro coloca-se ao nível de Vasco Morgado, traindo assim as suas responsabilidades intelectuais (?). Vasco Morgado declarava há tempos que bastava anunciar uma comédia de «bonitezas» para que os críticos lhe caíssem em cima. Pela minha parte, e com perdão pela rudeza, considero isto uma imbecilidade porque não há nenhuma crítica que despreze ou negue o teatro cómico (seria negar Aristófano e Gil Vicente, Molière e parte do Shakespeare, etc., etc.). Dou, até, um exemplo recente: «O Santo e a Porca» que, naturalmente, foi aplaudido pela crítica. Simplesmente não há que confundir comédias com as xaropadas que normalmente nos impingem. Estas confusões são sempre perigosas. Com aquilo a que o próprio Igrejas Caeiro chama *subproduto*. *E que, diz é entre nós considerado usurpador*. É exactamente esse teatro que rejeito. Como o rejeita, claro, a crítica, digna desse nome (e não venham para cá com os Jean-Jacques Gauthier do costume) dos países citados: Inglaterra, França ou Espanha. Se Igrejas Caeiro vai a uma farmácia, admite que lhe vendam um subproduto? Se vai a um supermercado, aceita subprodutos? A saúde mental das pessoas merecerá, porventura, menos consideração do que a sua saúde física? Com que direito ministramos produtos estupidificantes e alienantes àqueles que procuram divertir-se? Pela minha parte, se não pensasse que o teatro deve ter outras ambições, mudava de espectáculo: o futebol, por exemplo, é muito mais emocionante e quantas vezes, melhor interpretado.

Igrejas Caeiro: por ou contra a crítica (e que crítica)?

Entretanto, atenção: *eu não estou de forma nenhuma contra os críticos*. Registo. *O que penso é que alguns deles (quais? estão fora das realidades portuguesas — ou mesmo internacionais*. Devo dizer que não creio que isto corresponda à verdade. Os críticos portugueses escrevendo em jornais portugueses não podem deixar de estar integrados na realidade portuguesa. De facto, essa realidade é, para quem escreve, como que uma segunda natureza, de tal maneira estamos condicionados por inevitáveis mecanismos de auto-defesa. Mas a realidade portuguesa é transformável: como crítico acredito nas possibilidades dessa transformação, por isso não posso aceitar um teatro que devo esclarecer que, na realidade, certos espectáculos diminuem aqueles que a eles assistem. Tenho-me sentido diminuído na minha dignidade de ser pensante e sensível ao assistir a certos espectáculos portugueses. Não se trata de esquecer a *realidade portuguesa e universal*, trata-se de pugnar pela evolução dessa realidade, da qual o teatro é reflexo mas também (pode ser) motor.

É sempre uma minoria muito reduzida aquela que vai ao teatro para se perturbar. Há uma evidente contradição entre esta afirmação e a anterior de que o nosso público é tão bom e inteligente, etc. Adiante. Este problema de minorias e de maiorias, em teatro, tal como é posto, é um problema de lá caprina. O principal facto reside nisto: a maioria do povo português não vai ao teatro. E não vai por várias razões: por não poder, por não ter, por não estar interessado. Mas se um dia a maioria joga no prolongamento do «stato quo», que se coloca ideológica e esteticamente contra a mudança.

O nosso público é tão bom ou tão culto como o público estrangeiro. Trata-se de uma pura demagogia. O nosso público não pode ser nem tão bom nem tão culto como o público estrangeiro (refiro-me ao dos países desenvolvidos): para o comprovar basta ler a reforma da Educação, proposta pelo respectivo ministro, e as discussões que tem suscitado.

Certos críticos (quais?) *quando usam do seu direito de criticar violentamente deviam esclarecer o público que o facto de assistir ou gostar desse tipo de teatro* (o teatro corrente!) *em nada o diminui*. Como crítico que tem usado do direito de criticar violentamente, preferir ir ao teatro a ver televisão, por exemplo, não interessará que o faça para ver Mammas e outros Inocentes. Nem interessa que aqueles que hoje vão não disponham de outras oportunidades além das peças citadas. Este problema de maiorias e minorias é um dos mais focados pelos críticos dos críticos. Valerá a pena, por isso, fazer sobre ele mais uma breve reflexão. Há algum teatro que, como é evidente, não interessa a (possíveis) maiorias — é o caso, creio, do teatro de absurdo e de certas experiências do teatro actual cujo carácter experimental, aliás, é coercivo do acesso dessas maiorias (Grotowski, por exemplo, não quer mais de umas dezenas de espectadores em cada sessão). Eu pergunto, entretanto se há algum crítico português que proponha estes tipos de teatro como os mais indicados para uma transformação radical das plateias dos nossos teatros. É evidente que esse teatro não poderá deixar de ser paralelo a um outro no qual espectadores (possíveis) encontrem uma abertura — em termos ética e estéticamente aceitáveis — para a descoberta de uma outra realidade (da qual faz parte a própria linguagem do teatro). Pergunto se será no actual teatro comercial português que se encontrará essa abertura.

Sei que estou muitas vezes em foco como empresário e, simultâneamente, como indivíduo que abandonou as suas directivas. Há pessoas que pensam que eu deveria fazer para este teatro obras revolucionárias, por uma questão de coerência. Há determinados críticos (quais?) *que me acusam de traição por não ser coerente. Tenho pena de que as pessoas se esqueçam de todo o passado...*

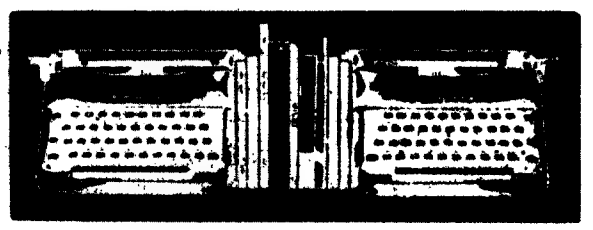
Não creio que Igrejas Caeiro tenha razões de queixa da crítica. Se a memória me não falha, só o seu último espectáculo mereceu reservas mais fundas (e mesmo assim insuficientes...). Não creio que a crítica tenha posto a actividade de Caeiro em termos de «traição» (não haverá aí um qualquer complexo?). E creio, por outro lado, que a representação de «O Inocente» representa uma incoerência e uma «traição» menos em relação ao passado de Igrejas Caeiro (é lá com ele) do que para com o público, para com a crítica, para com os subsídios que recebe. As críticas mais duras que Igrejas Caeiro tem recebido como empresário são provenientes de sectores jovens, em especial universitários. Não serão essas críticas motivadas por duas razões: o facto de Igrejas Caeiro ter decepcionado em função daquilo que da sua acção se esperava? Os processos publicitários utilizados pelo Maria Matos não devem estar conformes n(em pouco mais ou menos) com aquilo que nos parece digno da actividade que exerce? Há certos fins que são degradados pela utilização de certos meios. Parece-me ser esse caso.

Muitas críticas são feitas com desamor. Há os que criticam por tudo: pelo que lhes desagrada ver e pelo que não podem ver. Quando não se pode criticar, mais nada, é preciso falar com acrimónia do futebol, do cinema, da televisão, do teatro... Transforma-se numa questão de resistência, que é exaltação. E, por vezes, que desencanto em relação àquilo que exalta! As obras não encantam em relação àquilo que realmente contêm...

A acusação clássica! Esquece-se o seguinte: tudo está ligado a tudo. Quando se critica teatro, etc., critica-se, intrinsecamente, o contexto em que se insere. Esse facto não deve esquecer o espírito teatral — e não penso que a nossa crítica (boa ou má) o faça. Há, no entanto, um facto que não pode ser minimizado: o contexto não explica tudo, não pode desculpar tudo. O contexto não pode servir de álibi para a incompetência ou a desonestidade. O medíocre é medíocre, o mistificatório é mistificatório, o desonesto é desonesto — seja em que contexto for.

A terminar a entrevista, Igrejas Caeiro relata as dificuldades que encontrou para arranjar um encenador para o seu novo espectáculo com a peça de Ionesco «Jeux de Massacre». *Nem o Jorge Lavelli, nem o Luís de Lima, nem o Ribeirinho puderam aceitar o convite. Acabei a sumindo eu a responsabilidade. Vou fazer das tripas coração para levantar a peça, naturalmente influenciado pela encenação que vi em Paris, feita pelo Jorge Lavelli*. E, depois, queixam-se da crítica! Toda a gente sabe que a encenação é, hoje, elemento criativo fundamental na concepção e realização de um espectáculo de teatro. Pois, vamos ter uma peça de Ionesco cuja encenação será semicopiada da encenação francesa! Não haveria em Portugal quem fosse capaz de um trabalho original? Por exemplo, Fernando Gusmão, Jorge Listopad, Jacinto Ramos, Fernanda Alves, João Guedes, Avilez? Por que não se dão oportunidades a novos

Cont. na pág. 7



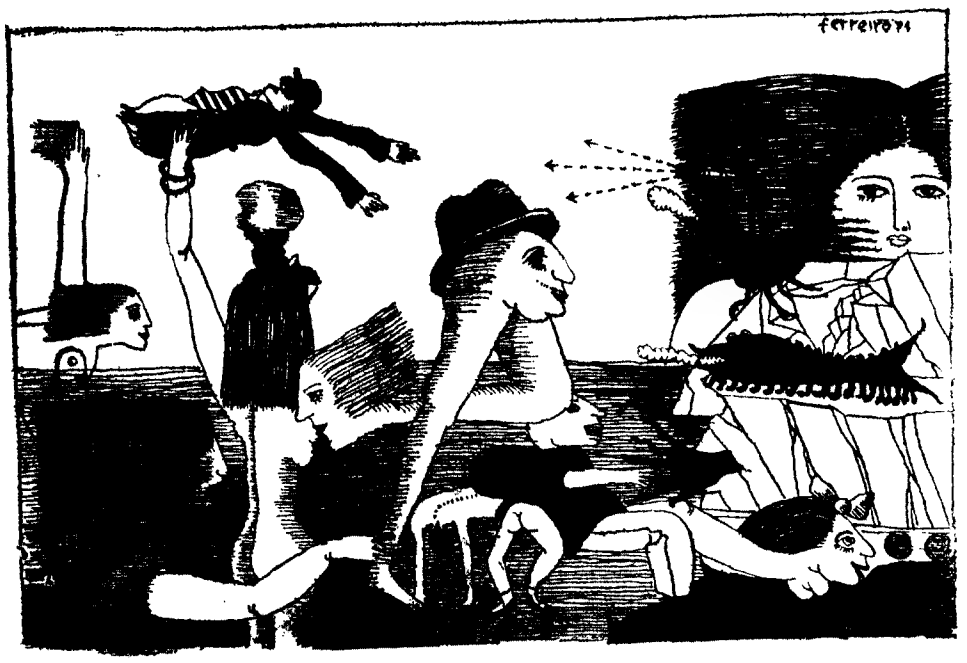
PARÁGRAFOS

por Raul de Carvalho

— Tu, ó Papo de Rola, e tu, ó Corça do Monte, e tu, ó Rosa de Pedra, e também tu, Sorriso de Verniz, — qual de vós me dirá o que é preciso fazer para extirpar o cancro mole dos sentimentos?

Por causa disso é que eu troco os gestos, não sei onde estou e, como vocês sabem, lhes troco às vezes os nomes... Sede benévolos e dizei-me: que força é esta que me impele para a frente, quando eu sei, perfeitamente sei, que haverá sempre quem me empurre para trás? E outra coisa: porque será que eu desconheço tanta coisa: o gosto ao sol, no corpo nu; a leveza do corpo, flutuando nas ondas; uma tarde de Maio passada num lugar que cheira bem; um beijo que, de tão espontâneo e verdadeiro, nos basta; uma conversa sem cautelas com alguém que nos quer e não pergunta, que com esse pouco se contenta. Porque será que, para pensar pensar na morte, é preciso não ter já confiança na vida, não ter já esperança, nem coragem, nem amor.

Tu, Capuchinho Vermelho, tu, Clarimundo, o clérigo, e tu, Dona Fortunata, vesga, má-língua e cada vez mais gorda, e também tu, ó Andaluz, de olhos luzidios como brincos de princesa, de pele macia como as açucenas, de boca que sabe bem mastigar — todos vós, que eu trato assim, dir-me-eis ou não porque é que tudo foge, tudo se baralha, tudo se amalgama — e não há meio de fugir deste deserto, deste ciclone. Belos tempos, não é verdade, Leite de Burra?, quando o resto se resumia num breve querer, um «querer» que por sua brevidade era acessível. Não foi o que te disse Açúcar-em-Ponto, quando o convidaste a desistir do amor? Bem vês, meu anjo, Açúcar-em-Ponto sabia que, a prolongar-se, o amor se tornaria enfastiento, pesado, mole — uma coisa assim como trazer, por hábito, a mesma gravata, sempre. Açúcar-em-Ponto pressentia que no mudar, no abandonar, no nunca olhar para trás com lágrimas nos olhos, é que está o ganho, o prémio. Tu compreendê-lo-ás, minha Magnólia Branca, quando o teu pai morrer, quando a tua mãe ficar tão gorda, tão gorda, que já ninguém a tire da cama (e da cama te chame, aos berros, e te descomponha, e te atire á cara os teus vários e inconfessáveis amores) tu o compreenderás quando te vires aflita, e o Andaluz te disser que de aqui por diante ou ele ou tu, algum havia de ser sacrificado; e quando tu ficares igual às outras, geralmente porcas, geralmente parvas, geralmente cínicas, geralmente estúpidas. Que estúpida a «Madame» julgando que, lá porque tinha lá em casa uns restinhos de riqueza, umas cabacinhas de metal com o monograma, umas escovazinhas de prata, uns piresinhos de loiça da China, uns tapetezinhos por estrear,— que estúpida a «Madame» quando me disse pelo telefone «que era um assunto do meu máximo interesse», que havia um terreno baldio onde nos podiamos espojar á vontade, que era só eu dar licença para derrubar a cancela. É claro que Colarinho Engomado não me deu razão, me censurou, achava ele que eu devia aproveitar, que casas daquelas com tão bom recheio, não as havia assim ao-deus-dará. Colarinho Engomado tem uns modos tão amigos, tão protectores, tão sensatos e virtuosos, que, palavra de honra, eu pensei se estaria ou não enganado, a respeito dele ou a meu próprio respeito. Valeu-me nessa ocasião um periquito de raça que, por seu porte galante e mandrião, fez com que eu o seguisse, até dar tempo a que, no meu espírito tão cheio de dúvidas, ficasse por fim bem assente que «Madame» era, como disse, muito estúpida... e que Colarinho Engomado era, uma vez por outra, um grandíssimo pulha. Isso aliviou-me das perplexidades em que um espírito naturalmente sociável como o meu às vezes se debate. Casta Susana tem-me nesses casos, valido de muito. A ele é que eu vou pedir conselho; sei-o atilado, cauteloso, experiente, bem intencionado. Irrito-o muito quando lhe digo que ele é mais um caso de inadaptação do estômago ao cérebro, e vice-versa; que eu em lugar dele ia para Granada, onde, junto aos ciprestes do Alhambra, lá se vê a cela do pecador e santo San Juan; digo-lhe isso e olho para aqueles olhos desprendidos do mundo terreno, para a cútis sem mancha do rosto, intacto de sinais de luxúria na solidão, para as palavras, poucas e bem empregadas, para os silêncios espaçados e nervosos; digo, olho, e penso que a santidade, meus caros, não é aquilo, aquelas mesuras, aquele dom de dizer e fazer sòmente o que é bom para a bexiga, benéfico para as insónias, que se faça ou diga; não, meus amiguinhos, aquilo é droga, é pez, é intestino dentro quando devia estar de fora, para que se visse como um intestino é; Casta Susana gosta e não gosta de mim, por causa disso, por causa das minhas indecorosas observações; mas Casta Susana tem muitos amigos; se vós quereis, ele não me leva a mal em convidar-vos, provado que sois gente que o mereça, com posto de relevo nas artes, nas letras, nas ciências, no «boudoir»; mas a pessoa de quem Casta Susana é mais amigo, a pessoa que com certeza melhor que ninguém o compreende (o que, aqui para nós, lhe dedicou uma das suas produções, um soneto em que há este verso que eu e outras pessoas mais entendidas do que eu reputam uma-verdadeira-obra-prima, «de aquelas coisas que, a gente não sabe como, nunca mais esquecem»; é este verso, em toda a sua magnificência: «Se a face mais harmónica de um dado são os pares, que harmonia entre nós dois!»): o seu mais íntimo amigo digo-vos eu que é Colarinho Engomado, embora o Andaluz se diga que ocupa, no coração de Susana, um lugar privilegiado. Enganos a que um temperamento ardente e fogoso, se bem que vigiado, controlado, dominado, sublimado, enganos a que um temperamento assim está sujeito. Entre os ciganos, no Albaicin, vê-se muito disso. Com a única diferença de que os ciganos são nómadas e cantam, são nómadas e bailam, são nómadas e em qualquer poiso da terra desafiam, para se distrair, a morte — a morte que, junta ao amor, lhes anda pelas pernas, pelo tronco, pela cintura, pelos órgãos, pelo coração de bruxos.



A PRESENÇA DE JORGE LUIS BORGES NUM FILME À MANEIRA DELE

"LA INVA

1 — O FILME TAL QUAL SE VÊ

DESDE as primeiras imagens que nos é oferecido o plano de comunicação do encantamento, do mistério, do vago, do ambíguo. Preto e branco, obscuridade, penumbra, golpes de luz. Som: passos ao longo de ruas silenciosas e desertas, passos em interiores apenas apontados na obscuridade, presença dos objectos, do «natural» forçado até se tornar perturbante (conotação com o fantástico). Milongas, tangos. Estamos em AQUILEIA. Alguém estende o mapa de AQUILEIA. Fronteira sul, fronteira norte. O esquema leva-nos á consciência das fronteiras da cidade. Na cidade que nos é dada pelas imagens das ruas podemos reconhecer a velha Buenos Aires.

A música, as canções (com letras de Borges) rompem a tensão dos passos, líricamente, como os planos claros rompem a tensão da obscuridade.

Invasão: alguém invade AQUILEIA, alguém a defende. A acção vai dando o conflito sem se comprometer. As figuras que percorrem as ruas, que se encontram ou cruzam apenas, que se vão revelando no diálogo, não trazem consigo, á primeira vista, os sinais que as definam. Assim podemos hesitar até ao fim. Assistir á luta, ao resultado sugerido, logo negado, sem saber com quem estamos, por quem tomar partido.

Uma ficção que nos é proposta e podemos aceitar tal qual. Ver as imagens, ouvir os sons. Querendo, podemos centrar a emotividade dispersa entre invadidos e invasores, num ponto casual de contacto: um casal, homem e mulher que vivem juntos e lutam em campos opostos.

2 — AQUILEIA: MORTE E RESSURREIÇÃO

Aquileia. As enciclopédias dizem: cidade do Adriático destruída pelas hordas de Átila. Os sobreviventes construiram Veneza. Aquileia destruída pelos bárbaros é salva na sua essência de cidade e renasce Veneza. Os defensores de AQUILEIA vencidos pelos invasores reencontram novas forças, novos meios, nova gente que chega para salvar o que os vencidos defendiam.

A cidade não é só as gentes, responde o chefe da resistência quando alguém lhe diz que a cidade está perdida. «Resistência» de Aquileia. Quem resiste a quem ou a quê?

Assistimos á ficção. Resvalamos em planos divergentes de adesão. Somos por AQUILEIA ou contra AQUILEIA? E quem é por AQUILEIA? Os defensores ou os atacantes? O que é AQUILEIA?

A cidade não é só as gentes. O defensor de AQUILEIA, o chefe da «resistência» de AQUILEIA é um velho tranquilo. Vive sózinho com um enorme gato atento. Fala com ele. Põe-lhe os seus problemas que são os problemas de AQUILEIA. Das gentes de AQUILEIA e/ou do que em AQUILEIA não são as gentes.

Só ele sabe o que pode e deve ser feito. Os colaboradores mais próximos podem cair por não ter chegado ainda o momento de dizer o que sabe. Mas o que cai com eles, aparentemente a cidade, não são os valores da cidade, esses valores secretos, que apenas sabemos não serem as gentes.

3 — FICÇÃO E ARGUMENTO

Qual a participação de Borges, qual a de Cazares?

Borges falou-me do filme, o ano passado, em Buenos Aires: tinha feito um argumento sobre uma história de Cazares. O filme estava em rodagem. Podemos reconhecer a sua origem nas ficções de Cazares, na linha tão pessoal onde se inserem *La Invención de Morel*, *El Sueño de los Herois*. (*La Invención de Morel*, que está na origem de «*O ultimo ano em Marienbad*» de Resnais, ajuda-nos a perceber como se gerou aquela ficção cinematográfica, sem no entanto lhe roubar nada do seu encanto; modelo de convergência e autonomia de linguagem diferentes).

É também reconhecível a presença de Borges; as suas preocupações, na marcha do processo que no fim nos leva, longe da hesitação inicial, a uma adesão que será tanto mais profunda quanto mais longa e difícil a escolha. Ambiguidade que não é senão aparência de ambiguidade. «Aquileia» não é também a cidade das águias (*aquila* águia)? E será necessário recordar quem ao longo da história tem escolhido a águia como símbolo para se representar?

No desenvolver da acção, sente-se em volta do bom velho paternal e modesto (que coincidência) a estratificação das hierarquias não só ao nível das decisões como pela participação no conhecimento da estrutura da cidade: a defesa da cidade, os valores (secretos) da cidade, o futuro da cidade.

Paralelamente (e em oposição) os invasores da cidade parecem nivelados entre si; quero dizer que, apesar do destaque dado na ficção a alguns dentre eles como personagens, não se estabelecem relações hierárquicas aparentes.

Não havendo ideologias expressas, a unica forma

SIÓN"

por Júlio Moreira

de identificação, de reconhecimento e de (consequente) adesão, fundamenta-se, com ou sem consciência reflexa, nestes e outros sinais.

Um ponto obscuro permanece ao nível da ligação entre o defensor e a invasora que, como foi dito, vive maritalmente, sem que, aparentemente, cada um deles tenha conhecimento das actividades clandestinas do outro.

Um esboço de romance tecido de suspeitas, de reconciliações, como nas clássicas situações triangulares (ou quadrangulares) em que o outro (outros) pólos seriam neste caso em vez do(a) amante, AQUILEIA, a cidade, o seu (não expresso) significado. No fim, quando a queda da cidade é inevitável, quando ele foi já sacrificado, quando subitamente uma nova geração de defensores (talvez os reconstrutores da história de Aquileia) surge para terminar o filme e deixar-nos perante a situação do princípio (só mais avisados, mais aptos a entender o que nas primeiras imagens nos era ainda vedado), então ela está no lugar que fora o dele.

Sentido da defesa em si, independente da ideologia, mera defesa da defesa, alegoria da institucionalização das «invasões» uma vez realizadas, e implicitamente apologia do conservo?

Não.

O velho e o gato guardam o sentido da permanência, do recomeço no ponto de partida, da inutilidade da invasão, seguros na posse dos segredos de AQUILEIA, os mesmos segredos.

Ela, na ultima sequência do filme, distribui armas aos novos, aos que chegam, aos defensores de AQUILEIA.

4 — EXPRESSÃO E ACÇÃO

Hugo Santiago encontrou a expressão adequada para o jogo. No clima, na luz, no som, e também em inumeros pormenores que contribuem para o entendimento do que admitimos serem as «intenções», a proposta de escolha entre os planos divergentes de invasores e invadidos. Curiosamente, a própria maneira de vestir é um sinal distintivo.

Num único aspecto a expressão cinematográfica falha, mas essa falha por pouco não compromete o resultado. Como se tivesse perdido a noção de que se deslocava na (quase abstracta) linha de intercepção dos dois planos, onde nenhum anedótico lhe era permitido, Hugo Santiago deixa-se cair no gosto da acção. Todo o rigor, toda a austeridade em que se apoia a ficção e a ambiguidade (aparente) do seu sentido, se degradam para o nível das histórias de polícias e ladrões. Nesse nível, aliás, as possibilidades de Hugo Santiago são limitadas, em comparação com os produtos industriais qualificados no género.

Resultará daí (não podemos deixar de arriscar o ainda mais subjectivo que o subjectivo de toda a crítica) que a tensão criada e orientada desde o início se rompe e o jogo final de caça ao espectador resulta parcialmente frustrado. Hugo Santiago, sem querer, ia espantando a caça.

5 — A CAÇA

A alegoria poética da luta em si, do ataque e da defesa na sua essencialidade primitiva que estariam na ficção original de Cazares, adquiriu no argumento de Borges um sinal, revestiu-se de significado, tornou-se alegoria da defesa de valores eternos da cidade e dos símbolos heráldicos da cidade.

Há que vigiar todas as fronteiras, defender todas as fronteiras, o inimigo infiltra-se por toda a parte, está entre nós, dorme connosco na cama. Temos de salvar a cidade, não importa as gentes, *a cidade não é só as gentes*. É o resto que Borges não confessa o que é que conta na defesa de AQUILEIA.

Hugo Santiago, dando importância de mais á cobardia da luta, perturba talvez a clareza desta mensagem. Acrescenta uma ambiguidade involuntária ao nível do anedótico, á ambiguidade pensada e voluntária do argumento. Assim mesmo, o espectador levará para casa o sentimento da necessidade da «defesa». Consciente ou não, elaborado ou não, identificado com os objectivos ou não, esse sentimento que responde á mensagem de Borges, poderá condicionar determinadas reacções: á notícia do jornal, á imagem da TV, á opinião do filho, á recordação de factos passados...

6 — FINALE ALEGRO MA NON TROPO

Com a minha *monstruosa insensibilidade* e servindo os meus *obscuros desígnios* invadi em 24 de Setembro passado a capa e contra-capa deste Suplemento Literário com o meu *retrato directo de Jorge Luís Borges*. A *leitura de tão obsceno documento* provocou a reacção dos defensores de AQUILEIA, que usando os elegantes e contundentes insultos em itálico (*Atribulações de um péssimo fotógrafo*, Álvaro Guerra, in «Literatura e Arte», A CAPITAL, 7 de Outubro de 1970) lamentam que *assim se procure fechar os olhos ao futuro*.

Na apreciação do filme *LA INVASIÓN*, que por certo passará em Lisboa, mantive uma expressão quase ambígua, homenagem a Jorge Luís Borges. Nem assim me salvarei talvez de novos insultos.

Às pessoas que foram apanhadas entre os dois fogos — dos defensores da cidade e dos atacantes da cidade — sem saber por quem tomar partido, apenas sugiro que vejam e leiam com os próprios olhos.

O futuro não se pode ver porque não está feito. Somos nós que o fazemos. E a maneira de o fazer é escolher o seu lugar: tomar ou defender AQUILEIA.

Argumento: **Bioy Cazares Jorge Luís Borges**

Realização: **Hugo Santiago**

NOVIDADES LITERÁRIAS

Obras Completas de
Aquilino Ribeiro

CAMINHOS ERRADOS
Novelas
Um punhado de figuras, movidas, nos labirintos da vida, pela bússola da sua própria inquietude e da sua sede de aventura
Edição normal ..... 50$00
Edição especial ilustrado por Manuela Jorge ... 115$00

●

Colecção Documentos de Todos os Tempos
DUELO DE ÁGUIAS
Peter Townsend
O mais fantástico confronto aéreo da História, por um herói da Batalha de Inglaterra
Volume ilustrado: 110$00

●

Colecção Saúde & Acção
O ENFARTE NÃO MATA
G. R. Roger
Quando conhecemos o nosso estado de saúde, estamos a colaborar no progresso da Medicina
65$00

●

Nova Colecção Ilustrada de Júlio Verne
A JANGADA
II volume
A JUSTIFICAÇÃO
Extraordinários aventuras de um grupo de exploradores em paragens onde impera a lei do mundo vegetal
Desenhos da edição original francesa de L. Benett
25$00

LIVRARIA BERTRAND

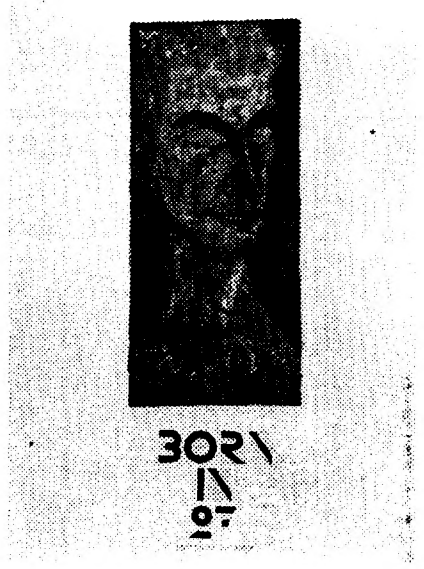
Prontuário das Letras

O manuscrito ou o apartamento?

Pelo preço de um miniapartamento a dez minutos do comboio suburbano (ou de um automóvel de 2000 c. c. de cilindrada, ou de um casamento bastante lauto com peru trufado e champanhes ao nível dos centos de convivas) pode V. Ex.ª, leitor deste Prontuário, adquirir o manuscrito francês de um «Livro de Moras» «ad usum Romanum cum calendario», feito á volta de 1450 é neste momento oferecido aos bibliófilos portugueses por J. A. Telles da Sylva, Avenida 5 de Outubro, 203, 1.º, dir. em Lisboa.

O Prontuário esclarece que o preço do manuscrito em questão se eleva a 125 contos, segundo o luxuosíssimo catálogo mandado imprimir por Telles da Sylva (só este, aliás, faria perder a respiração a qualquer devorador de raridades). Ainda segundo o catálogo, custa 100 contos o livro I da *Cosmografia* de Pompónio Mela (Veneza 1473) junto com a *Descrição do Mundo* de Dionísio Areopagita — se é que traduzimos bém — vertida para latim por Becharia (mesma cidade, mesma data). Mencionemos também uma *Arte de Gramática*, de André de Resende (Lisboa, 1540), por 50 contos e vários escritos de Vieira incluindo os *Sermões*, por 35.

Preencher á vontade com pontos de exclamação. Em Lisboa, aos 25 de Fevereiro de 1971.



«Born in 27»

Mais pontos de exclamação diante de *Born in 27*, o quinto livro de poemas de Alonso Fénia, que a Estampa está a distribuir numa das mais belas edições portuguesas que nos foi dado ver nestes últimos anos. A beleza é sobretudo da capa, pelo que nos sentiríamos mal se não referíssemos o nome do maquetista responsável — aliás uma senhora, Alda Rosa.

Quanto ao volume em si, a crítica há-de pronunciar-se. Consta de sete dezenas de pequeníssimos poemas, vários deles com um único verso (além do título), escritos em francês, inglês e português, ás vezes simultâneamente em duas destas línguas, como acontece com «Pig my Lion»: «Thank you my will./Tu m'as donné la jeunesse de voir».

Cadernos que voltam

Voltaram os Cadernos do Século, cuja interrupção datava de há meses. Voltaram com dois novos títulos: *Alienação e Liberdade* e *Como viveremos em 1980*, e ao mesmo baixo preço do lançamento inicial (15$00).

Voltado para um futuro tão próximo que muita gente pura e simplesmente faz por ignorá-lo, *Como viveremos em 1980* dá-nos textos de 16 autores, entre os quais Alfred Sauvy, Michel Ragon, prof. Bernard Lovell, John Kenneth Galbraith, Jean Fourastié e Arthur Koestler. *Alienação e liberdade* tem menos artigos (apenas 9), mas a sua equipa inclui Michel Foucault, Alfred Fabre-Luce, Raymond Aron e Desmond Morris — e mais não é preciso dizer. Um voto: que estes cadernos regularizem a sua saída e não aumentem o preço de capa.

Para holandês ler

Para holandês ler, e com tradução de A. Willemsen, acaba de aparecer na terra das tulipas uma antologia de *Mestres da literatura portuguesa*. Editor: Meulenhoff.

Dezasseis autores, treze dos quais vivos, estão representados. Leia-se com atenção a lista: Eça de Queiroz, Miguel Torga, Joaquim Paço d'Arcos, Ferreira de Castro, Fernando Namora, Alves Redol, José Régio, Branquinho da Fonseca, José Cardoso Pires, Virgílio Ferreira, Mário Dionísio, Jorge de Sena, Manuel da Fonseca, Urbano Tavares Rodrigues, Luandino Vieira e Rentes de Carvalho.

Saramago em crónica (5)

José Saramago, poeta, técnico de edição, homem de vários ofícios ao longo da vida (se a vida fosse fácil também não valia a pena), é o autor da quinzena na Biblioteca Arcádia de Bolso com *Deste mundo e do outro*. Em primeira leitura — crónicas. Em segunda leitura — uma cerrada autobiografia onde a primeira pessoa de singular está solidáriamente com os outros viventes. Textos por vezes cruéis, daquela crueldade que o próprio quotidiano traz á tona dos dias, mas escritos sempre numa linguagem simples e desafectada.

Saramago: cerrada autobiografia

& outras coisas

PRÓ ou CONTRA? — A favor: Pierre de Calan. Contra: Jacques Maroselli. Tema. *As liberdades sociais e económicas* (ed. Livros do Brasil).

BRAGA, Mário — Mais uma reedição na sua série de Obras publicada pela Parceria A. M. Pereira: *O reino circular*, com pretácio de Alberto Ferreira. Facto a registar de passagem é o de a Parceria chamar a Mário Braga «O mais fecundo escritor da geração de 40».

VASSILIKOS, Vassilis—Quase pronta para ler, com chancela da Bertrand, a sua *Trilogia*, que consta de três «pequenos romances»: *A planta, O poço e o anjo*.

V. V.: 3 «pequenos romances»

As «viagens» de Mailer

Cont. da pág. 1

agora fazer incisões no satélite de platina da nossa loucura, do nosso amor, dos nossos sonhos». Para ele, «Apolo 11» é um sacrilégio científico. Logo, o livro surge como a sua vingança, uma pesquisa do âmago mágico e humano do acto, um esforço para roubar a lua á NASA e aos astronautas e reivindicá-la (e a eles) para a psicologia existencial.

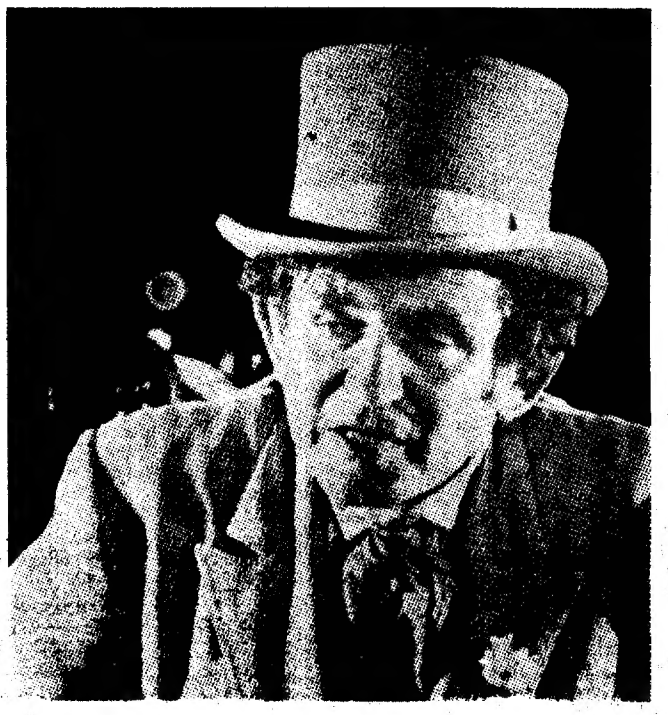
Mas há um outro aspecto de «of a Fire on the Moon» que o torna diferente dos mais recentes livros de Norman Mailer. O primeiro capítulo intitula-se «A Loss of Ego» (Uma Perda do Ego) e nele Mailer tenta convencer-nos que o desafio do tema o forçou a transformar-se num «acólito da tecnologia... a viver sem o seu ego... a observar como se fosse invisível». À parte todos os interlúdios especulativos, esta disposição domina efectivamente grandes zonas do livro, especialmente a vasta parte central — «Apollo» —, onde o «mau rapaz» (Mailer) dos livros anteriores, que nunca conseguiu estar nos locais onde a acção se passava (porque esta estava quase sempre na sua própria cabeça), se comporta com tanta responsabilidade que chega a ser fastidioso.

De facto, este é um novo Mailer, que dominou escrupulosamente todos os pormenores técnicos, um paciente e por vezes inspirado explicador de conceitos

científicos, apostado em guardar para a posteridade todas as porcas e parafusos do voo histórico. Para tanto, ele atenua a sua prosa notável de forma a transformá-la numa colagem de falas de outras pessoas, registando na escrita vastas passagens de insignificantes transcrições verbais e neutras narrativas diárias — numa falsa atitude de auto-anulação e de obediência á convenção jornalística. Norman Mailer serve para isto?

Certo que ele não estava interessado em repetir êxitos anteriores; certo que o «Life Magazine» ofereceu uma modesta fortuna a um escritor que nunca fugiu ao sucesso, ao dinheiro e á fama; certo o seu desejo de «ter a mão na garupa da História». Mesmo assim é de admirar que Mailer tenha assumido um compromisso antipático ao seu talento e que o tenha executado, com grande esforço, numa tão grande escala.

Na última — e comovente — parte do livro («The Age of Aquarius»), o escritor regressa á veia mais pessoal das primeiras 150 páginas, ao estilo do seu anterior jornalismo: escreve sobre as depressões do Verão de 1969, a altura não só do lançamento para a lua mas também de Woodstock, Chappaquiddick e do assassinato de Sharon Tate — de todas as contradições da América de hoje; escreve ainda sobre o desfazer do seu quarto casamento, sobre os amigos vagamente doidos de Provincetown, sobre a louca contra-cultura em que se inclui.



Mailer: vitória da linguagem sobre a realidade

No entanto, o livro não deixa de pesar como um tributo, embora não ortodoxo, á NASA e aos astronautas, feiticeiros nacionais que podem até acender lume nos desertos sem ar da lua. Nas engenhosas e triunfais últimas linhas, Mailer diz que «Nijinsky da ambivalência», encontrou num pedaço dessa rocha nua uma «nova amante» que podia finalmente amar, libertar e revelar ao mundo. Mas rochas e livros sobre elas não fazem boas amantes — nenhuma nova ciência aí nos ajuda. Estas últimas linhas quase admitem aquilo que Mailer já parece saber: que o triunfo é retórico — uma antiquada e ôca vitória da linguagem sobre a realidade, do livro sobre a experiência imediata.

(Adaptado de um artigo de Morris Dickstein in «The New York Times Book Review», Jan. 71)

TAP — um modo de transportar

MARCA 70

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

DIARIAMENTE — e para todos os destinos — a sua carga é transportada pela TAP, com rapidez e todo o cuidado. Antecipe-se à concorrência colocando as suas mercadorias em qualquer mercado no próprio dia de embarque. Utilize as novas tarifas reduzidas e o modo de transportar TAP.

em boa companhia

Consulte o seu Agente de Carga

SENSACIONAL

Vá a Madrid, na Páscoa, OFERTA JOVICA, [illegible] 15 prémios iguais para 2 pessoas) 5 dias, viagem em auto-pullman de luxo, Hotel de 1.ª, visita à cidade e Vale dos Caídos, etc. Sorteio a realizar em 27/3/71 autorizado pelo Ex.mo Sr. Governador Civil de Lisboa. E no altura da compra receba logo o [illegible] para todos os clientes

TELEVISORES
Desde 100$00 Mensais, oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS
Desde 100$00 Mensais

ESQUENTADORES
Desde 100$00 Mensais

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
Desde 150$00 Mensais

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA
Desde 150$00 Mensais

SEM ENTRADA | FIADOR

JOVICA

LISBOA: Largo D. Estefânia, 12-C
Telef. 53 45 36
Avenida 5 de Outubro, 53-C
Telef. 4 77 69
FILIAIS: CACÉM — SINTRA — CASCAIS
VENDA NOVA

Um Musil uruguaiano

Cont. da pág. 1

ferrugem, é aqui mais do que nunca um símbolo, o de um fatalismo da condição humana que nos faz pensar em Musil e Kafka, sobretudo Musil. Já em *El astillero*, Larsen exprimia esse fatalismo: «a desgraça, a infelicidade do ser humano não é a pouca sorte que acontece num determinado momento da vida e depois se vai embora... A desgraça não tem necessidade de movimento, não chega e se instala e depois desaparece, a desgraça é outra coisa, não tem nada a ver com os acontecimentos, se bem que ela os utilize para se manifestar. A desgraça não *está*, ela é.» Esta ameaça sempre presente é-nos dada através de uma obsessão que confina com a abstracção. Assim, o clima psicológico de *Juntacadeveres* é essencialmente abstracto, obsessivo porque abstracto. Esta abstracção começa pela própria vila em que se situa a acção do livro, Santa Maria, descrita desde o princípio como uma vila fantasmal, sem relevos, inacessível: «o automóvel preto que transporta as três prostitutas vindas da capital atravessa um espaço «bordado de vazio, de portas fechadas, de janelas e de varandas sem olhar nem luz»; depois, é a chuva que cai e persiste, «sem violência estática, como uma ampla superfície de som» Uma das personagens principais do livro, Jorge, um adolescente de 16 anos, filho do director do jornal local, vê Santa Maria como sendo «uma vila-brinquedo uma construção infantil de cubos brancos e cones verdes percorrida por insectos lentos e infatigáveis.» Os rostos, os corpos confundem-se com a paisagem numa mesma neutralidade, tudo se dilui e degrada sob o olhar humano. Quando o Diaz Grey, médico de província, mandado por Barthe, farmacêutico e conselheiro municipal, vai propor a Larsen de se encarregar da administração do bordel, olha-o como se Larsen fosse «feito de uma matéria á base de tédio e absurdo». Dir-se-ia que a vida se torna abstracta pela sua própria intensidade, uma intensidade, semelhante á do perfume dos jasmins que invade Santa Maria todos os dias «como uma onda branca longa e baixa».

Onetti: outro Musil

O «HOMEM SEM QUALIDADES»

Neste mundo de «fantasmas respeituosos», Larsen, ex-guarda livros do jornal, *gigolo* e vagabundo becktiano, ambiciona poder e riqueza mas ao mesmo tempo é indiferente a tudo, essa ambição serve-lhe apenas para iludir essa indiferença. Larsen é de facto o «homem sem qualidades» de Musil. Aos cinquenta anos, fisicamente decadente, envelhecido pela obesidade, resta-lhe esta obsessão: fundar um bordel em Santa Maria. Fundar este bordel é para Larsen como que «casar *in articulo mortis*, acreditar em fantasmas, fazer obra de Deus». Rodeado de velhas prostitutas a que chama «cadáveres» (daí o título do romance — *Juntacadeveres*), Larsen compraz-se em assistir á morte quotidiana de essas mulheres, á sua lenta condenação biológica. Mas este reino magnífico de cadáveres, espelho secreto de todos os habitantes da vila, vê-se em breve ameaçado por aqueles que em Santa Maria defendem ainda a moral «eterna» e se sabem defender deles próprios: Marcos, o lavrador ávido de poder, com a cumplicidade do seu tio, o padre da vila, lança-se á «guerra santa» e, graças ao método das cartas anónimas informando as mulheres da vila que os seus maridos, noivos ou filhos frequentavam o bordel de Larsen, consegue que este seja encerrado por ordem do governador e que as prostitutas sejam expulsas

Paralelamente á história de Larsen e do bordel, Onetti conta-nos a história de Jorge e da sua cunhada, Julita, jovem viuva que ficara semilouca com a morte do marido, Federico. É uma estranha história de amor em que a «breve liberdade do ódio» e o medo, únicas formas de «sair de si próprio», propiciam um ritual alucinante a que, todas as noites, Julita inicia Jorge, o adolescente, evocando Federico até á identificação total de Jorge com o seu irmão mais velho, ritual que culmina no paroxismo erótico e no suicídio.

O desespero de Julita, que supõe ou quer acreditar estar grávida de Federico, transforma-se num medo feroz e ávido. E então, Jorge, que sente esse medo «correr gota a gota» como um eco perfeito do seu próprio medo, compreende que Julita, como mulher, é «muito mais forte, infinitamente mais antiga, perfeita e solitária como a unidade primordial». E o próprio medo leva-a a revelar-lhe «com um ardor desesperado», todas as formas possíveis da luxuria, da perversidade sexual, acabando por se suicidar.

Esta morte é afinal, o unico acto positivo do romance, a unica forma de esperança possível: por causa dela, o adolescente decide partir de Santa Maria, afastar-se desse mundo de fantasmas, a lembrança de Julita servindo-lhe de incentivo para uma luta que ele não sabe ainda definir. É essa, talvez, a luta do «homem sem qualidades»

Paris, Dezembro/1970.

ÁLVARO M. MACHADO

Transit
as únicas comerciais 100%

100%

Gasolina e Diesel
Utilitárias de 6 e 9 lugares

não se contente com menos!
LINCURI
CONCESSIONÁRIOS Ford
AV. DA REPÚBLICA, 2 — LISBOA
E CONCELHOS DE CASCAIS, LOURES, OEIRAS, SINTRA E VILA FRANCA DE XIRA

Respostas a Igrejas Caeiro

Cont. da pág. 3

espectadores? Por que hão-de ser sempre os mesmos? A transformação do nosso teatro passa pela subversão de preconceitos que o dominam — essa subversão não poderá [illegible] ser feita por nós.»

É aí, como dessa transformação que a crítica age. Termino com uma citação do crítico inglês Martin Esslin: «Só a formação de um público realmente crítico, plenamente consciente de si próprio, poderá opor-se vitoriosamente a uma manipulação de cérebros. Pois só aqueles que possuem um absoluto domínio das suas reacções podem pretender ser mais do que simpels autómatos.» A formação desse publico passa, creio eu, pela acção da crítica

(1) A este grupo juntou-se agora um jornal que mão amável (?!) me fez chegar, anónimamente, de Coimbra O sr. A. Marinho insurge-se contra uma expressão que usei numa recente crítica: «O crítico — diz ele — que nem sequer poupou sarcasmos a camaradas parisienses» (caramba, alto lá com estes Parisses!) «Incluí no rolo dos patetas toda a plateia, só porque a esta agrada um espectáculo que a ele o olímpico e excelso conhecedor de Teatro (sou eu) não satisfaz!» Talvez valha a pena explicar a este senhor o seguinte: os espectadores fazem parte integrante de um espectáculo teatral: a sua participação é tão decisiva como outra qualquer. Se uma plateia não se apercebe que está a comer gato por lebre, procede de uma forma pateta (palerma, disparatada, insensata) falha como publico. É evidente que não está em causa o civismo ou a craveira intelectual das pessoas que vão ao teatro mas apenas a sua participação na qualidade de espectadores (e só nessa qualidade os responsabilizo). Calcule, sr. A.

Marinho, que eu próprio, que não me tomo pelo supra-sumo da inteligência e intelectualidade (há práí tantas sumidades...), ao contrário do que diz, tomar-me-ia por bastante pateta se não achasse um piadão ao seu artiguinho a fingir de viperino e ao anónimo envio.

CARLOS PORTO

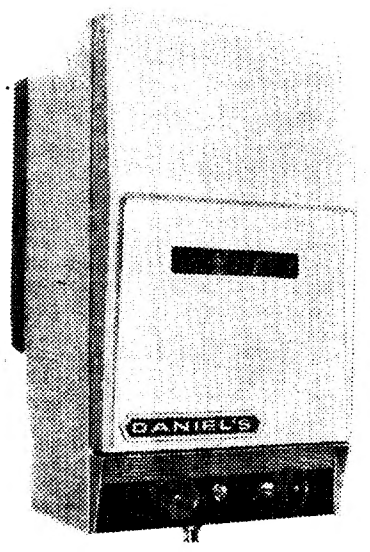
Pintura

Cont. da pág. 8

mas reais e a própria dimensão expressiva, autónoma, desses dados. O espectador é assim envolvido numa teia subtil de aliciamentos, seduções gratuitas, enganos e contradições formais, acabando por ter de assumir a sua própria liberdade de leitura perante objectos que permanecem sobretudo pintura (de um luxuoso bom gosto) mas que suspendem da sua zona fenomenológica constantes aberturas á memória da nossa experiência no real.

Por fim, uma anotação que talvez seja necessária: parece-nos que o talento de António Mendes pode tornar-se inimigo do seu sentido crítico, ou da extrema vigilância que deve manter em relação ao movimento evolutivo da sua linguagem. Os expedientes muito claros da sua técnica, que facilitam a resolução de certos problemas, podem tornar-se corpo vazio de um receituário, boicotando a agilidade imaginativa e portanto a permanente conquista de um espectáculo novo, alheio por carácter ás seduções e assimilações do consumo. Compete ao artista conservar intactas as suas razões mais profundas de afirmação.

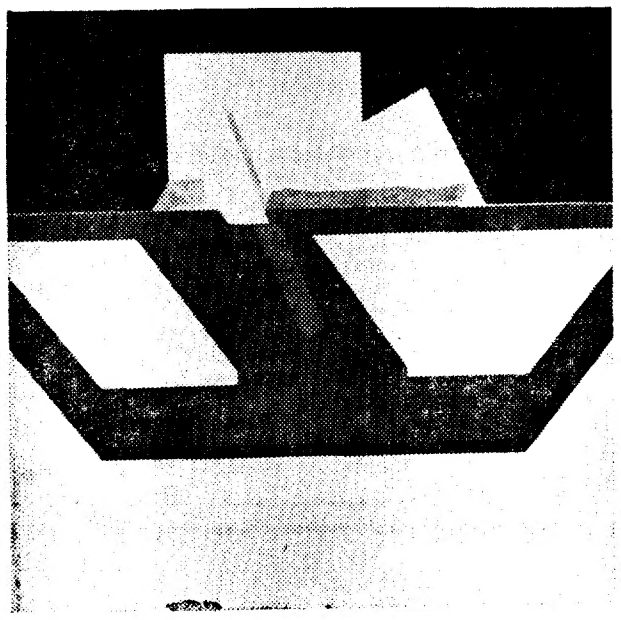
ROCHA DE SOUSA



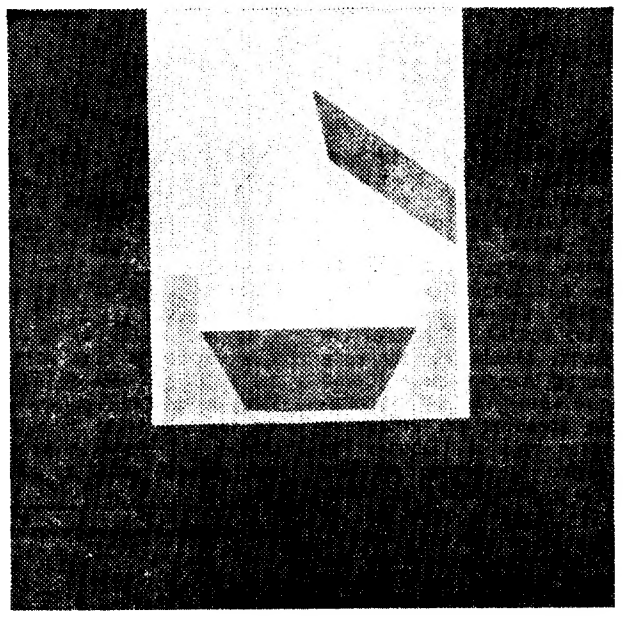
PARA GÁS BUTAN
E HULHA
• Acabamento perfeitíssimo
• Totalmente esmaltado exterior e interiormente
• Segurança absoluta
• O automático funciona mesmo em quente. Uma das características de
★★★★★ DANIEL'S

VOCÊ VAI CONCORRER
compre FLAMA REVISTA SEMANAL DE ACTUALIDADES
CONCURSO

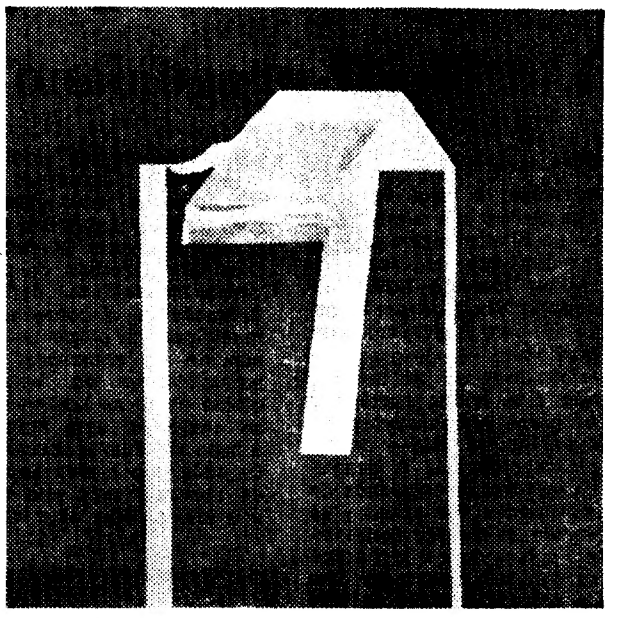
1º prémio: um automóvel Ford CAPRI 1600 GT XLR
MUITOS OUTROS PRÉMIOS GRUNDIG, TURISMO BRITÂNICO, VALENTIM CARVALHO E ESTABELECIMENTOS MELODIA



António Mendes...



faz de cada evocação...



uma realidade plástica

PINTURA

AINDA UMA RESISTÊNCIA

A criação de formas tem hoje um vasto campo de aplicação nas sociedades desenvolvidas, quer estas se nomeiem ou não sociedades de consumo. Os artistas são assim levados a desdobrar-se por diferentes ramos de especialidade (excluindo-se das designações profissionais comuns no caso da livre expressão), integrando-se portanto em certos esquemas de produção intimamente ligados á estrutura social.

O moderno incremento das artes gráficas cabe nessa perspectiva e a própria pintura de expressão livre, ao reflectir a visão de um tempo, vai muitas vezes socorrer-se dos expedientes dessa linguagem, dos seus elementos de código, tal como se aproxima do cinema ou da fotografia, tal como se desdobra pelo espaço em busca de expressividades de envolvimento, integradas ou de pura provocação. Se, por um lado, as especialidades se definem e ganham autonomia, multiplicando-se no quadro das classificações profissionais, por outro lado intensificam-se as suas inter-relações, o que exige com frequência a constituição de programas de trabalho em equipa.

Essas são algumas das realidades que fazem com que o pintor de cavalete esteja cada vez mais isolado perante formas de consumo bem determinadas e limitadas. A pintura de cavalete, auto-destruindo-se, reflecte directa ou indirectamente as conquistas daqueles comportamentos atrás referidos, ela própria os provoca em certas alturas, e isso determina-se numa maior compreensão dos novos dados que vão definindo a vida dos homens, os gostos e solicitações de um tempo, os seus equívocos, afirmações e revoltas.

ANTÓNIO MENDES
Galeria Judite Dacruz

UM GRÁFICO PINTOR OU VICE-VERSA

António Mendes, artista da mais recente geração, descende em linha directa de uma formação profissional conduzida pelo trabalho nas artes gráficas. É bom acrescentar-se que muitos pintores soçobram á influência desse trabalho e deixam-se «reclassificar» sem apelo dentro da respectiva especialidade. O singular talento de António Mendes tem impedido em grande medida que tal aconteça.

O problema de muitos artistas plásticos que se desdobram entre as artes gráficas e a pintura reside na sua incapacidade, não propriamente de distinguir as respectivas formas e meios, mas sobretudo na dificuldade de os separar na acção, conservando embora os elementos fundamentais e significantes de cada experiência. O desdobramento profissional, de resto, tem que ver com as condições de mercado nas sociedades actuais, que ajudam á ramificação das especialidades e põem em causa o artista dedicado á produção de objectos não integráveis nas linhas imediatas de consumo, o experimentador de formas e meios de objectivo estético, perecíveis para além da sua curta afirmação polémica. São, no entanto, as próprias transformações sociais que estimulam o movimento de emancipação dos artistas modernos, abrindo campo para o debate, para a exacerbação imaginativa e para a circulação estridente ou provocatória de formas novas, com vida efémera, cuja natureza vem agitar as ideias sobre o mundo e o comportamento dos seres. A contradição é muito rica de implicações, porque o artista é constantemente solicitado, utilizado e inutilizado, conforme se opõe pela sua «viagem» ao meio e é por este assimilado ou reconvertido de acordo com os padrões mutáveis da cultura e as relações de produção e consumo.

António Mendes, artista gráfico qualificado, capaz de fornecer nesse domínio respostas eficazes ás solicitações do meio, defende a sua íntima personalidade de criador de formas realizando uma pintura que apenas absorve das artes gráficas a essência da disciplina, a rigorosa definição dos objectivos formais, a clara exposição dos meios e uma preciosa funcionalidade técnica. O pintor conserva aqui, de um modo quase integral, os elementos fundamentais da sua outra experiência, conseguindo no entanto libertar os dados da linguagem pictórica de restritivas dependências. A própria metodologia técnica, que absorve á partida condições e hábitos de trabalho inerentes á actividade gráfica, reajusta-se á realidade da pintura (fala-se da técnica e também dos aspectos tecnológicos), abrindo-se a uma nova perspectiva de expressão. António Mendes não transporta para o quadro os vícios ou as frustrações de enfadonhas rotinas: assume deliberadamente, na construção do seu espaço pictórico, as linhas de realização experimentadas noutro plano e confere-lhes um novo tipo de funcionamento, uma nova dimensão poética. Em grande medida, o segredo dessa conquista, ou dessa reconversão expressiva dos meios, reside numa correcta distinção dos objectivos. Nas artes gráficas, a definição do problema tem uma importância decisiva para a descoberta da forma e para a consolidação da sua eficácia. A forma «marra» uma trajectória onde se inscreve certo tipo de comunicação, é despojada e funcional, comporta a identificação de um objectivo particular. Na pintura de António Mendes, toda a realidade gráfica da forma volta-se para a sua própria essência, contém diferentes e simultâneos objectivos, furta-se a prestar expressamente qualquer serviço isolável ao apelo de leitura do espectador.

A LINGUAGEM E UMA ANOTAÇÃO

Mas os objectos expostos na Galeria Judite Dacruz são também, de um modo quase ortodoxo, pintura de cavalete. De uma qualidade artesanal luxuosa, de um bom gosto cheio de limpeza e determinação. Aí se exprime, alusiva e requintadamente, o papel da mão e dos instrumentos em certos tipos de representação que aceitam misturar-se e sobrepor-se — o traçado rigoroso executado com meios de precisão o apontamento «paisagístico» descortinável de imagináveis aberturas, a memória, a imprecisão de horizontes exteriores, registos que se acumulam no mesmo plano como reflexos de acções separadas mas convergentes do ponto de vista da expressão.

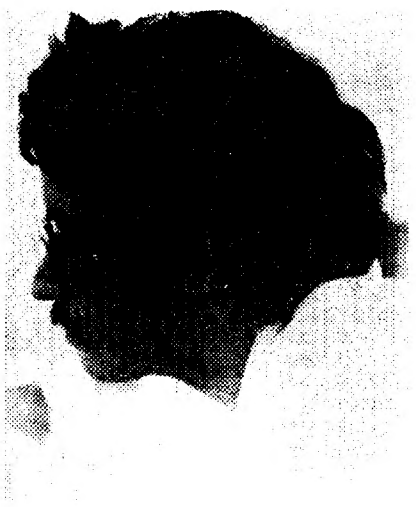
A prancheta é o suporte final dessas acções, tabuleiro onde o desenhador experimenta metódicamente a sua estratégia — ou superfície que acaba por se confundir com o meio onde a pintura se tece. Essa pintura codifica-se em função de sinais gráficos, reportando-se a uma realidade que longamente se transformou em imagens convencionais, planos geométricos, pontos matemáticos de referência e de escala, caligrafias anotadas da sombra ou da distância, valores tonais capazes de escalonar a distribuição da luz, tintas impulsivas que assinalam o esboço de certas impressões. Tudo isso coexiste no mesmo plano pressupondo uma conjugação de esboços paralelos que evocam quase sempre o traçado de espaços habitáveis, projectos ambíguos de arquitecturas onde a paisagem também se instala, ou os fragmentos de um gesto, de uma forma quotidiana e banal, presenças incompletamente assumidas. Em António Mendes, no entanto, a forma pictórica não se organiza em termos narrativos, não conta objectivamente trajectórias isoladas: pelo contrário, faz de cada evocação uma realidade plástica, um movimento que pode ser identificado e apreciado na sua íntima autonomia — uma linha recta, uma figura geométrica, uma rede gráfica delicada, um conjunto de pinceladas isolando e caracterizando o gesto. É a própria linguagem em formação para além das apropriações que constantemente a alimentam. A expressão gráfica dos traçados concentra-se sobre a própria realidade dos elementos em vez de assumir o significado deles em ordem a um mundo determinado pela «marcação» da nossa existência. É isto que confere á pintura de António Mendes uma mobilidade muito rica, enquanto oscila poéticamente entre as equivalencias gráficas de for-

Cont. na pág. 7

Rocha de Sousa

AUTORES de HOJE

Joaquim Vieira



Nasceu em 1946, em Avintes. Frequentou a Escola Superior de Belas Artes do Porto até 1968. É diplomado em Pintura. Participou nas V. VI eVII Exposições Extra-Escolares da E. S. B. A. P. Em 1969 participou nas Exposições Comemorativas do Cinquentenário da Morte de Sousa Cardoso (Amarante) e na Exposição do Banco Português do Atlântico (S. N. B. A., Lisboa). Em Janeiro de 1970, realiza a sua primeira exposição individual na Galeria Árvore, Porto, integrada na série «Porque sim, porque não?». Participou ainda em 1970 no Salão de Verão da S. N. B. A., integrado na Galeria Alvarez; e na Exposição-Abertura da Galeria Ogiva (Óbidos). Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

Artista da mais nova geração, Joaquim Vieira expôs recentemente na Galeria Buchholz. Ele próprio nos diz que essa exposição «é o resultado de alguns meses de meditação sobre o valor dos símbolos, a sua representação formal e a sua historicidade». Embora esse programa não tenha ficado bem expresso na exposição em referência, parece que o caminho deste jovem autor se processa (ou começa a processar-se) em torno de estruturas muito simples e segundo um critério em que a precaridade e a transitoriedade dos elementos informam a própria doutrina estética.